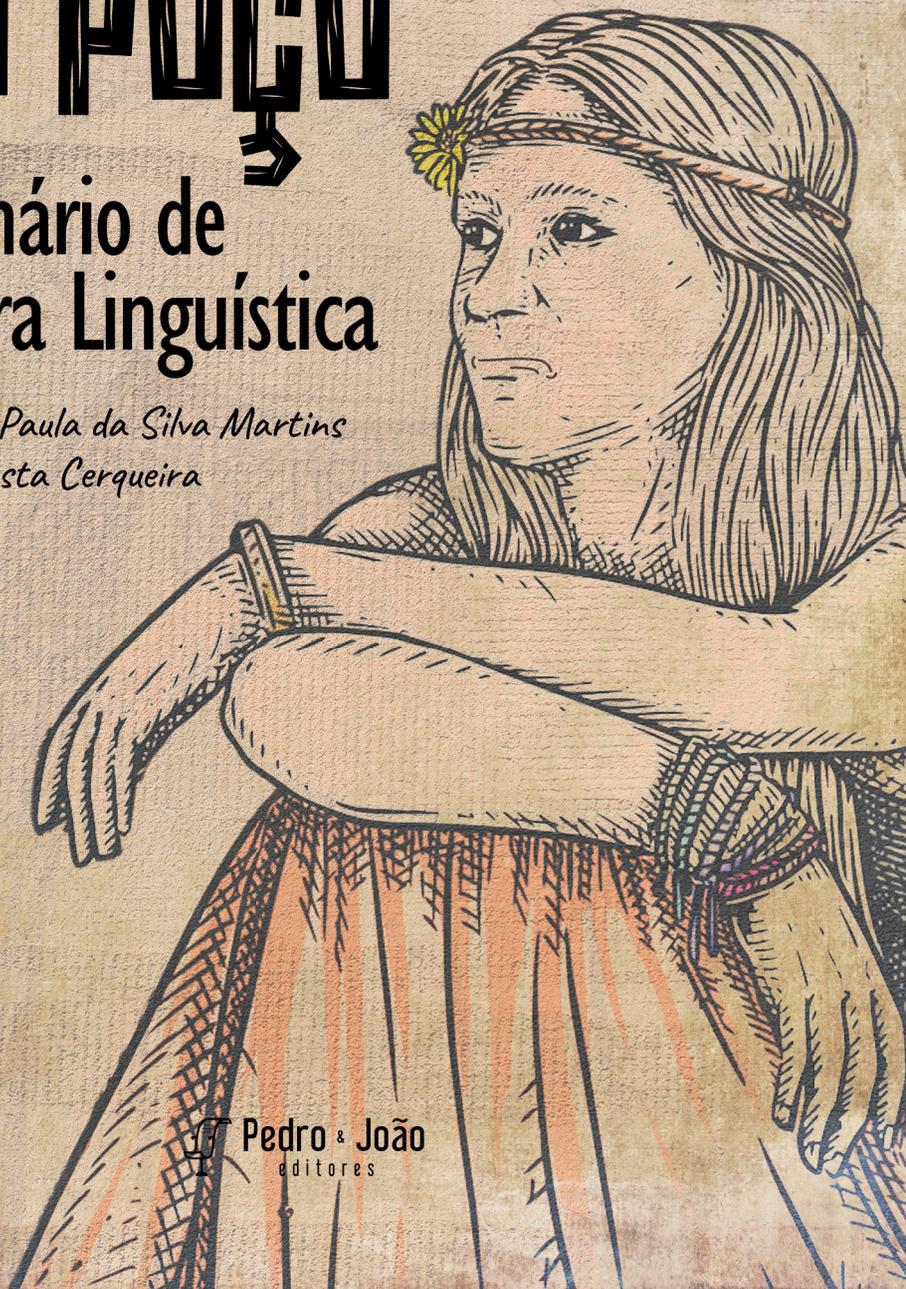


Dona Guidinha do Poço

Dicionário de
Cultura Linguística

*Vicente de Paula da Silva Martins
Gislaine Costa Cerqueira*



Pedro & João
editores

DONA GUIDINHA DO POÇO
DICIONÁRIO DE CULTURA LINGUÍSTICA



**Vicente de Paula da Silva Martins
Gislaine Costa Cerqueira**

**DONA GUIDINHA DO POÇO
DICIONÁRIO DE CULTURA LINGUÍSTICA**



Copyright © Autora e autor

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora e do autor.

Vicente de Paula da Silva Martins; Gislaine Costa Cerqueira

Dona Guidinha do Poço. Dicionário de cultura Linguística. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 137p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-0255-6 [Digital]

1. Dicionário de Linguística. 2. Variação Linguística. 3. Culturemas. I. Título.

CDD – 410

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2022

À amiga, professora e pesquisadora *Fernanda Maria Abreu Coutinho*, por seu infinito prazer de ensinar literatura na Universidade Federal do Ceará (UFC).

SUMÁRIO

As clássicas “duas palavras”	3
Resumo do Romance	13
Procedimentos metodológicos e a descrição dos culturemas do dicionário	15
Dicionário de Cultura Linguística em DGP	23
Textos para Análises Estilísticas (DGP)	103
Referências	129
Anexo I - Categorias para análise dos referentes culturais adaptado por Vicente de Paula da Silva Martins à análise literária a partir do modelo de Igareda (2011)	131
Anexo II - Quadro sintético de categorias para análise dos referentes culturais adaptado por Vicente de Paula da Silva Martins à análise literária a partir de Igareda (2011)	135
Sobre o autor e a autora	137

AS CLÁSSICAS “DUAS PALAVRAS”

A obra de *Dona Guidinha do Poço* (DGP, doravante), certamente, é uma das mais notáveis (para não dizer miríficas) obras de Manuel de Oliveira Paiva, ao lado, dos romances *Luzia-Homem* (1903), de Domingos Olímpio e *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz. A publicação de sua primeira edição é, tardiamente, datada de 1952, segundo relato de Lúcia Miguel Pereira, que encontrou o romance completo (sob a custódia de Américo Facó) e, de posse dos originais, fez uma belíssima apresentação em 1951, antes mesmo de enviar o material para Edição Saraiva (São Paulo). Na sua apresentação, Lúcia postula que o romance de Oliveira Paiva deve ter sido escrito ao mais tardar em 1891. Faz sentido sua postulação uma vez que seu autor faleceu no ano seguinte. É um romance que se destaca pela escrita fiel (variação linguística) às formas do falar nordestino, e é justamente por esta riqueza de detalhes, que muitos leitores de primeira viagem taxam-no como obra de difícil compreensão ou nada fácil de entender entre as da escola naturalista brasileira. Aqui, então, entra a finalidade do Dicionário de Cultura Linguística (foco na fraseologia literária) de DGP: a recolha dos regionalismos, literário e linguístico, para que possamos melhor entender a força de expressão linguística da cor local do romance.

Este Dicionário é originalmente uma pesquisa básica proposta por mim e desenvolvida, em 2016, pela Gislane Costa Cerqueira, graduanda do Curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), em Sobral, a 290,8 km de Quixeramobim, onde Maria Francisca de Paula Lessa, conhecida por Marica Lessa, foi acusada de haver mandado matar o marido (Domingos Vítor de Abreu e Vasconcelo), sendo condenada a 30 anos de prisão. A história de Marica Lessa foi recontada pelo escritor Manuel de Oliveira Paiva no romance DGP. A partir de pesquisa acadêmica para o Programa de Iniciação Científica (FUNCAP/CE), intitulada de Frasemário Literário: coleta, organização e análise de expressões e outras combinatórias polilêxicais no romance de DGP (1952), objetivou-se, com a recolha e

análise dos termos regionais, “quebrar barreiras” entre os diferentes falares de modo a explicar e contextualizar o falar regional marcado na referida obra.

Até a publicação deste Dicionário, muitas surpresas surgiram pelo caminho, uma delas foi quando constatamos que já havia na primeira publicação (anexado à edição de 1952) um glossário elaborado por Américo Facó sobre os termos regionais. O que na verdade nos maravilhou, especialmente na seleção dos termos regionais, foi a técnica lexicográfica levada a efeito por Facó para anexar o vocabulário regional ao romance. Fascinante. Uma vez em conversa reservada com a escritora Rachel de Queiroz, em Fortaleza, falou-nos de um dia poder contemplar um glossário de termos regionais anexar ao seu romance O Quinze. Estamos concluindo este Dicionário de Cultura Linguística de O Quinze a ser publicado brevemente. Foi nessa atmosfera lexicográfica e a partir disso, que se analisamos os itens que compõem este Dicionário e decidimos, eu e Gislane, ampliar o que já se tinha feito exemplarmente por Américo Facó. O desafio, então, tornou-se maior à medida que fomos redigindo, relendo, revisando e analisando a obra com muita atenção. Aliás, esse trabalho braçal de redigir a obra, considerando, sobretudo, o padrão ortográfico da época, foi fundamental para a constituição deste Dicionário. O zelo profissional de Gislane, na hora de redigir e revisar o redigido, foi, realmente, exemplar, o que nos permitiu constituir um *corpus literarius eletrônico* de DGP, expedito para outras pesquisas futuras, e já disponibilizamos, desde logo, o material para interessados em estudos linguísticos ou literários do romance cearense.

O Dicionário de Cultura Linguística de DGP tem cerca de 246 entradas lexicais, nomeadamente lexias simples, compostas e complexas, e, particularmente, destacamos as de natureza fraseológica como as expressões idiomáticas, provérbios e ditados populares, palavras de emprego regional, tabuísmos, latinismos, itens com um idiotismo cearense enriquecido com informações lexicográficas; daí terem entrada lexical, acepções e exemplos contextualizados da obra. Não tem, porém, a técnica lexicográfica própria de um dicionário geral (tipo Houaiss, Aulete etc). Por se tratar de um dicionário de língua e cultura, as entradas não estão, rigorosamente, organizadas em ordem alfabética (por vezes, o

significante é considerado apenas o núcleo da unidade fraseológica). Cada parte que compõe este Dicionário foi pensada e revisada até chegarmos aos melhores métodos de recolha para o consulente.

Voltamos a insistir: a rigor, o presente Dicionário não segue intencionalmente os parâmetros notacionais da lexicografia tradicional. A Cultura Linguística, expressa no campo artístico-literário, como em DGP, revela que os dicionários gerais efetivamente não dão conta de complexidade lexical da cultura regional (só mais recentemente dicionários gerais como Hoauiss, por exemplo, registram termos regionais, em série, como purée, pirê, purê, pirão, brasileirismos próprios da culinária cearense). Como comprovamos, no presente livro, fizemos uma breve recolha de locuções, expressões idiomáticas, provérbios, ditados populares e colocações da obra naturalista, indício importante para uma pesquisa mais demorada no campo da linguagem, no futuro, para que, quem sabe, termos condições plenas para a constituição de um dicionário mais completo de cultura literária a partir das obras literárias de cunho regional.

Boa leitura!

RESUMO DO ROMANCE

Distribuído em cinco livros, DGP narra a história da rica e destemida Margarida Reginaldo de Oliveira Barros. O enredo da obra se passa no município de Quixeramobim. Margarida é uma mulher generosa, procurava sempre tratar bem os retirantes que por lá passavam, e lhes dava o que fosse necessário para a caminhada, desde de que não ficassem em uma de suas fazendas. Era dona de cinco fazendas, prédios, gados e muitos escravos, tudo herdado de seu avô Reginaldo Venceslau de Oliveira, um rico fazendeiro português, e casada com o major Joaquim Damião de Barros, mais conhecido como Quinquim, homem de bem.

O casal dar as boas-vindas ao sobrinho de Quinquim, Luís Secundino de Sousa Barros, que saiu de Goianinha, Pernambuco, para refugiar-se na fazenda do tio, pois estava sendo acusado de matar o padrasto. Guidinha, como Margarida era popularmente conhecida, logo se apaixona por Secundino, entretanto relacionamento entre eles fica subtendido, porém Quinquim desconfia do romance e decide tirar o sobrinho da fazenda. Para vingar-se, Margarida faz um “acordo” com seu amante e com Silveira, o irresponsável retirante acolhido na fazenda pelo major, e planejam o assassinato de seu marido, que acaba morto covardemente por Naiú, um outro empregado da fazenda, a mando de Guidinha.

Considerada como a mandante do crime, Guidinha é presa ao som das vaias da população enfurecida com a frieza da sicária. De cabeça erguida, enfrenta a fúria da turba, entretanto, a única preocupação que aflige seus pensamentos é a “injustiça” de Secundino ter sido preso como um dos responsáveis pelo crime.

Percebe-se na obra DGP elementos que caracterizam o regionalismo linguístico, sobretudo sobre a linguagem dos personagens inseridos na obra. O cenário do romance possui características que reforçam o regionalismo no qual possui traços que identificam os costumes e tradição dos moradores do sertão cearense.

O regionalismo linguístico na obra é marcado pela linguagem informal e a seca, que se apresenta em diversas partes na narrativa, a linguagem formal é característica da fala dos personagens donos de fazenda e a linguagem informal é típica dos trabalhadores que não possuem estudo. Essa característica da linguagem informal está presente no regionalismo nordestino e a crise social existente nesse contexto era oriunda da seca, no qual os sertanejos lutavam para sobreviver, levando-os à migração para não morrerem de fome.

O cenário é marcado por religiosidade, danças, repentis, vaqueiros e vaquejadas dando ênfase à cultura regional, essas características que Oliveira Paiva expõe na obra reforçam os valores locais enfatizando o sertão nordestino. Esses elementos narrativos mostram a cultura popular de modo em que não se restringe apenas de forma ilustrativa à cor local, mas como uma descrição das peculiaridades existente no sertão nordestino.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E A DESCRIÇÃO DOS CULTUREMAS DO DICIONÁRIO

Os processos metodológicos desta pesquisa lexicográfica foram constituídos das seguintes etapas propostas por Martins (2017):

a) **Leitura/releitura da versão impressa:** esta fase consistiu na leitura e releitura do romance DGP, de Oliveira Paiva, e, após esse contato com a primeira edição (em papel), iniciamos o processo de digitação da edição para a recolha fiel de culturemas regionais a partir de um corpus literário eletrônico (naturalmente, o romance foi digitado ou redigitado para fins didáticos e pesquisa linguística), além de eventuais capturas das versões já disponibilizadas em sites na Internet (domínio público), como um meio colaborativo (na verdade, tira-teima na grafia de alguns termos regionais tipicamente cearenses) para buscas mais sistematizadas de expressões e suas ocorrências.

b) **Revisão de literatura:** realizamos nesta fase uma busca no Google Acadêmico e repositórios acadêmicos *online* (UFC, por exemplo) de artigos, dissertações e teses sobre DGP;

c) **Revisão da Literatura:** fizemos uma revisão literária relativa aos culturemas no âmbito de fraseologia brasileira e europeia. Os estudos no Brasil são ainda muito escassos.

d) **Levantamento de culturemas:** nesta fase, procuramos construir, criteriosamente, um levantamento de culturemas em DGP. Dois modelos foram imprescindíveis nesta fase (ver anexos): i) Categorias para análise dos referentes culturais adaptado por Vicente de Paula da Silva Martins à análise literária a partir do modelo de Igareda (2011) e ii) Quadro sintético de categorias para análise dos referentes culturais adaptado por Vicente de Paula da Silva Martins à análise literária a partir de Igareda (2011).

e) **Análise e refinamento:** a partir do levantamento de lexias simples, composta, complexa, incluindo expressões idiomáticas, seguimos para organização e análise desse material.

Na organização do levantamento dos culturemas, observamos os seguintes critérios:

a) **Corpus:** durante a constituição do corpus literário, todos os cultuemas foram apresentados entre colchetes e *hashtags*, como unidades discretas, da seguinte forma: [#CULTUREMA#]. Posteriormente, excluímos, para esta publicação, os diacríticos mencionados para a apresentação mais elegante do dicionário (colchetes e hastags).

b) **Contexto e ocorrências:** cada um dos cultuemas do levantamento lexical segue acompanhado do seu respectivo trecho em que o aparece na obra. Na pesquisa acadêmica, para termos uma ideia da frequência de uso do termo, indicamos, sempre que julgamos pertinente ao interesse do leitor, o registro de quantas vezes o cultuema é empregado pelo autor e as acepções viáveis, sempre guiadas, evidentemente, pelo contexto. Ocasionalmente, situamos o leitor acerca do contexto em que o cultuema está empregado, apresentamos um breve resumo sobre o enredo do do trecho ou nos desbruçamos sobre aspectos relacionados à datação e às formas históricas do verbete, entre outras digressões instigantes ou curiosas (por exemplo, aqui e acolá, como outros escritores da literatura brasileira fizeram uso do cultuema em tela). No presente volume, procuramos enxugar mais o texto (descartamos os dois procedimentos anteriores) e, no final, consideramos que ficou mais elegante apenas apresentar o verbete (com a extensão de uso), seu contexto de emprego (recorte) na obra e seu sentido idiomático.

c) **Notas de normatização e informativas:** baseando-se na versão impressa da obra, incluímos, nas informações sobre os cultuemas, as indicações de citação, entre parênteses, contendo o sobrenome do autor em letra maiúscula, seguido pelo ano de publicação e página do texto em que se encontra o cultuema, assim: (PAIVA, [1891] 1952). Apesar de a coleta dos cultuemas ser unicamente em DGP, julgamos necessário a repetição de dados da citação (autor, ano e página), em todas as ocorrências em que extraímos os itens, posto que, em algumas ocasiões, o mesmo verbete aparece em outras ocorrências na obra, em muitas vezes com hesitações na grafia (por exemplo, “asa/aza-negra” e “á tôa/á-tôa/à tôa”).

d) **Informações enciclopédicas:** nessa parte, couberam os comentários livres ou de caráter enciclopédico sobre o cultuema

selecionado, quando necessário. Decidimos denominar esta seção de “Etimologia e dados diacrônicos”.

A classificação dos culturemas escolhida para nossa pesquisa foi baseada no modelo Igareda (2011) denominado *categorías para a análise dos culturemas* (ou referentes culturais) na aplicação inédita ao estudo do léxico nos textos literários¹. Embora voltado para o campo da Tradução, elegemos esse método de Igareda para embasar nosso corpus devido a sua amplitude e por ser direcionado ou mais viável para textos literários, especialmente em prosa. A classificação foi bastante oportuna quando analisamos diversos âmbitos linguoculturoológicos, mas, para este volume, evitamos o emprego de âmbitos mais específicos, em nome, também, da elegância do nosso texto final.

A categorização proposta por Igareda (2011, p. 19) é dividida gradativamente em três níveis, sendo: categorização temática, categorização por áreas e subcategorias. A autora divide o primeiro em sete classes: ecologia, história, estrutura social, instituições sociais, universo social, cultura material, aspectos linguísticos culturais e humor. Fizemos a recategorização e criamos terminologia própria para os culturemas levantados ao longo da leitura das obras literárias. Mais uma vez, esclarecemos aos leitores: para este volume, foram selecionados apenas os culturemas de natureza fraseológica, com especial destaque para as locuções que, em geral, não têm entrada própria nos dicionários gerais e quando registradas aparecem como subentradas e sem datação. Aliás, as locuções, nos dicionários, geralmente, não tem datação, mas aqui, julgamos que, considerando uma obra do início do século XX, publicada em 1952, se fez imperativo preencher a lacuna, com a extração da expressão da obra, indicando sempre que possível informações etimológica, variação linguística e datação, por sua forma fixa, marcadamente regional, e com acepção própria do falar cearense.

Ao longo da recolha de culturemas, julgamos mais apropriado recorrermos aos princípios lexicográficos de semasiologia e onomasiologia correlacionados a traços semânticos de hiponímia e hiperonímia, respectivamente. Primeiramente, durante a leitura silenciosa ou a acurada releitura do romance nos deparamos, por

¹ Do original: *Categorías para el análisis de los referentes culturales en la traducción de textos literarios* Igareda (2011)

exemplo, com expressões do tipo “andar jé com muita galizia”, “apregata”, “dar vintém pra não entrá e um boi pra não sair” ou “renrém-renrém”, e no primeiro momento, consultamos os dicionários gerais (por exemplo, Houaiss, atualizado eletronicamente em 2022) para procedermos com o registro de acepções viáveis ao contexto (daí estarem sempre aspeadas) ou a dicionários de cunho mais folclórico (Dicionário do Folclore Brasileiro, de Luís Câmara Cascudo, para citar a mais frequente consulta de cunho culturoológico, sem contudo referenciá-la na bibliografia compulsada. Em qualquer situação, as definições que prevaleceram nos verbetes sempre foram as guiadas essencialmente pelo contexto da uso.

Convém aqui lembrar que tomamos, para este Dicionário, a definição de culturemas como noções culturais específicas de um país ou campo cultural e, sendo unidades de comunicação, muitos deles têm uma estrutura semântica e pragmática complexa (locuções, compostos, expressões idiomáticas, provérbios etc) (LUQUE NADAL, 2009, p.94). Previamente, classificamos os culturemas de natureza fraseológica nos diversos âmbitos intralinguísticos (locuções, nominais e verbais; compostos e provérbios). A título de ilustração, informamos que ao encaixarmos culturemas como pertencentes, por exemplo, ao âmbito “locuções”, nos orientamos a partir da técnica semasiológica, ou seja, partimos dos significantes (expressões vistas como unidade fraseológica, sem isolarmos, pois, um constituinte lexical) para esclarecer os significados mais amplos que lhes correspondem (âmbitos culturoológicos). Culturemas como “ser meio topetudo”, “ser cara de pau” e “estar muito despachado e saído” foram considerados por nós como “significantes” regionais bem marcados e acolhidos como “locuções nominais” ou fraseologias compostas. Na verdade, as entradas preliminares do Dicionário nos exemplos acima tinham como significantes (meio topetudo, cara de pau, despachado e saído), o que nos levou a não seguir o critério semasiológico e sim o onomasiológico na “ordem alfabética” deste Dicionário. A subversão lexicográfica foi intencional.

Em caso de hesitações sobre o devido enquadramento culturoológico dos culturemas extraídos do romance DGP, valemo-nos da técnica onomasiológica bem como do fenômeno hiperonímia como suficientemente esclarecedores para assinalarmos a “relação estabelecida entre um vocábulo de sentido mais genérico e outro de

sentido mais específico. Para ilustrar, a ideia de “religião” ou “culto que se presta à divindade, consolidado nesse sistema” superveniente ao sentido dos cultuemas da cultura religiosa, está presente em expressões como “Deus escreve direito por linhas tortas”, “fi de Deus”, “paragens de meu Deus” e “fazer o pelo-sinal”. Em qualquer situação relacionada aos regionalismos linguísticos, de cunho religioso ou não, fomos levados a lançar mão da técnica onomasiológica, a partir de “significados idiomáticos ou culturológicos” para melhor definir o âmbito culturológico do cultuema; por essa razão, as expressões assim foram inseridas no âmbito de “religiocultuemas”. No entanto, não consideramos pertinente isolá-los neste dicionário, e sim, deixá-los como exemplos comuns de locuções ou provérbios.

Ao longo de nossas pesquisas com o léxico, temos trabalho os seguintes âmbitos para a classificação geral dos cultuemas: biocultuemas, humanicultuemas, edificultuemas, taticultuemas, personicultuemas, mitocultuemas, familiarcultuemas, politicultuemas, amicultuemas, credicultuemas, etnocultuemas, criacultuemas, articultuemas, tabucultuemas, educultuemas, geocultuemas, portacultuemas, edificultuemas, antropocultuemas, alcutuemas, indumentocultuemas, licultuemas, mobicultuemas, moeducultuemas, medicultuemas, verbocultuemas, gramaticultuemas, reicultuemas, idiocultuemas e humocultuema. Evidentemente, essa classificação atende ao estudo do léxico de forma mais ampla, considerando o conjunto de itens selecionados ao longo da constituição do corpus literário, o que não foi aplicável à presente publicação.

A escolha deste recorte fraseológico acima foi motivada devido à grande incidência de locuções (nominais e verbais) na obra romanesca de Oliveira Paiva, objeto de estudo mais demorado numa pesquisa futura. Trata-se de uma obra narrativa que recorre a inúmeros cultuemas (figuração simbólica) para instaurar o regionalismo linguístico em sua narrativa. A história de DGP, em particular, revela, de forma impressionante, o fenômeno do linguajar do povo do semiárido e a atmosfera de privação de retirantes e o crime passionai, o que podemos comprovar com a intencional e expressiva escolha léxico-estilística do romance..

Em nossas pesquisas léxico-culturais, como a que trazemos à baila agora, entendemos as expressões fixas segundo Fulgêncio (2008, p. 101; ZULUAGA, 1980; MARTINS, 2013) como uma sequência de palavras memorizadas pelos falantes da língua, sendo igualmente recuperada em bloco. Os autores regionalistas exploram seus esquemas cognitivos, especialmente os da fase adulta, no caso dos naturalistas. As expressões idiomáticas, neste trabalho, são definidas como conjuntos de palavras cujo sentido geral não é o resultado da soma dos sentidos literais dos seus elementos constituintes — configuram um tipo de expressão fixa, assim como os provérbios, entendidos como frase de origem popular que expressa, de forma alegórica ou simbólica, os valores culturais de uma determinada sociedade.

As definições de fraseologia e culturema se fazem necessárias mais uma vez frisar aqui, partindo da análise dos dois termos linguísticos: fraseologia e unidades fraseológicas. Segundo Monteiro-Plantin (2011, p. 64) a fraseologia é o ramo da linguística que se ocupa de estudar as unidades fraseológicas. Essas são definidas como um conjunto de dois ou mais termos com formas fixas, tendo certa frequência de uso pelos falantes. Para a identificação das combinações fixas, levamos em conta as definições e as características fraseológicas em Zuluaga (1980).

A título de ilustração: do termo culturema, podemos extrair o CULT-, elemento de composição - antepositivo, do verbo latim *colo, is, colēre, colūi, cultum*, que significa “cultivar; habitar, morar em; cuidar de, tratar de, preparar”, e -EMA, um dos sufixos mais privilegiados na terminologia linguística (glossema, grafema, lexema, morfema, fonema, semantema, entre outros). Culturema é uma unidade linguística discreta tão linguisticamente marcado como um fonema, um grafema, um morfema ou um prosodema.

Assim, como categoria ou terminologia linguística, assumimos a seguinte definição de culturemas de forma mais operatória para fins de recolhas dessas unidades linguísticas em DGP: símbolos extralinguísticos culturalmente motivados que servem de modelo para que as línguas gerem expressões figuradas, inicialmente como alusões ou reaproveitamento de dito simbolismo, e que podem se generalizar e até se automatizar. Uma vez dentro da língua como palavras ou componentes de frasemas, conservam, ainda assim, algo de sua “autonomia” inicial, na medida em que unem conjuntos de metáforas, e

até permitem a adição de outras a partir do mesmo valor, acessíveis para a competência metafórica (LUQUE NADAL, 2010).

Como já dissemos anteriormente, o modelo de análise linguística se deu com a releitura minuciosa da obra da escrita, utilizando-se, após a leitura do material, o corpus eletrônico *ad hoc*, especialmente constituído, para a consulta e extração dos culturemas. A princípio, foi feito o levantamento de palavras e expressões que tivessem esse teor cultural. Após uma seleção daquilo que era ou não considerado culturema, algumas expressões foram descartadas e outras expressões foram devidamente contextualizadas e comentadas, e, em cada comentário, buscava-se descobrir o valor cultural, fraseológico e linguístico da expressão em tela, através de suas origens, etimologias e significados, bem buscando, na intertextualidade, matérias e pesquisas relacionadas ao culturema selecionado. É um momento heurístico e epifânico de uma pesquisa linguística.

Reafirmamos que os culturemas, na presente obra, referem-se ao conjunto itens relacionados à língua e cultura, escolhas léxico-estilísticas do escritor cearense. Durante a recolha de itens para descrevermos as escolhas léxico-estilísticas de DGP, priorizamos sobretudo as locuções, com menor atenção aos idioculturemas (unidades fraseológicas), para deixar a versão mais estilisticamente elegante e mais enxuta no fazer lexicográfico. As definições mais gerais dos culturemas levaram sempre em conta as acepções já registradas em Houaiss e Villar (atualizada em 2022).

DICIONÁRIO DE CULTURA LINGUÍSTICA

A

A BEM DIZÊ (A bem dizer)

Significa na verdade, a fim de esclarecer (o que se diz):

(i) “A Seá Dona Guida era uma fulô. Qui pessoa de bem! Qui coração aberto! Por ali, **a bem dizê**, ninguém era pobre estando junto dela...” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, V,p. 39).

(ii) “Mas também, **a bem dizê**, só aprecio hoje im dia baião de ponta de unha, bem explicado na regra, como eu cá sei.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, III,p. 84).

(iii) “— O Venanço? O povo do samba arrancou **a bem dizê** todo atrás dêle, eu só via gritar: Pega o cabra!...” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, II ,p. 160).

(iv) “Água da chuva depositada na folhagem não havia, para livrar; mesmo porque frondes já não existiam, **a bem dizer**, senão na mata, derradeira verdura do ano, lá no ôlho dos galhos, a parecer sombra de nuvem.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, VII,p. 184).

A GENTE VÊ CARA (QUEM VÊ CARA NÃO VÊ CORAÇÃO)

Provérbio que recomenda cautela àquele que julga os demais segundo a aparência:

“Mas cum efeito! aquêle moço tão simpático e agradave! Coitado, quitiria cometido êle por lá? — M'pai, aquilo mó de que é mais é um veiação. — Pode ser. **A gente vê cara...**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, III, p. 85)

A PERDER DE VISTA

Nos contextos a seguir, com acepções de “até muito longe, longe a ponto de a vista não alcançar” e “longuíssimo prazo (diz-se de crédito, pagamentos parcelados etc.)”:

(i) “A paisagem tinha um aspecto de pêlo de leão, no confuso da galharia despida e empoeirada, **a perder de vista** sobre as ondulações ásperas de um chão negro de detritos vegetais tostados pela morte e pelo ardor da atmosfera.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, III, p. 25)

(ii) “Um cercado imenso **a perder de vista**, com uma verdadeira mata de pau-branco e sabiá, naturalmente para boiadas.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.35)

ABASTA

Tornar-se ou ser suficiente, bastante; bastar:

“Os parentes por lá há muito que não recebem cartas dele, e eu ia à vila, supondo que lá é que ele morasse. — **Abasta**. Se arranhe logo, que ali ó pôr-do-sol ele risca aqui no terreiro!” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.33)

Etimologia e dados diacrônicos

Forma protética de basta. Datada em Houaiss de sXIV

ABEBERAR NO RIACHO IPUEIRINHA

Com as seguintes acepções: 1. Dar de beber a ou saciar a própria sede; dessedentar (-se). 2. embeber (-se) em líquido; encharcar (-se), impregnar (-se). 3. Com sentido figurado de “aprofundar-se no conhecimento; retirar ensinamentos a”. 4. Com sentido figurado de “Nutrir ou alimentar premeditada ou irrefletidamente (sentimentos, paixões etc.); deixar amadurecer; preparar, planejar”:

“[...] enquanto os demais lhe deitavam pela bôca adentro garapa de rapadura, que êle vomitava em seguida com uma tosse rachada, com sangue pisado; e - os vaqueiros que estavam a **abeberar no riacho Ipueirinha**, caçoando do coitado do grão Senhor do Poço da Moita!” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, III, p. 151)

ABELHUDOS

Com acepção de “aquele que é bisbilhoteiro, metediço”:

“Ela supunha que não. Ele que o pusesse a par; não havia nisso nenhuma inconveniência. E, depois, mais dia, menos dia, tudo havia de andar de bôca em bôca, e ninguém podia arrolhar os outros, porque **abelhudos** não faltavam.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, I, p. 97)

ABODÊGO/ABODEGAR

Com acepção regionalista de abodegação e “aquilo que importuna; aborrecimento, apoquentação”:

(i) “Que se arranjasse, ela já ia. Que **abodêgo**, meu Deus! A gente não podia nem se vestir direito! Havia de ir tôda assanhada como uma doida?” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, III, p. 107)

(ii) “O marido concordava, e Dona Anginha **abodegava** para o moço que não se avexasse, que a chuva era um bom sinal para os seus negócios... O rapaz mostrava-se um tanto contrariado.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, XI, p. 59)

(iii) “Passou a noite virando-se na rêde de um lado para o outro. **Abodegavam-lhe** pelos ouvidos os chocalhos dos cavalos no cercado.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, VI, p. 201)

ABOLETADO

Com acepção de “Quem acomoda-se; aloja-se, instala-se”:

“O hóspede achava-se realmente bem **aboletado**. Mesa, bacia de rosto com uma toalha, chinelos”. (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, V, p. 37)

Etimologia e dados diacrônicos

Palavra datada em Houaiss (2022) de 1712. Eis suas formas históricas: aboletar (1712), aboletado (1789).

ADONDE ENTRE UM, SAI DOIS

Ditado Popular. Considerando o contexto abaixo, é possível o leitor inferir o sentido “O mesmo que depois, outra hora, não nesse momento”:

“Mais o velho pega, e se hai de compô as coisas cos adversaro, que êle bem que lhe dixee que cum uma política ninguém bota panela no fogo, que por **adonde entre um sai dois**, mais tarde ou mais cedo.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, V, p.39)

AFADIGADO

Com as seguintes acepções possíveis, considerando o contexto dado: 1. Que se fadigou, cheio de fadiga; cansado; fatigado. 2. Aborrecido, enfadado, entediado. 3. Que trabalha ou trabalhou intensamente. 4. Açodado, aflito, ansioso:

“— O cavalo de Seu Secundino fica selado, ou eu solto? Ninguém pareceu ouvir. Repetiu a pergunta. — Solte - disse o moço, — que eu não vou mais hoje à Goiabeira, não. Estou muito **afadigado**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 173)

AFERVENTADO O SERVIÇO

Com acepção de provocar o entusiasmo, envolvimento ou atividade de (alguém); estimular, intensificar, excitar:

“Quando a Senhora veio, fêz apenas conferir com o rol, que era escrito em coluna vertical, numa tabuinha, designando o número de peças mediante uns tornos que enfiavam nuns buraquinhos. A roupa estava cheirando muito a sabão; a Corumbá tinha **aferventado o serviço**.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, I, p. 74)

QUE AGOURO!

Com acepção de presságio de acontecimento ou notícia nefasta:

“— Ah! Então aquilo é que é o canto da acauã? Tenho lido, tenho lido. É realmente medonha assim de perto. Que **agouro!** a acauã cantar quando vim festejar os meus anos, hem? —disse êle, rindo para a Margarida. Hem, tia Guidinha?”. (PAIVA, 1952, Livro Segundo, II p. 82)

ALEGRADO O ESPIRITO

Significa que tem alegria, que se tornou alegre; contente, satisfeito:

“Pousado o corpo, **alegrado o espírito** pela descoberta do tio riação, respirava agora todo o pitoresco daquêles sertões, na sua muda solenidade.” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, IV, p. 36)

Etimologia e dados diacrônicos

Alegrado: Arcaísmo datado em Houaiss (2022) do século XII

ALEVANTAR-SE FARSO

Com acepção de atribuir sem fundamento (algo censurável) a (alguém); assacar:

“Inhora, sim. Assim digo eu: **ninguém me alevante fardo**, praquê há de pedir três vezes: Perdão! Perdão! Perdão!” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, XII, p.70)

Etimologia e dados diacrônicos

O termo alevantar é uma forma protética de levantar. Datação Houaiss (2022) do século XIII.

COSTUME DE ALINHAVAR TUDO

Com acepção de executar imperfeitamente, de maneira precipitada, às pressas:

“— Você meteu-se no gole, Corumbá. Não me importa que enxugue lá o seu copo, mas perca êsse **costume de alinhar tudo**. Oh!...” (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, I, p. 74)

AMANTÉTICAS EXPANSÕES

Com estas acepções: 1. Que ou aquele que ama ou se apaixona, especialmente de maneira exagerada, ridícula; e 2. Amante ridiculamente apaixonado, exagerado ou grotesco em suas manifestações amorosas:

“O Seu Quim, à vista das **amantéticas expansões** dela, parece que ia tomando o pião na unha, julgando a coisa ser mesmo afeição real. Ora, afeto cativa. Assim, pois, ia assumindo umas veleidades de amante-senhor, tendo extraordinário prazer em ser pela sua parte amante-escravo.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, I, p. 165)

AMICUS CERTUS IN RE IN CERTA CERNITUR

Latinismo com sentido de “O amigo certo manifesta-se na ocasião incerta”:

“Ninguém pode avaliar o grau de afeição em que tem a outrem. **Amicus certus in re in certa cernitur**. A afeição é como alguns tumores que só doem quando se magoam. Dois irmãos que se tratam com a maior indiferença, se um dia fazem uma viagem, e que um fica e outro volta, que o respondam” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, VI, p. 117)

AMIGA DE AGRADAR

Diz-se daquele que considera as necessidades de outrem em suas ações:

“Os mancebos, que freqüentavam a casa, freqüentavam-na sem dúvida por causa da moça, por via de ser ela muito de liberalidades, muito **amiga de agradar**, não poupando nem mesmo as pequenas carícias que uma donzela senhora de si pode conceder sem prejuízo da sua física inteireza.” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, I, p. 21)

ANDAR ATRÁS DÊLE

Procurar; tentar conseguir; ir em busca de:

“— Bateu! É meu tio. Pode pedir alvissaras que **atrás dêle é que eu andava**. Os parentes por lá há muito que não recebem cartas dêle, e eu ia à vila, supondo que lá é que êle morasse.” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, IV, p. 33)

ANDAR MUITO POR BAIXO

Passar por dificuldades.

“— O Antônio Silveira? O meu velho arrieiro? Tocava muito bem viola, ninguém encilhava tão bem um cavalo. Que é dêle? — Já largou essa vadiação de viola, **anda muito por baixo...**” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, III, p. 27)

SOUTO DE ANGICOS E PAUS-D'ARCO

Designação comum a várias árvores da família das leguminosas, frequentemente exploradas ou cultivadas pela boa madeira:

“O viajante, ao caminhar por algum **souto de angicos e paus-d'arco**, sem uma fôlha, penetrava instintivamente com o olhar por entre os troncos e garranchos com uma sêde, já não de água, mas de uma notazinha vibrada por goela de pássaro cantor.” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, II, p. 23)

Observação

Os paus-d'arco também muito cultivados como ornamentais e pelas madeiras de qualidade.

ANTES COM PENA SENTIR QUE SEM REMEDIO CHORAR

Ditado popular. Significa é melhor sofrer com uma dura verdade do que sofrer as consequências de uma mentira:

“... e que entonce o levantador do farso era ladrão, ladrão, ladrão, que só se salvava com três vezes perdão. – É por isso que se

diz: **Antes com pena sentir que sem remédio chorar.**” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, XII, p. 70)

Etimologia e dados diacrônicos

Variante de “Mais vale com pena sentir do que sem remédio chorar”.

ANTES SER-SE BICHO DO CAMPO DO QUE CRISTÃO BATIZADO

Durante período de seca, por exemplo, este ditado popular era usado por retirantes que enfrentavam inúmeras dificuldades e não encontravam ajuda dos fazendeiros da região:

“— Pela sêca, **antes ser-se bicho do campo do que cristão batizado**, meu Sinhozinho! Arre! o que êstes olhos viram!” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, V, p. 40)

ANDAR FORA DAS ESTRIBEIRAS

Com a mesma acepção de “perder as estribeiras”, isto é, perder o controle; entrar em desespero, descontrolar-se, desnortear-se, perder os estribos:

“Era pois verdade tudo que lhe vieram dizer a respeito do marido! Bastavam aquêles bons ofícios do vigário para prova de que o Sr. Quim **andava fora das estribeiras**. Mesquinho, mentiroso e infame.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, III, p. 191)

ANDAR JÉ COM MUITA GALIZIA

Com a mesma acepção de “cheio de galizias”, isto é, andar cheio de luxo, cheio de exigências:

“— E você non sabe? — continuava a Mercês — no Vavaú não se falou noutra coisa. O povo já tava capinando de rijo no caso, e dizia que o mancebo **andava jé com muita galizia...**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 178)

AO QUEBRAR DAS BARRAS

O crepúsculo da manhã:

(i) “Caçoando, caçoando, o brinquedo foi até o dia seguinte, **ao quebrar das barras**. (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, II, p. 81)

(ii) “Era domingo aquêlo dia 26. Quinquim, **ao quebrar das barras**, montara a cavalo para ir à vila, a ouvir a sua missa.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, III, p. 31)

(iii) “— Jucá, D. Guidinha! Dê jucá a seu marido, que para isso não há coisa igual. Papai tem tomado e se dá tão bem! Guida não fêz caso, limitando-se a ordenar que saurias **ao quebrar das barras**.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, III, p.146)

APOIS

Mesmo que pois; nesse caso; então:

(i) “— Duvida? disse ela, grelando o olho. Corou, conteve um ímpeto, e ganho o meio do rio: — **Apois** lá vai!” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, IV, p. 33)

(ii) “— Ai, home! **Apois** querem vê que êle é mesmo, minha gente! E nem me conheceu!” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, III, p.26)

(iii) “— Mas então o Silveira velho foi por isso que passou-se para Mossoró? Cortava o Secundino. — E **apois** não foi? Mode non corrê sangue.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, V, p.39)

Etimologia e dados diacrônicos

Forma protética de pois, este, datado de século XIII.

APREGATA

Variante popular de alpercata; Sandália que se prende ao pé por tiras de couro ou de pano:

“A **apregata**, aos sertanejos, lhes é tão indispensável como o cachimbo e a faca no quarto.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, III, p. 25)

Etimologia e dados diacrônicos

O termo regional apresenta rica sinonímia: abarca, alcorque, alparca, alparcata, alpargata, alpergata, apragata, cáliga, crépida,

loré, paragata, parcata, pracata, pragata, sólea. A forma em PAIVA (1952) não é registrada em Houaiss (2022).

APRUMO DE MULHER FEITA

Aquela que tem postura e elegância de pessoa adulta:

“Na hora da partida, pulava a uma garupa, e lá se atirava, fazendo parte do alegre rancho com um **aprumo de mulher feita.**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, I, p. 20)

ARENGAR

Significa regionalmente “fazer mexericos; intrigar”:

“Exatamente. O Reverendo Costinha tinha muito gosto pela crônica. Ainda o alcancei. **Arengava** muito com a irmã, a Dona Anginha, por amor de datas. Ela por seu lado é birrenta como nunca vi.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, I p. 77)

AROEIRAS SECULARES E INTEIRIÇAS

Árvores de folhas penadas, flores brancas ou amarelo-esverdeadas, em panículas, e drupas globosas, vermelhas, com odor de pimenta:

“O clube estava em antigo prédio construído no século passado, pelo referido Antônio Manuel — umas paredes de enorme tijolo a tição, cada porta a seu modo, de **aroeiras seculares, inteiriças**, como se fôra para uma cadeia ou para um forte.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, II, p. 102)

ARREBIQUES DO BOM TRATO

Com as seguintes acepções: 1. Cosmético avermelhado para pintar o rosto. 2. ornamento ou enfeite ridículo ou exagerado. 3.

afetação, amaneiramento na maneira de falar, nas atitudes, no comportamento:

“Guida perguntou logo se passara na Goiabeira: Lalinha ia apanhar a resposta, mas o Major não respondeu, caminhando para o quarto a fim de vestir-se, que mesmo ali entre gente do sertão, por serem de povoado, sempre não olhavam a roupa de couro como gentileza bastante para os **arrebiques do bom trato.**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, IV, p. 163)

ARRÔCHO (NO CORAÇÃO)

Com acepção de circunstância difícil; repressão, contrariedade ou forte repressão, por vezes violenta, empreendida pela polícia ou outras autoridades:

(i) “Coçava-lhe no rosto a impressão do barbicacho. Pôs de novo o chapéu. Achou-se ao pé do cavalo, desatou, montou. Foi. Pelos campos fora, tez em febre, silente, um **arrôcho no coração** e como que ia berrando desesperadamente, criança perdida no deserto que a altos brados invocasse os nomes de pai e mãe.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, II, p. 147)

(ii) “Arrepiaram-se os cabelos ao Quim. Avançar? — Quem está... aí? — perguntou, e em que **arrôcho!** O som da sua voz lhe dera um ânimozinho.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, III, p. 152)

SE ASTREVER A MEXÊ CA MUIÉ DO OUTO

Forma popular de atrever-se ou ter a coragem, a ousadia, a audácia suficiente para; arriscar-se, aventurar-se, ousar.

“O velho vaqueiro entrou a fazer ponderações a respeito da gente de então. No tempo dêle... Ora, no tempo dêle havia outras capacidades e considerações. Não vê que quaisqué **se astrevia a mexê ca muié do outo!**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 176)

AVEXAMES E AGONIA

Mesmo que vexame. Ato ou efeito de vexar; vexação; tudo aquilo que causa tribulação ou dor; aflição, mau trato, opressão:

“Bateu pé pelo oco dêste mundo, camuié e os fio, e cum quem quisesse mais lhe acompanhá. Ai menino! êle não lhe podia contá todo o sucedido, **avexames e agonia**, de que não queria se lembrar mais.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, V, p. 39)

Etimologia e dados diacrônicos

Forma protética de vexame. De avexar, este datado de sXI

PUNHADO DE BELOS ANUNS AZUIS-FERRETES

Azul muito carregado, quase preto:

“Um corrupeirão, com o seu traje vermelho-fogo e prêto-carvão, pilheriava o seu assobio sonoro de dentro de um fechado de ingazeiras, onde um **punhado de belos anuns azuis-ferretes** produzia uma ebulição de chiados, de garganteios.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, II, p. 104)

B

BABUGE (BABUGEM)

Vegetação que brota depois da seca:

“E a **babuge** — foi arrebentar e logo sumir-se outra vez na casca estorricada dos galhos nus. Acordara, e de novo adormecera a natureza.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, III, p. 29)

Etimologia e dados diacrônicos

Termo registrado em Houaiss sem datação. Caso de apócope (mudança fonética que consiste na supressão de um ou vários fonemas no final de uma palavra (p.ex.: cine, por cinema, bel por belo); além de se processar por mudança linguística, em poesia pode ocorrer deliberadamente, para efeito de métrica (p.ex.: mármore por mármore).

BACAMARTE

Com a acepção de antiga arma de fogo de cano largo e em forma de campânula:

“O velho vaqueiro entrou a fazer ponderações a respeito da gente de então. No tempo dêle... Ora, no tempo dêle havia outras capacidades e considerações. Não vê que quisqué se astrevia a mexê ca muié do outo! Ói lá o **bacamarte**, pah! puh! e adeus, minhas encomendas! Qual crime o que, lavá a honra não era crime. Mais hoje em dia está tudo diz que aperfeiçoado... Tibe! Arrenegava de semelhantes melhorias.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 176)

PIAR O BACURAU

Designação comum a várias aves caprimulgiformes da família dos caprimulgídeos, de plumagem muito macia e voo silencioso; também chamada de acurau, acuraua, curiango, curiangu, curiavo, guiraquereá, ibijaú, noitibó, oitibó, pinta-cega:

“Ao anoitecer, essa escala descendente da luz, solfejo da mãe-da-lua que fenece no silêncio negro, morre o último canto da graúna, **piando o bacurau**, ao prelúdio das primeiras estrelas para a serenata de cintilações pela noite adentro, ela rezava, rezava ainda espreitando para aquêles lados...” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, VI, p. 118)

BALACO! BALACO!

Forma onomatopeica de cargas a balançarem no balaio:

“De manhãzinha, lá se foi o Naiú, **balaco! balaco!** montado no meio da carga de malas de couro cru. A roupa não dava para fazer pêso: era pouquinha.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, I p. 75)

IMPRESSÃO DO BARBICACHO

Com acepção inicial de cordão ou tira de pano, couro etc. com as pontas presas ao chapéu, e que, passando por baixo do queixo, prende o chapéu à cabeça; barbela, queixinho. Assim, a expressão “Pôr barbicacho em” significa impor obediência a; dominar; sujeitar; constranger:

“Coçava-lhe no rosto a **impressão do barbicacho**. Pôs de novo o chapéu. Achou-se ao pé do cavalo, desatou, montou. Foi. Pelos campos fora, tez em febre, silente, um arrôcho no coração e como que ia berrando desesperadamente, criança perdida no deserto que a altos brados invocasse os nomes de pai e mãe.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, II, p. 147)

BATER BÔCA EM SUAS TERRAS

Expressão popular que significa discussão; desentendimento:

“No dia seguinte, olha lá implicâncias da Margarida! Mas os senhores do Poço da Moita não **batiam bôca em suas terras**”. (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, III, p. 27)

Etimologia e dados diacrônicos

Expressão regional sem a preposição com. É forma alternativa.

BATENDO COM OS LÁBIOS A ORAÇÃO DA MANHÃ

Mesmo que sussurrar; murmurar. Dizer em voz baixa:

“Pôs ao pescoço o têrco de contas, que pendurava sobre o quadro de Nossa Senhora quando ia deitar-se. Ali, já **batendo com os lábios a oração da manhã**, que sabia de cor. Enfiou as saias. Tremeu, quando mergulhou a trabalhada cabecinha pelas sedas pretas do vestido, para a missa de requiem.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, IV, p. 160)

Etimologia e dados diacrônicos

Variantes: bater lábios; bater os beiços.

BATICUM DOS PILÕES NA VIVENDA

Mesmo que batecum. Série de pancadas fortes, marteladas etc. Regionalismo: Nordeste do Brasil. Conflito verbal; bate-boca, alteração. Ruído indistinto de vozes; falação, vozerio:

“O vaqueiro foi ao tórno, tirou as perneiras, o gibão, o guarda-peito, e seguiu para debaixo de uma latada de ramos que havia no fundo da casinha, a dar-lhes uma passadela de sebo. Fazia um sol quente de oito da manhã, céu limpo. Ouvia-se o **baticum dos pilões na vivenda**, que era parede-meia, e a conversa do Silveira, muito alta, com os patrões.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, III, p. 85)

UMA BOA ALMA

Diz-se de pessoa de boa índole:

“Poço da Moita por último passara para Margarida, a primeira neta do Reginaldo, filha do Capitão-Mor, casada com o Major Joaquim Damião de Barros, um homenzarrão alto e grosso, natural de Pernambuco — **uma boa alma**.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, I, p. 15)

RECOMPENSAR A BOA VONTADE

Aquele que tem disposição favorável para ajudar a outrem:

“Como para **recompensar a boa vontade** com que o velho vaqueiro, que viu logo ser o mor da casa, lhe respondia, o Secundino fazia-se verboso, inquiria, comentava, dizia graças, tomava liberdades” (PAIVA, 1952; p. Livro Primeiro, IV, p. 34)

PRÓPRIO BONACHEIRÃO DO QUINQUIM

O termo bonacheirão refere-se a quem é extremamente bondoso e sem afetação, natural:

“O **próprio bonacheirão do Quinquim** uma vez mandou chegar um ao moirão porque o vira pular de uma roça com um saco de mandiocas.” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, VII, p. 45)

Etimologia e dados diacrônicos

Arcaísmo datado por Houaiss (2022) de bonacheirão de 1712. Mesmo que bonachão. Em Houaiss (2022), existem dois valores para o sufixo –eirão: e) -eirão como suf. encorpado de valor dimensivo ou de outra coisa; por exemplo, nas palavras capeirão, chaveirão, chuveirão, espadeirão, flaqueirão, grosseirão, largueirão, malheirão, mangueirão, palheirão, ribeirão, vozeirão; f) -eirão como sufixo encorpado de valor afetivo como em asneirão, bonacheirão, fraqueirão, grosseirão, lingueirão etc

BOTOU (TAL RÊS) NO MATO

Com acepção do nordeste brasileiro significa jogar fora ou esbanjar, desperdiçar:

“A vaqueirama fazia-se recíprocamente recriminações, porque Fulano **botou tal rês no mato**, porque não vale a pena andar senão com home, que os do serrote mó que vieram cichilando...” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, II, p. 141)

BRAÇO DIREITO (DO PAI)

Significa principal e eficaz auxiliar; braço forte:

“No despedir-se, o Secundino parecia não dar pela presença do... amante (vá lá o têrmo com os diabos!) atenta como estava para o doloroso caso do Machico. Pobrezinho do Machico, o **braço direito do pai**, o vaqueiro destemido, o herdeiro, não da fortuna, que isso nunca virá à família dêle, mas dos encargos e pensões!” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, II, p. 148)

BULHENTA

Com estas acepções: 1. Que ou aquele que faz muito ruído; bulhão. 2. Que ou aquele que é dado a brigas; desordeiro, rixoso, bulhão:

“Também foram quase todos, e quase tudo, até a bulhenta canzoada. Ficaram apenas as escravas, um prêto velho, a criação, o gado e a Guida, bem como o Secundino, que, passado cêrca de um quarto de hora, se largou para a sua fazenda, escanchado no seu cavalo de sela, esquipador até ali.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, II, p. 148)

Etimologia e dados diacrônicos

Arcaísmo datado de 1813.

C

CÁ O DEGAS

Brasileirismo com acepção de “a própria pessoa que está falando”:

“— Pois **cá o degas** não precisa de juizes! Sabe? **Cá o degas...**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, IV, p. 115)

CABRA (ONZONERO, RUIM, DE DÁ CA TUA QUENGA, DE LAVRAS DE MANGABEIRA, DESGRAÇADO E TRAIÇOEIRO, DESGRAÇADO, DE TOPETE CAÍDO CUMA CRISTA DE GALO VELHO, COBARDE)

Com acepções de: 1. mestiço indefinido, de negro, índio ou branco, de pele morena clara. 2. indivíduo determinado; sujeito, cara. 3. Indivíduo forte, valente. 4. Capanga, jagunço:

(i) “**Cabra onzoner**! Vígi como o satanaz tá adulando a pobe da Sea Dona Guida! Come a pobe por um pé.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, I, p. 98)

(ii) “Antes de reentrar no seu duro silêncio, Margarida ainda mordeu ao gordão do marido: — A Guidinha só protege a **cabra ruim!**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, III, p. 28)

(iii) “Pelo dito Silveira, um dia fêz também cortar a facão os cachos de um **cabra de Lavras de Mangabeira**, mais aventureiro que retirante, que bulira com uma escravinha de estimação.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, VII, p. 45)

(iv) “— Hum! E o resto dos burros teria voltado? Que galatão, meu Jesus! Vão vê que ela vai achá que o **cabra** fêz muito bom negoço.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, III, p. 84)

(v) “Ah! **cabra desgraçado!** ladrão! Se fôsse eu, te dava mas era um ensino de mestre!...” (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, III, p. 85)

(vi) “Cabra **onzonero!** Vígi como o satanaz tá adulando a pobe da Sea Dona Guida! Come a pobe por um pé.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, III, p. 85)

(vii) “Eu vi logo quando o **cabra** chegou o muito do impenho que êle tomou in aprecatá a sorte dos dono das terra, acabando com aquela cabeça de cupim da cumieira da casa de morada, proque diz que cupim na casa é azá pra o dono.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, III, p. 85)

(viii) “— Olhe o **cabra de topete caído cuma crista de galo velho**, mal entonado em casaco de brim, que só se fêz pra gente branca!” (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, III, p. 94)

(ix) “Ah! **cabra**, tu é mesmo mais é um cururu dos infernos! Ainda bem qui tu diz que quem matá sapo mate bem morto, porque senão o sapo vai secando e a gente também...” ...” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, I, p. 98)

(x) “A ama o escutava esqueixelada, a olhar como providencial a presença do cabra, que exclamava, largando no fundo do chapéu de couro a masca de fumo e soltando uma cusparada na parede” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, I, p. 98)

(xi) “O **cabra** havia tomado conta da vaqueirice das bêstas, como lhe tinha prometido a matrona, não sem protesto do Seu Antônio, que, em todo caso, não consentia de modo nenhum que êle cuidasse dos cavalos da fábrica.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, I, p. 99)

(xii) “— Tá bebo, **cabra!** Você faz-se bêsta. Você aqui não ginga, não, cabra! — Cabra, não faça ação! ameaçava o outro.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, II, p. 107)

(xiii) “E se aquêle **cabra** tivé um dia a odaça de tocá no nosso filho Néu?” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, I, p. 162)

(xiv) “O **cabra**, animado pela presença da ama, como o novillo meneando os chifres para a bríga: — Seu Majó, Vossa Senhoria saiba que êste cá non é cabra de Dá ca tua quenga, não!” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 168)

(xv) “Vosmicê me chamou **cabra ruim**, primita que eu corresponda: Mais ruim é quem me chama...” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 168)

(xvi) “E quando se viu foi aquela parnaíba desembainhada, que o **cabra** tinha na mão. Mas, antes que se mexesse, cai-lhe em cima a musculatura do vaqueiro Antônio, com um urro: — Cabra, não faça ação!” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, VI, p. 201)

(xvii) “— Que tem?! E o patrocínio resultante que a Guida dispensa ao **cabra**? Não, por trás de tudo aquilo só cego não vê a sombra dela...” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, VI, p. 201)

(xviii) “— Ah! **Cabra covarde**, ruim, miserável! Não sei para que aquilo veste ceroula!” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, VI, p. 182)

(xix) “Mas, por graça de Deus, (não sabiam donde se juntou de repente tanta gente) correu um povão atrás, que o cabra s’entregou. O Silveira pôs-se no breido, **cabra desgraçado e traiçoeiro**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, VII, p. 225)

CUMA CACHORRO SEM DONO

Diz-se de alguém abandonado; excluído:

“— Nós era coma nêgo cativo. Pió! **cuma cachorro sem dono**. Bandoleiros por essas paragens de meu Deus.” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, V, p. 40)

CAÇOAR

Fazer caçoada, galhofa ou chacota de; provocar riso ou hilariedade acerca de alguém ou algo, com palavras ou atos espirituosos ou engraçados, que manifestam humor, ironia, malícia, desdém etc.; gracejar, implicar, troçar, zombar. 2. Dar pouca importância a, fazer pouco caso de:

(i) “A cavalgata do Major fazia chiar o capim no tropel do chouto e da baralha. Aproximava-se a última escolta. Trazia um gadinho; **caçoaram** dela” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, II, p. 141)

(ii) “O Secundino não sabia bem o que aquilo era, apesar de o ter ouvido, e, a **caçoar**, os outros responderam: — É um passo que tem polo sertão, a acauã. Lá na praça não hai disso, hem?” (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, II, p. 82)

(iii) “**Caçoando**, caçoando, o brinquedo foi até o dia seguinte, ao quebrar das barras. Então foram-se retirando os matutos, em corridas e gritarias por aquêles matagais.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, II, p. 81)

CADA MACACO EM SEU GALHO

Expressão popular que significa que cada pessoa deve preocupar-se apenas com aquilo que lhe diz respeito:

“— Está bom, Compadre, quer saber de uma coisa curta e certa? **Cada macaco em seu galho!** — e entrou, com a mostarda no nariz.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, I, p. 99)

CADA QUAL INTERRA SEU PAI COMO PODE

Provérbio que significa que cada pessoa tem seu próprio jeito de resolver seus problemas e dificuldades:

“— **Cada qual interra seu pai como pode...** Desculpem o meu falar! — continuou ela com ar de riso, exalando um indiscreto fartum de aguardente.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, II, p. 104)

UM CAIPORA DE SACRISTÃO

Com estas acepções: 1. Diz-se de ou pessoa que, involuntariamente e apenas por sua presença ou proximidade, traz ou causa azar a outra. 2. Diz-se de ou pessoa azarada, infeliz, que nunca, ou dificilmente, tem sucesso naquilo que faz:

“Bem que o Mariano Bonfim, tôdas as vêzes que o via, entrava a repetir-lhe que terra pequena não era lugar onde se morasse, e que no Ceará, ou bem a Capital ou bem a fazenda; mas o povoado só para êle, Mariano, que era **um caipora de sacristão.**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, IV, p. 115)

FELIZ QUEM LHE CAÍSSE NAS GRAÇAS

Diz-se de alguém que conquistou a simpatia de outrem:

“Era pois certo o que se espalhava a respeito dessa mulher generosa e valente. **Feliz quem lhe caísse nas graças.**” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, X, p. 58)

CALUNGA COM CANIVETE

Com acepção regional de boneco, especialmente de pequeno tamanho:

“—É um molequinho bem ensinado e tem cadência para tudo, como poucos meninos brancos. Fêz um **calunga com canivete**, que fazia gôsto” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, I, p. 165)

CAPACHO

Acepções: 1. Espécie de abafo de fibra, cilíndrico, usado para aquecer os pés. 2. pequeno tapete de fibra, esparto, palha ou outro material onde se limpam os pés. 3. pessoa servil e bajuladora; puxa-saco:

“Lalinha, ao entrar, fêz um arrastado de pés de quem pisa em **capacho**; beirou o funéreo pano estendido ao meio da nave entre dois círios acesos.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, IV, p. 161)

CAPUCHO

Espuma do leite saído do úbere da vaca:

“Uma crioula adiantava-se agora do meio das vacas, e apresentava à senhora uma cuia de leite espumoso. — Eu quero é capucho, Luísa.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, VIII, p. 48)

Etimologia e dados diacrônicos

Arcaísmo data de 1503

CAXAÇA

Qualquer bebida alcoólica, especialmente destilada:

“— Senhoras sejam desta casa, minhas donas! Aqui está a serva de vosmecês... — Tem **caxaça**? — disse uma gaiata.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, II, p. 104)

Etimologia e dados diacrônicos

Entre as formas históricas, Houaiss (2022) registra: . 1635 caxasa no sentido de 'aguardente de cana', 1652 cachaça (no sentido definido), 1743 cachassa (no sentido definido acima)

CHAMURRO

Diz-se de novilho incorretamente castrado e que passa a ter a aparência mista de boi e touro quando adulto:

“— M'pai, fale a Seu Major pra se beneficiar o Muniz. Lá vem êle. Aquilo não presta senão mais pra **chamurro**.” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, VIII, p. 49)

CHEGAR

Há na obra de diferentes sentidos para o uso do verbo chegar: 1. atingir o termo de uma trajetória, de um percurso de ida e/ou de vinda. 2. Aproximar-se. 3. Ser suficiente; bastar. 4. Alcançar ou tocar um determinado ponto no espaço ou no tempo. 5. atingir um ponto extremo; ir ao máximo:

(i) “— Feiosa, baixa, entroncada, carrancuda ao menor enfado, disse êle, não admito que homem algum se apaixone pela filha do Capitão-Mor, salvo se não é aquela que eu tenho visto no Poço da Moita, onde **cheguei** a passar mais de uma semana com as febres. Vão ver que ela usou de feitiçaria... Ora se não é isso! Vão ver. (PAIVA, 1952, Livro Primeiro, I, p. 21).

(ii) “Neste comenos a mulher do rio-grandense **chegava-se** para êste, que voltara a lapear o couro molhado, sentado num pedaço de rochedo que abrolhava fora da terra: — Toinho, aquêle é o Seu Damião...” (PAIVA, 1952, Livro Primeiro, III, p. 28).

(iii) “Sábado, 8 de abril, meteriam o pé no estribo para a vila. A casa ficou pronta na têrça-feira. O Secundino não tinha mais do que **chegar**, arrumar as mercadorias na pratêleira - e toca a vender.”

(iv) “Diabo de caminho desgraçado! Gente **chega i aos boléus**. Tomara que os senhores fôssem para a vila no mês de São João.” (PAIVA, 1952, Livro Segundo, I, p. 73)

(v) “Vai 20 mil réis para você me mandar uns cortes de chita de 8 varas e 2 xales, se não **chegar** mande dizer quanto falta.” (PAIVA, 1952, Livro Segundo, I, p. 73)

(vi) “E a Carolina, de cócoras cercada da filharada, desatava os embrulhos. E olha lá que exclamações de alegria, umas sôbre as outras! — Home! **chega vem de um tudo!**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, III, p. 85)

PLANTAR A CIZÂNIA

Falta de harmonia; desavença, rixa, discórdia:

“Por seu lado, o Seu Quim se confundia com aquelas recrudescências de carinho, e começava a perguntar a si mesmo se não laboraria em engano condenando no seu juízo secreto a uma inocente: se o falaço dos vaqueiros na Ipueierinha não seria obra de sataná, para **plantar a cizânia** naquela casa.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, I, p. 165)

COMER MAIS COM OS OLHOS

Expressão popular. 1. desejar muito; cobiçar. 2. fixar um olhar ávido, cobiçoso em (pessoa amada ou objeto desejado):

“O Conrado Bonfim, com a sua barba de bode, **comia mais com os olhos**, envidraçados nos seus óculos escuros, do que com a bôca. Em presença do juiz ficava acanhado” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, IV, p. 161)

Etimologia e dados diacrônicos

A expressão pode ter surgido na Roma antiga, onde nos rituais fúnebres eram realizados grandes banquetes em oferenda aos deuses. Durante o ritual não era permitido comer, apenas admirar as comidas. Se comia com os olhos

COMER O PÃO QUE O DIABO AMASSOU

É uma expressão popular que significa passar por um grande sofrimento ou por grandes dificuldades:

“Os que estavam ainda em marcha, como uns que êle ouvira ali, desejavam ter morrido antes nas suas terras do que se ter atirado assim pelos caminhos, **comendo, e quando comiam! o pão que o diabo amassou.** (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, V, p. 40)

Etimologia e dados diacrônicos

Variantes: “Comer da banda podre” e “Comer o que diabo enjeitou”

COMER POR UM PÉ

Expressão popular que significa aproveitar-se de (alguém), com o fim de obter vantagens ou lucro material:

(i) “Mas aquilo sabe onde carnero maia e andorinha dorme. Cabra onzonerero! Vígi como o satanaztá adulando a pobe da Sea Dona Guida! **Come a pobe por um pé.**” (PAIVA, 1952, Livro Segundo, III, p. 85)

(ii) “Mais quem fô neném que s'ingane contigo: pelos picos se vê a altura do monte. Êste diabo **come a pobe da Seá Dona Guidinha por um pé!**” (PAIVA, 1952, Livro Terceiro, II, p. 98)

QUI CORAÇÃO ABERTO!

Diz-se de pessoa solidária:

“Qui pessoa de bem! **Qui coração aberto!** Por ali, a bem dizê, ninguém era pobre estando junto dela...” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, V, p. 39)

A CORRER O MUNDO

Com acepção de viajar; espalhar-se, divulgar-se:

(i) “Aquela família, que tivera o seu gadinho, as suas bestinhas, e hoje **a correr mundo** com o lar às costas, como ciganos, lhe reaparecia,

porém, com as correções de personagens de contos vazados pelo buril da frase meditada.” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, III, p. 27).

CORRER O ÔLHO

Com acepção de olhar ao redor, examinar:

“O rapaz **corria o olho** pela fazenda, na qual já lhe ia parecendo ter parte. Muito gado, em vista da falada crise.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.35)

Etimologia e dados diacrônicos

Em Houaiss (2022), há a expressão “correr os ossos por”, que é o mesmo que “passar os olhos por”. Portanto, trata-se de uma variação fraseológica.

CORRÊ SANGUE

Expressão relacionada a briga de caráter violento:

“— E apois não foi? Mode non **corrê sangue**.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, V, p.39)

CUM EFEITO!

Expressão de uso popular equivalente a “ora essa”, “de fato”, “certamente”, “ainda mais essa”:

(i) “Mas **cum efeito!** aquêlo moço tão simpático e agradável! Coitado, quitiria cometido êle por lá?” (PAIVA, 1952, Livro Segundo, III, p. 85)

(ii) “— Quem lhe disse isso, mulher? **Com efeito!** - ralhou a Guida, sentando-se na rêde armada ali no alpendre.” (PAIVA, 1952, Livro Primeiro, XII, p. 68)

CUMA

Forma de uso popular para a conjunção “como”:

(i) “Mais porém, senhô moço, eu **cuma** nunca me meti nestas função de negociá, não juro pelo que digo, mais eu acho que o tempo tá munto ruim pra êsse mister no sertão.”

(ii) “— Nós era coma nêgo cativo. Pió! **cuma** cachorro sem dono. Bandoleiros por essas paragens de meu Deus.” (PAIVA, 1952, Livro Primeiro, V, p. 40)

(iii) “Pra o Sinhô? Achava que sim. Mais as nêga às vez dizium qui êles tavam mau. Ti Jaquim rifiria qui a Sinhora era **cuma** um cavalo cacête, qui tem sinau incoberto.” (PAIVA, 1952, Livro Primeiro, VI, p. 46)

(iv) “— Ai daí! esgoelava o Seu Antônio. Ca’alo **cuma** o Marreca da Seá Dona Guidinha, que chega aquilo macha sereno que mó de coisa que non bota os pés no chão, e chega mó que vai avoando pelos ares!” (PAIVA, 1952, Livro Primeiro, X, p. 55)

(v) “— Apois eu sei. A Sá Carolina me dixeu. Me dixeu munto contrafeita, hoje quando eu vinha do piero, que o Secundino tinha sido pronunciado sempre, que o Silveira não chegou mais im tempo de jurá **cuma** testemunha, qui agora só no júri...” (PAIVA, 1952, Livro Segundo, III, p. 79)

(vi) “— Olhe o cabra de topete caído **cuma** crista de galo velho, mal entonado em casaco de brim, que só se fêz pra gente branca! Só assim o quenga largava os mulambo... Co dinheiro alheio!” (PAIVA, 1952, Livro Segundo, III, p. 90)

(vii) “— Aproveitando o negocinho, home! explicava a Mercês. Apois nós haverá de voltá ainda cas malas cheias? Veja lá **cuma** vendemos cage tudo.” (PAIVA, 1952, Livro Quinto, I, p. 156)

(viii) “— Mó de ciúme. Outros dízim que êle pegou ela em flagrantes.— **Cuma** foi isso?! Conta lá tudo...” (PAIVA, 1952, Livro Quinto, I, p. 159)

(ix) “... Mas, meu véio, cá por casa outro galo lhe canta... Olhe, eu juro por Deus que nos vê, eu meto a mão no fogo **cuma** ela atraíçoa o Cumpade! E a coisa tá tão inraizada qui só mesmo aquêle Deus do Céu pode pôr têrmo a semiante peguero. Ali, istá sem bença.” (PAIVA, 1952, Livro Quinto, I, p. 161)

CUNHÃS

Acepções: 1. Mulher. 2. Mulher jovem; cunhantã. 3. A mulher do caboclo:

“Nisto sente quebrar mato, e com ligeiro susto avista algumas mulheres a carregar grandes cuias. Eram **cunhãs** que vinham apanhar ovos, certamente...” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 173)

CURÁ NO RASTO

Nome dado à prática comum entre os benzedores que consiste em passar um ramo verde ou cobrir com uma pedra o rastro do animal pronunciando palavras de uma reza específica na tentativa de curá-lo de enfermidades:

“De quando em vez apareciam poldrinhos com bicheira: – M'pai, observava o Néu, aquêlê home non dá conta dos animais, Inhor, não. Só qué **curá no rasto...**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, I, p. 98)

Etimologia e dados diacrônicos

Curá apresenta uma marca de oralidade comum principalmente ao povo nordestino que é a supressão da letra r no final das palavras. Assim como em corrê (correr), pagá (pagar).

CRESCIT ET MULTIPLICAMINI

Latinismo bíblico (Gên 1:28) com a tradução livre de “Crescei e multiplicai-vos”:

“Assim, a prostituição, a masturbação, a pederastia, os incestos, os adultérios, as modas, o espartilho, o luxo, tôda essa coorte infernal de vícios contra a castidade, e contra a moral, e contra o bem-estar, a destruir, a amesquinhar, a desperdiçar de noite e de dia o óvulo humano, não atrasava de um segundo o **crescit et multiplicamini** do livro santo. Quem podia dar combate ao Pecado sem arcar assim contra o plano tenebroso da matéria?” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, IV, p. 193)

D

PREÇO DE ESFOLAR

Expressão de sentido figurado, e de uso informal que se refere a cobrar preços escorchantes; onerar pesadamente:

“Nos outros anos quase não era necessário ir-se compra-los ao povoado, porque pela estrada passava de um tudo; mas naquêle, o trânsito havia já diminuído por causa da falta de pasto e de cavalgadas, e pelo pouco que aparecia, que ressurgia, pediam um **preço de esfolar**, embora o matuto fôsse vender o mesmo gênero mais barato na primeira feira onde arriasse o comboio.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, III, p. 29)

TIA DE SE LHE TIRAR O CHAPÉU

Digno de admiração, merecedor de homenagens e respeito:

“...o Secundino fazia-se verboso, inquiria, comentava, dizia graças, tomava liberdades: — Pois tenho uma **tia de se lhe tirar o chapéu**, meu amigo. Olha que o velho teve bom gosto!” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.34)

DE PRIMEIRO

Acepção de antigamente, em tempos idos:

“**De primeiro** havia na ribeira do Curimataú, afluente do Jaguaribe, uma fazenda chamada Poço da Moita.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, I, p. 15)

DE QUATRO COSTADOS

Convicto, totalmente identificado com algo:

“Ao despedir-se, o reverendo fêz cumprimentos meio rasgados: estimava muito em conhecer ao Secundino, e que se fôsse logo

naturalizando bom cajazeirense. — **De quatro costados!** obtemperou o pernambucano.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, I, p. 78)

APARECER DE SOPETÃO

Movimento rápido e inesperado; impulso, repente, súbito:

“Era tarde para descer da porteira, porque o homem, tendo vindo pelo canto do cercado, **aparecera de sopetão.**” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, III, p. 30)

Etimologia e dados diacrônicos

Comentário: arcaísmo datado de 1836. Palavra usada apenas na locução de supetão.

DECOMERZINHO DELICADO

Aquilo que se come, alimento, comida:

“O Secundino serviu-se à farta como quem vinha negro por um **decomerzinho delicado**, com o paladar cansado dos fervidos de comboieiro.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.36)

DOER NA VISTA

Diz-se de algo que é extremamente claro ou de cor forte que chega a causar desconforto nos olhos:

(i) “Os cúmulos de inverno, impertinentes, monstruosos, apresentavam alvuras que **doíam na vista**, e negrumes, sem transição”. (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, V, p. 38)

(ii) “Ninguém na frente da casa onde o sol, batendo de lado, enesgava pelo alpendre uma claridade quente e aluarada. O dia **doía na vista.**”

DAR FÉ

Regionalmente, com acepção de perceber, notar:

“Tu tá bom mesmo é pra guarda-costa, xujo! Aquilo sabe intê de tologia e filosofia, e já **deu fé** qui o casau vive uma hora por outa renrém-renrém...” (PAIVA, 1952, Livro Segundo, III, p. 85)

DAR NO GÔTO

Conquistar a simpatia de; cair nas graças ou no gosto de:

(i) “As indiretas da mulata velha Corumba, a confiada, que lhe adivinhava a maganagem, é que **lhe davam no gôto**. Daí, puxar por ela. Que se dizia? Que vira ela? Era melhor que se importassem com as suas ventas. Ninguém se livra do falatório do povo, que anda sempre a cascavilhar na vidinha do próximo.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, V, p. 123)

(ii) “— Mas, professor, dá licença? Eu, pilheriava o rapaz, eu já sou fazendeiro e sei de tudo isso... Queria era um latinzinho... Chega **me dava no gôto!** — Sai daí! Tu és lá fazendeiro, tu és um pungá! Ne sutor ultra crepitam. – Isto sim, que eu gosto! Mais um pinguinho, ande!”

Etimologia e dados diacrônicos

Gôto é uma variante arcaica da palavra glote datada em Houaiss (2022) de 1543.

DAR O BICHO DE ITIRIÇA

Síndrome de várias moléstias, caracterizada pela coloração amarela dos tecidos e das secreções orgânicas, resultante da presença anormal de pigmentos biliares:

“Ainda bem quitu diz que quem matá sapo mate bem morto, porque senão o sapo vai secando e a gente também... Havera de te **dá o bicho da itiriça!** Diabo que te mate, língua de briba! Mais quem fô neném que s'ingane contigo: pelos picos se vê a altura do monte.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, I, p. 98)

Etimologia e dados diacrônicos

Variante popular de icterícia.

ANDAR DE BÔCA EM BÔCA

Transmitido oralmente; de pessoa para pessoa.

“Ela supunha que não. Êle que o pusesse a par; não havia nisso nenhuma inconveniência. E, depois, mais dia, menos dia, tudo havia de **andar de bôca em bôca**, e ninguém podia arrolhar os outros, porque abelhudos não faltavam” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, I, p. 97)

Etimologia e dados diacrônicos

Variante: andar de boca a boca.

DÁ CONTA DO RECADO

Desempenhar bem alguma tarefa; conseguir fazer (algo):

“O portador foi o Silveira, que viera decretado à vila após o Lulu, para assuntar, mandado pela ama. E, vendo o furor desta contra o outro: — Cumade, disse, estou cage li dizendo qui discanse seu coração, que seu cabavéio **dá conta do recado...**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, VI, p. 182)

DAR VINTÉM PRA NÃO ENTRÁ E UM BOI PRA NÃO SAIR

Ditado popular. Significa não se esforçar para entrar em uma briga, mas prosseguir até o fim caso entre:

“Os cães ladraram para o caminho do Vavaú, e Seu Antônio notou que por êle vinha um vulto a cavalo. O vulto adiantava-se. Seu Antônio conheceu que era um vaqueiro, e disse de si consigo: — Home, aquêle mó que é dos que **dão um vintém pra não entrá e um boi pra não sai?** Aí no duro!” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 174)

Etimologia e dados diacrônicos

Variante: dar um boi pra não entrar na briga, e uma boiada para não sair

QUITUTES DE DE LAMBER O BEIÇO

Diz-se de algo que provoca delícia; que é gostoso, prazeroso:

“O Major Quinquim largou-se também na véspera, com a mulher e o sobrinho. Dormiriam no Vavaú para passar o dia da festa com o Miguel, que oferecia um pingue almôço de panelada e **quitutes de lamber o beijo**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, I, p. 169)

DE RIJO

Com fortaleza, com energia; rijamente:

(i) “— **Chega-lhe de rijo!** gritava a Guida, a única voz que se fêz ouvir naquele momento de ansiosa expectativa.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, II, p. 143)

(ii) “— E você non sabe? — continuava a Mercês — no Vavaú não se falou noutra coisa. O povo já **tava capinando de rijo** no caso, e dizia que o mancebo andava jé com muita galizia...” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 178).

(iii) “Aconteceu a uns dois se lhe **apegarem de rijo**, porém as respectivas famílias, com a imposição que então os pais ainda abocanhavam, os desviaram; um dêles, até à fôrça bruta, quase amarrado, foi recambiado para Olinda, onde se ordenou.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, I, p. 24).

DE VENTO EM POPA

Expressão popular usada quando tudo está indo conforme o planejado:

“O Seu Quim apareceu com o baralho, e jogou de parceiro com a Carolina, que a Senhora chamara para êsse fim. Não teve língua para dizer nada. E Guida **de vento em pôpa** na viagem do crime.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, I, p. 166)

DESEMBESTAR PRADOS EM FORA

Na linguagem regional, com acepções: 1. correr desenfreadamente; arremessar-se, disparar. 2. despedir(-se) a seta, o virote, da besta:

“Todos, até os vaquianos, gente como que arrebetada daquêlê próprio chão, sentiam-se tomados por sensações de gôzo indefinido, um sentimento religioso, alheio à existência da sociedade, nesse pasmo, nesse delíquio que infligem à pobre espécie humana os grandes aspectos soleníssimos da natureza em ser, com a diferença, porém de que, como no gado, a impressão, nos vaqueiros, os arrastavam à vida, ao exercício, a espojar-se a correr, a movimentar-se violenta e brutalmente, a **desembarstar prados em fora.**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, II, p. 140)

POR DESPIQUE

Acepções: 1. Ato ou efeito de despicar (-se). 2. Ato de desagravo; desforra, vingança, desafronta:

“O Padre voltou a cabeça e lhe notou uma fisionomia parva. Que queria aquêlê homem? Estava quase lhe dizendo que no seu caso a natureza ordenava que procurasse uma mulher, **por despique**, e nunca um sacerdote.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, I, p. 169)

DEUS ESCREVE DIREITO POR LINHAS TORTAS

Ditado popular que significa que Deus sempre consegue estabelecer a verdade por mais difícil que pareça ser:

“Mas ali êle estava tão bem! Fazendeiro, senhor, amo, quem sabe o que o futuro lhe reservava? Não se diz que Deus escreve direito por linhas tortas? Daquele crime contra a moral e a honra não poderia resultar uma ventura? (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, I, p. 133)

Etimologia e dados diacrônicos

Variante: Deus escreve certo por linhas tortas.

DIABO A QUATRO

Em uma frase em que se enumera várias coisas, esta expressão popular pode ser usada para dar ideia de continuidade, assim como “etc.”, “entre outras coisas”, “assim por diante”:

“Homem! a coisa no outro tempo era mesmo um terror. Por isso é que se davam aquelas lutas de Feitosas e Moirões, e o **diabo a quatro!**” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, XI, p. 62)

FICAR DOIDO DE PEDRA

Aquele que age de maneira insensata, desajuizadamente. Esta expressão coloquial pode ter origem na época medieval devido as práticas em hospitais psiquiátricos, pelo uso excessivo de remédios:

“Era, sim, Senhora, afirmava o parceiro. Era muito fiel. Tinha uma coisa: não podia tocar em bebida. Perdia o senso? Xi! **Ficava doido de pedra.**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, X, p. 56)

E

EM CIMA DAS BUXAS

Em cima da hora, no exato momento:

“Êle, era exato, desde novinho ganhara fama de valentão... Tinha dado e apanhado muitas vêzes. Dera facadas, cacetadas, bofetes... Mas (e descobria isto com alegre surprêsa) nunca havia atacado ninguém a sangue-frio! Ferro e sangue, mas ali, **em cima das buxas.**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, VI, p. 202)

EMBIRRÂNCIAS

O mesmo que embirração. 1. Ato ou efeito de embirrar; rancor; antipatia. 2. persistência num comportamento voluntarioso; teima, irreductibilidade, obstinação:

“Entretanto, por milagre não sei de quem, Margarida estava uma excelente espôsa, como não o fôra ainda. Sem o marido dar por ela, fazia mesmo o sacrificozinho de algumas **embirrâncias** do seu natural rixoso, conhecida como era por ter um gênio forte de antes quebrar que torcer.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, II, p. 80)

DEIXAR DE EMPAIAÇÃO

Forma popular de empalhação no sentido de embromar; enrolar:

“Minha gente! **Deixassem de empaiação**, que a Seá Dona Guidinha queria assisti ao divertimento e non haveria de está se dilatando inté de manhã: era a exclamação da Carolina, tôda solitudes.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, III, p. 88)

EMPANADO

Brasileirismo com acepção de indivíduo trajado com roupa feita de pano, e não de couro, que é própria do vaqueiro:

“O Nêu correra o último pau da porteira. No vaquejador, para a banda da Serra do Papagaio, apontaram dois homens, um encourado e um **empanado**, e uma carga.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, VIII, p.48)

HOMEM ENCOURADO

Que ou aquele que veste roupa de couro, conforme o uso dos vaqueiros:

“O Nêu correra o último pau da porteira. No vaquejador, para a banda da Serra do Papagaio, apontaram dois homens, um **encourado e um empanado**, e uma carga.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, VIII, p.48)

Etimologia e dados diacrônicos

Encourado é particípio de part. de encourar. Trata-se de arcaísmo datado de sXIV. Há também a variante encoirado (particípio de encoirar) também datado de sXIV. É exemplo de Regionalismo (Nordeste do Brasil.). O processo de formação é de encourar é 1en- + couro ou coiro + -ar. Couro vem do latim. corium,ii 'id.', pelo vulgar.

ENRABICHAMENTO

Duas acepções: 1. tomado de amor; apaixonado, enamorado. 2. que costuma andar agarrado a outra pessoa (diz-se de indivíduo):

“Naquela situação de espírito, o bom Major, todo o tempo que esteve no Vavaú, foi como que atrelado à pessoa protetora do Padre João Franco, seu amigo, seu chefe, e cura de almas. O Padre notara êsse **enrabichamento**, e desconfiou do porque, visto como a Guida pelo seu lado em tôda a sua conversa era Secundino para aqui, Secundino para acolá.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, I, p. 169)

ENTRAR POR UM OUVIDO E SAIR PELO OUTRO

Não ser levado em consideração (pedido, recomendação etc):

“Sabia lá! **Entrava-lhe por um ouvido, saía-lhe pelo outro**. E com intenção: Só sabia, sim, que quem bem me avisa meu amigo é. O cumpadre que deu tanto valor àqueles forasteiros, é que sabia o que êles valiam. Antõe Morera não era gente de dixe que dixe... O cumpadre porque também não dava uma volta por lá?...” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 182)

ENTROCADA

Trata-se de um termo popular que define uma pessoa baixa, forte, atarracada. Que é corpulento, espadaúdo:

“— Feiosa, baixa, **entroncada**, carrancuda ao menor enfado, disse êle, não admito que homem algum se apaixone pela filha do Capitão-Mor, salvo se não é aquela que eu tenho visto no Poço da Moita, onde cheguei a passar mais de uma semana com as febres”. (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, I, p.21)

ENXUGAR LÁ O SEU COPO

Beber até a última gota do copo:

“— Você meteu-se no gole, Corumbá. Não me importa que **enxugue lá o seu copo**, mas perca êsse costume de alinhar tudo. Oh!...” (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, I, p. 74)

ESMOURECER

Com acepção de tornar sem ânimo, sem forças; enfraquecer, entibiar, afrouxar:

(i) “— Já disse ao Seu Antônio que mandasse vir a madeira que está na Lagoinha, e acho que o Martins foi... Escuta, estou ouvindo o carro. — Então deve ser êle... É êle mesmo. Realmente, rio abaixo, **esmorecia** de mais a mais o chiar de um carro de bois.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, XII, p. 60)

(ii) “Vou lhe dar notícia que o Silveira chegou esta noite trazendo cartas para o Quinquim que você está pronunciado, não **esmoreça** porque dêste lugar ninguém lhe arranca, abaixo de Deus e Nossa Senhora, não vejo êsse que se atreva a tentar!” (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, III, p. 86)

(iii) “Realmente, rio abaixo, **esmorecia** de mais a mais o chiar de um carro de bois. Quando o velho pêndulo da sala disparou as suas nove horas, no tímpano fanhoso, fazia um sol quente e devastador.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, XII, p. 67)

ESQUEIXELADA

Forma de uso popular que se diz aquele que ficou assustado; abismado; de queixo caído:

“A ama o escutava **esqueixelada**, a olhar como providencial a presença do cabra, que exclamava, largando no fundo do chapéu de couro a masca de fumo e soltando uma cusparada na parede” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, I, p. 98)

ESTAR COME NÃO COME

Expressão popular utilizada para dizer que algo está prestes a ser alcançado, encontrado, atingido:

“Olhe que é três léguas grandes, obtemperou o vaqueiro. Seus burros a onça **está come não come.**” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, IV, p. 32)

ESTAR-SE NOS MOCOTÓS

Expressão popular que significa seguir a alguém imediatamente a atrás:

“Seu Joaquim, vá seguindo, que eu já lhe pego. Antes de você alcançar a vila, **estou-lhe nos mocotós.**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.32)

F

FI DE DEUS

Forma informal e popular de filho:

“—E depois então, minha rica branca? A gente também não há de pricurá suas melhoria? Só branco é que é **fi de Deus?** Depois vosmicê era intê mais a favô dos negô, o qual não é agora. Óie que vosmicê tá ficando pos nêgo...” (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, I, p. 74)

Etimologia e dados diacrônicos

Fi é uma forma apocopada de filho. Não registrado em Houaiss.

FIÔTO

Tabuísmo regional para ânus:

“E bem na orelha do letrado: — Disse nas minhas ventas que limpava o **fiôto** — com licença da palavra — com diploma de juiz de direito!” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, IV, p. 115)

FAZER-SE AS HONRAS DA CHEGADA (FAZER AS HONRAS DA CASA)

Dar (o dono ou morador de uma casa, ou alguém a seu pedido) boa acolhida a visitas ou hóspedes cuidando do seu bem-estar:

“Oh, meu caro Senhor! exclamou o rapaz, puxando a cadeira que lhe oferecia. Se não me engano é o mesmo cavaleiro que **me fêz as honras da chegada**, não?”. (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, VII, p.46)

NÃO FAZER CERIMÔNIA

Acepções: 1. Hesitar ou não tomar iniciativa por vergonha ou delicadeza. 2.”demonstrar timidez, acanhamento; recusar algo mesmo quando o deseja. Equivalente à **sem cerimônia**: à vontade; distenso, desembaraçado:

“Diante dos vaqueiros e dos escravos, Guida **não fazia cerimônias**; mas, vendo encaminhar-se um cavaleiro de certa ordem, ficou sobremodo acanhada.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, III, p. 30)

FAZER ROL DE TUDO QUANTO HÁ

Que ou aquele que conversa sobre muitos assuntos ao mesmo tempo, minuciosamente detalhados:

“— O Senhor não repare estas coisas, não: é costume velho de Mãe Anginha. Quando agarra uma pessoa, quer **fazer logo um rol de tudo quanto há**. E se é gente que vem de baixo, então...” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, VIII, p. 48)

APRENDER A LER POR CIMA

Ler de forma superficial:

“Aí, na vila, passou a Guidinha, em companhia da avó, os quatro anos que gastou na escola régia, onde **aprendeu a ler por cima...**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, I, p.20)

FAZER-SE VERBOSO

Pôr-se a falar muito:

“Como para recompensar a boa vontade com que o velho vaqueiro, que viu logo ser o mor da casa, lhe respondia, o Secundino **fazia-se verboso**, inquiria, comentava, dizia graças, tomava liberdades” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, IV, p. 34)

FAZER BOA SÚCIA

Regionalmente, com a acepção de fazer festa familiar:

“A Margarida com seu exagêro, despejou um copo de vinho na cabeça de um convidado que não queria beber mais. Compareceu um velho ferreiro, dizendo de décimas e brejeirices, que **fêz boa súcia**.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, II, p. 81)

FAZER OS GOSTOS DO PAI

Eis as acepções: 1. aprovar, apoiar, ficar feliz. 2. De fazer gosto: maravilhosamente, esplendidamente. 3. Fazer o gosto de: satisfazer o desejo de; fazer a vontade de:

(i) “O Seu Vigário bem sabia que ela casara com aquêlehomen para **fazer os gostos do pai**. Há mais de dezesseis anos, só ela sabia a vida penosa que vinha suportando...” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, III, p. 190)

(ii) “— Sim, Senhor. É de uma raça de jumentos da Baía, que eu tenho lá. Ca figuras! Bem encascados que **faz gôsto**, possantes... Tem até um que bralha.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, X, p. 58)

(iii) “Que tem bôca de rubim/E tá dançando na roda... /**Faz gôsto dançar assim!**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, III, p. 88)

(iv) Dar gôsto: “A praça da matriz, forrada de pasto rasteiro, com os seus pés de cajá, de tamarindo, alguns sobrados, casas caiadas, sol, **dava gôsto**, alegrada pelos mastros em bandeirados das noites da trezena.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, III, p. 104)

(v) Com muito gosto: “– **Com muito gôsto!** — respondia o Secundino. — Também quais são as minhas ocupações?” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, I, p. 153)

Etimologia e dados diacrônicos

“Com muito gosto” trata-se de um hispanismo decorrente da tradição oral remanescente da colonização portuguesa. Tem-se em Espanhol “com mucho gusto” usada para indicar que alguem accede a algo que se le pide”.

FAZER MEIZINHA

Na linguagem nordestina, significa o mesmo que fazer mezinha:

1. líquido medicamentoso aplicado com enema.
2. qualquer remédio.
3. Uso: informal: medicamento caseiro.

“—Venho é ver uma rêde e uns paus para se levar o homem pra onde haja casa de cristão, que êle ficou cos outros, que estão lá **fazendo meizinha** por mó de ver se êle escapa, mais porém que eu não acredito qui sirvam... Estão debaixo d’úa moita, sem água, nem sicorro...” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, II, p. 147)

“Viera a sêca. No premêro ano três vez se plantou três vez a lagarta comeu tudo; mas, pela graça de Deus, sempre houve uma ramazinha pros bicho. No segundo, nem quage pasto, legume nem pra **meizinha.**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, V, p. 42)

Etimologia e dados diacrônicos

Não ter nem pra meizinha significa não ter nem pra (fazer) remédio), isto é, que se acabou, que não resta nada.

FERVET OPUS

Acepções: 1. Palavras latinas que significam ferve o trabalho (tradução livre), e se empregam para significar grande azáfama, grande faina. 2. Grande atividade e confusão; atropelo, atrapalhação. 3. rumor alto de vozes; grita, bulha:

“Muito bem! O Padre já sabia que ia ceiar avoantes àquela noite. Não deixavam de levar-lhe a caça, de que era muito afeiçoado. Chegou em casa já com escuro. O vizinho, Dr. Motezuma, tinha agora o sobrado

um dia por outro em danças, modinhas e brinquedos freqüentados. Lá estavam, pelo moceiro e pela rapaziada do lugar, num **fervet opus**, risadaria, talvez colocando-se para uma quadrilha, ao toque de rabeça e viola.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, IV, p. 194)

FICAR O DITO PELO O NÃO DITO

(= dar o dito pelo o não dito)

Com acepções: 1. desfazer uma combinação, promessa, compromisso, acordo. 2. Negar o que se disse, contradizer-se, desdizer-se, desmentir-se:

“— Vosmicê, já uviu, tia Aninha? mande entregá o cavalo em que eu vim, cos arreios, à Seá Dona Guida, e dizê a ela que **fica o dito pelo não dito**. — Dito por não dito de quê?” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, VI, p. 202)

FICAR PENSO

Com acepções: 1. Que se encontra pendido, inclinado. 2. Que se encontra em posição desajeitada; de mau jeito:

“O Secundino, do alpendre, entrou com os outros a fazer-lhes pontaria, a apostar quantos matariam, fazendo fogo sobre aquê tapume negro e mole. Mas o chumbo treslia, urubu tinha mandinga, apenas um **ficou penso**.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, II, p. 137)

FRU, FRU, FRU

Rumor produzido pelo roçar de folhas ou de tecidos, especialmente os de seda:

“Guida caminhou pela vereda, de lenço e rosário na mão. E a seda do seu vestido — **fru, fru, fru...** Enfrentando ao grupo de homens da terra, que conversavam à porta do lado, todos lhe tiraram o chapéu, fazendo mesura de cabeça.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, III, p. 107)

Etimologia e dados diacrônicos

Apenas a forma "fru-fru" é apresentada em Houaiss (2022).
Datada de 1888.

G

GENTE DE BAIXO

Diz-se daquele de poucas posses; que não tem, ou quase não tem recursos próprios. Equivalente a gente que vem de baixo, ou seja, aquele de origem humilde; pobre:

“— Quero dar-lhe o meu castanho para ver. Mais essa **gente de baixo** não costuma sê lá muito boa pra mestre de cavalo, não, Senhor.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, X, p. 57)

“— O Senhor não repare estas coisas, não: é costume velho de Mãe Anginha. Quando agarra uma pessoa, quer fazer logo um rol de tudo quanto há. E se é **gente que vem de baixo**, então...” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, VIII, p. 48)

H

HOMENS DE GRAVATA

Expressão utilizada para referir-se a homens ricos com cargos elevados na sociedade:

“Não seja para admirar a seqüência, logo ali assim, de dois postos militares, capitão-mor e major. Mais virão. E quase tantos sejam os **homens de gravata**, que êste acanhado verbo por aqui vá pondo de pé, quantas as patentes.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, I, p. 15)

IFE!

Acepções: 1. Admirativa de dito em louvor. 2 exprime desabafo, cansaço, por vezes satisfação por se ter livrado de um aborrecimento:

“**Ife!** Era muito melhor quando estavam na vila! O rio lá era espraído e pelo caminho não se andava aos trancos e barrancos como ali na fazenda, e mó de que lá a roupa corava melhor..” (PAIVA, 1952, Livro Segundo, I, p. 73)

IR DE FIO A PAVIO

Expressão popular que significa do princípio ao fim:

“— Cujos dignos descendentes constituem hoje em dia o grosso dos votantes. — Não interrompa, **vá de fio a pavio.**” (PAIVA, 1952, Livro Primeiro, XI, p.64)

I AOS BOLÉUS (IR AOS BOLÉUS)

Cair; trambolhão; baque:

“Ife! Era muito melhor quando estavam na vila! O rio lá era espraído e pelo caminho não se andava aos trancos e barrancos como ali na fazenda, e mó de que lá a roupa corava melhor. Diabo de caminho desgraçado! gente chega **i aos boléus.**” (PAIVA, 1952, Livro Segundo, I, p. 73)

VAQUEIRINHOS IMBERBES

Acepções: 1. Que ou o que não tem barba. 2. que ou aquele que é novo, jovem, iniciante:

“Dois **vaqueirinhos imberbes**, aproveitando o novilho de fôrças quebradas, ainda andaram a dar-lhe tombos; e, por fim, o pobre do bicho já estirava palmo de língua de fora”. (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, II, p. 143)

INFUEIMADO

Regionalmente, afuleimado, isto é, inflamado, inchado:

“— Mó do talho, respondeu o escravo, que ainda está muito **infuleimado**, tendo arrebetado a pipoca, abaixo do rejeito. — E que aconteceu ao Senhor?” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, III, p. 159)

INGAZEIRAS TECIDAS POR JITIRANAS

Ingá de até 10 m (Inga capuchoi), nativo do Brasil (PA), com madeira usada como lenha, dois a quatro folíolos por folha e flores vermelhas e brancas, em pequenas espigas:

“A mãe, dando pela ausência, depois de passado algum tempo, chamou, se levantou, foi procurar, ninguém respondeu, nada viu... Dado um prazo, Aninha aparecia de debaixo de umas **ingazeiras tecidas por jitiranas**, vermelha, açodada, agitada, assombrada, quase tolhida a fala.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, III, p. 157)

INHOR/SEÁ/INHORA

Mesmo que senhor/senhora:

(i) “— Minha tia? A senhora de meu tio? Aquela que encontrei no curral? — **Inhor**, sim, é Seá Dona Guidinha...”

(ii) “O vaqueiro pôs-se nas pontas dos pés: — Não sei, **Inhora**, não... Mas mode coisa que é gente de Pernambuco?”

Etimologia e dados diacrônicos

Forma protética de nhor

O INIMIGO DO GÊNERO HUMANO NÃO DORME

Uma das muitas formas de uso popular para se referir ao Diabo:

“...Vão ver que ela usou de feitiçaria... Ora se não é isso! Vão ver. — O Rev. Visitador ainda credita em urucubacas? — Se creio! **O inimigo do gênero humano não dorme.**” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, I, p. 21)

INSTINTO DE PEJO

Aquele que por natureza designa vergonha, embaraço ou pudor; timidez ou acanhamento:

“Nadava de braça como os homens, e não como as mulheres, que trabalham com as mãos por debaixo d'água, pelo **instinto de pejo**, e vão assim batendo os pés à tona.” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, I, p. 19)

J

MOITAS DE JERIMATAIS E MOFUMBO

Mesmo que jaramatais. Árvores de folhas oblongas, flores em panículas axilares e cápsulas monospérmicas, nativa dos mangues do delta do Níger (Nigéria), e introduzida no Brasil:

“Iam elas pela vereda. Aqui pedrouços, ali **moitas de jerimatais e mofumbo**, adiante a areia grossa do rio, que rangia sob o calçado. Guidinha com os seus tamancos, o seu olhar pequeno, a sua vitalidade a desafiar os anos, mais jovem que a juventude, uma criatura que na vida não houvera sentido nem uma dor de calos, deixava a Lalá ir ficando atrás. Ia quebrando as fôlhas das moitas.” (PAIVA, 1952; Livro Terceiro, II, p. 97)

JINJIBIRRA

O mesmo que gengibirra: espécie de cerveja de gengibre, cuja composição inclui, além de gengibre, frutos, açúcar, ácido tartárico, fermento de pão e água; cerveja de barbante. Aguardente de cana; cachaça:

“O Miguelzinho chamou lhe grandíssimo veiaço, à boa parte, porque lhe parecia que o rapaz não se dava por achado em meio de tanta matuta pimpona: — Mas tu cai sempre, **jinjibirra!** Nem Deus te vale!”. (PAIVA, 1952, Livro Segundo p. 79)

INGAZEIRAS TECIDAS POR JITIRANAS

Acepções: 1. Mesmo que Jeritanas de folhas cordiformes, flores aromáticas, vermelhas ou vermelho-alaranjadas, e cápsulas globosas; jitirana. 2. trepadeira herbácea de folhas cordiformes, flores vermelhas, e cápsulas globosas, cultivada como ornamental; jitirana, mata-me-embora:

“A mãe, dando pela ausência, depois de passado algum tempo, chamou, se levantou, foi procurar, ninguém respondeu, nada viu... Dado um prazo, Aninha aparecia de debaixo de umas **ingazeiras tecidas por jitiranas**, vermelha, açodada, agitada, assombrada, quase tolhida a fala”. (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, III, p. 157)

L

LAMBUGE

Acepções: 1 ato de comer gulodices. 2. guloseima, lambarice. 3. resto de comida deixada nos pratos. 4. Regionalismo: Brasil. m.q. lambuja:

“—Ca bôbo! Ca santo homem! E toca risada velha, bosque adentro. E cantava, por lambuge, moderado o passo da alimária, ao cheiro das resinas do mato amadurecido: Se eu fôsse uma rola, Pudesse voar...” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, V, p. 113)

Etimologia e dados diacrônicos

Forma apocópica de Lambugem.

LÁBIAS DE LABARAL

Palavrório cheio de astúcia e artifícios para persuadir e convencer ou explicar-se:

“— Menino, lê lá, e deixa-te de **lábias de labaral**.” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, XI, p. 63)

LARGAR A GOELA NO MUNDO

Falar/Cantar em volume elevado:

“Os cantadores **largavam a goela no mundo**, impregnando no verso a volúpia do baião” (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, III, p. 90)

LARGUE O CABESTRO QUE A BESTA É ALHEIA

Ditado popular usado como espécie de aviso ou conselho a outrem para que não insista ou que desista de argumentar em alguma situação:

“— Pois, Miguelzinho, você quererá sustentar que o rei de espada era seu? —Era sim! **Largue o cabresto que a bêsta é alheia.**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, X, p.55).

LAVAR A HONRA

Vingar-se de modo a preservar a honra. Desforra, retaliação:

“Quem veio a saber disso foi o Miguelzinho do Vavaú tempos depois, que o taxou de pusilânime, pois o que êle devia ter feito era naquela mesma noite disparado, sim, os dois tiros, mas um na Guida e outro no miserável, que docontrário a moral não podia ficar de pé. Bala, Seu Quinco, é só o que **lava a honra!**.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, III, p. 153)

LEVADA DA BRECA

Diz-se de pessoa irascível, travessa traquina, endiabrada, caprichosa:

“E assentou logo: qui hai coisa, é bom escogitá. Aquela Guida também! aquilo é uma danada, **levada da breca**, da carepa e da canita, e se ela não fêz ainda uma terramote é mó de que Seu Majó tem oração forte consigo...”

Etimología e dados diacrônicos

Variantes: levado da carepa, levado da canita.

LENGA-LENGA

Acepções aplicáveis aos contextos abaixo: 1. Pop. Conversa, discurso ou narrativa monótona e tediosa; arenga; cantilena; ladainha. 2. O que é demorado, enfadonho.

“— Pois lá vai como queira. Quando o vi chegar, supus que vinha em romaria, como todos os dias vem gente, e por isso perguntei-lhe se vinha às fôlhas, isto é, buscar fôlhas do pé de ingàzeira, onde Nossa Senhora apareceu, que são milagrosas como chá, como rapé, e até mascadas. Aproveite o ensejo, e leve daí uma buxa de folhiço, que de uma buxa não passa tôda essa **lenga-lenga**. Já pedi ao Ver. Visitador que me providenciasse a respeito desses Descaros da superstição e da especulação de alguns colegas meus...” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, II, p. 140)

M

MAGOTE

Ajuntamento de pessoas ou de coisas; amontoado, porção:

“Os negociantes de gado, que sempre ocorrem nessas ocasiões, já haviam escolhido, com ôlho prático, o que queriam, e fechavam as compras, reunindo os **magotes** e fazendo-os tanger.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, II, p. 140)

MAIS TARDE OU MAIS CEDO

(Mais cedo ou mais tarde)

Expressão popular que significa em breve, logo, mais hoje mais amanhã:

“Mais o velho pega, e se hai de compô as coisas cos adversaro, que êle bem que lhe dixee que cum uma política ninguém bota panela no fogo, que por adonde entre um sai dois, **mais tarde ou mais cedo...**” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, V, p. 39)

MANCEBO

Que ou aquele que está na juventude; moço:

“Os **mancebos**, que freqüentavam a casa, freqüentavam-na sem dúvida por causa da moça, por via de ser ela muito de liberalidades, muito amiga de agradar, (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, I, p.21)

MÃOS ROTAS

Indivíduo que gasta excessivamente; esbanjador, gastador, perdulário:

“A Guida, **mãos rôtas**, que fazia derramar ancoretas de vinho nas suas festas, senhora de suas ventas, essa era extremada no proteger ou no perseguir.” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, VII, p. 45)

MARACANÃ

Nome comum a diversas aves psitacíformes:

“Os bandos de periquitos e **maracanãs** atravessavam o ar, em busca do verde, espalhando uma gritaria desoladora, sem um acento de úmida harmonia” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, II, p. 23)

MATAR O TEMPO

Entreter-se, divertir-se com algo sem importância para distrair-se:

“O rapaz nem se lembrava de abrir os livros de histórias e novelas que trazia, para **matar o tempo**”. (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, IX, p.52)

MATUTO

Acepções aplicáveis aos contextos: 1. Diz-se de ou indivíduo que vive no campo e cuja personalidade revela rusticidade de espírito,

falta de traquejo social; caipira, roceiro, jeca 2. Regionalismo: Nordeste do Brasil: que ou aquele que demonstra timidez, retraimento, desconfiança. 3. Regionalismo: Brasil: que ou aquele que não tem conhecimentos, instrução; ignorante, ingênuo. 4. Regionalismo: Brasil. Uso: informal: que ou aquele que é dotado de esperteza, de astúcia; finório, sabido, matreiro. 5. Relativo a hábitos e maneiras próprios do matuto, da vida no campo. 6. Diz-se de indivíduo meditativo, dado a matutar:

(i) “Quantas vêzes não tivera de ver a sua suscetibilidade ralada, como entre pedras, por aquêles **bichos de matutos!** Matuto e pracião, cada qual tinha o seu modo de ver, de entender, de raciocinar, a sua linguagem, o seu pensamento.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, I, p. 133)

(ii) “E, dando corda ao pessimismo conformado do **matuto cearense** escarmentado, êle, pernambucano, sentia-se confuso pisando em aquelas regiões sertanejas, que pareciam palpitar de um sentimento e de uma alma.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, I, p. 37)

(iii) “O **matuto** respondia-lhe que, êle visse, tudo ainda estava uma lástima. Estava vendo naquela baixa aquêle tijuco prêto? Pois era uma lagoa que em 25 não secou.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, I, p. 37)

(iv) “A vivenda, tudo escancarado, estava cheia da algazarra daquêles **matutos agigantados**, alegres, gente ainda séria, mal encarados como novilho e dóceis como ovelha.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, X, p. 53)

(v) “Caçoando, caçoando, o brinquedo foi até o dia seguinte, ao quebrar das barras. Então foram-se retirando os **matutos**, em corridas e gritarias por aquêles matagais.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, II, p. 81)

(vi) “Os **matutos** não eram bastante useiros nas figuradas, que até levavam à boa conta.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, II, p. 97)

(vii) “E o bom **matuto** foi sair logo ao terreiro e gritar: — Meus senhores, viva o Senhor Santo Antônio!” (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, II, p. 102)

(viii) “Era pois chegada uma dessas quadras a que se chamavam — época eleitoral. O **matuto**, que formava a grande e absoluta maioria da população, compreendia o seu valor decisivo para o

resultado do problema, e se arregimentava.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, V, p. 116)

(ix) “Caçoando, caçoando, o brinquedo foi até o dia seguinte, ao quebrar das barras. Então foram-se retirando os **matutos**, em corridas e gritarias por aquêles matagais.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, I, p. 136)

MANDAR (PEÇOAS) DESDE MUNDO PARA U OTRO MUNDO

(= mandar desta para a melhor)

Matar, assassinar. Tirar a vida: “Sr. Major Joaquim Damião; Temos a certeza de que o Sr. tem a propósito de mandar três peças deste lugar para u otromundo porém tenha sentido no bote que pretender dar v. s. se ouber uma hora de diferença no açalto que imprende, aviso-lhe como Amigo que não hade ter tempo de arrepender-se do que fez porque do que ficar no correr desta hóra o menor pedaço que lhe deixa he a urelha.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 188)

MENINA DOS ÓIOS DELA

Acepções: 1. Pupila. 2. A coisa ou pessoa preferida, centro de atenção e cuidados:

“—[...] Diz que adonde êle chegava, era tal proque assim, proque assado, proque sobrinho de Dona Guidinha do Poço... não lhe fartava nada. Mas no caso a tenção dêles era outa... Bem que viam nêle a **menina dos óios dela!** Aquilo era tratado pelos homens ricos à vela de libra, e tava até ficando ca cara trocida mode que de grandor. Diz qui espaiava que non era pra se casá cum matuta do Ceará, que são úas brutas...” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 179)

NON METER A MÃO NO FOGO

Acepções: 1. Acreditar em alguém sem reservas, confiar plenamente. 2. Responsabilizar-se por ou não ter quaisquer dúvidas em relação a algo ou alguém.

“— Meu fio, respondeu, não julgues o bom por bom nem o mau por mau, que antes absolvê um culpado do que condená um inocente. Eu **non meto a mão no fogo** por Pêdo nem Paulo; mais, porém, de minha parte non posso jurá nem que sim nem que não, o que está no coração só Deus é quem sabe, pesá de que nada se faz no escuro que não suba ao teiado...” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 177)

METER-SE NO GOLE

Embebedar-se.

“— Você **meteu-se no gole**, Corumbá. Não me importa que enxugue lá o seu copo, mas perca êsse costume de alinhar tudo. Oh!...” (PAIVA [1891] 1952, Livro Segundo, I, p. 74)

MILHADOS

Diz-se de animal que é alimentado por milho:

“— Vá caçoando, vá fazendo pouco em burro, pacholou o vaqueiro. — Vêm bem **milhados**, concluiu o Secundino.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.32)

MISTER

Atividade profissional; ofício, profissão:

(i) “Mais porém, senhô moço, eu cuma nunca me meti nestas função de negociá, não juro pelo que digo, mais eu acho que o tempo tá munto ruim pra êsse **mister** no sertão.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.36)

(ii) “Que estava sendo ela então para todo o Ceará, para todo o mundo, que a ruim fama corre mais que o pensamento, senão uma morixaba? Era **mister** uma desafronta capital de semelhante injúria. Questão de ponto de honra.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.32)

(iii) “Há temperamentos em que é tal a persistência do afeto, que lhes é **mister** personificá-lo de novo, e assim se explicam alguns

esquisitos casamentos de viúvos”. (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, IV, p.11)

MIRABILE VISU

Latinismo. Admirável de se ver (tradução livre). Diz-se em admiração a qualquer coisa bela ou rara:

“A Guida largava risadas, achasse ou não achasse graça. Os três iam ficando um pouco atrás. Caminharam um pedaço silenciosos. —Professor, tornava o Secundino, mas agora com outro ar, olha para isto! Que paisagem! Que latim é que se diz agora? **Mirabile visu**, não?”

BATER O MOCOTÓ

Informalmente, bater o tornozelo:

(i) “Houve um pedaço em que o cavalo faltou um bocadinho, e o novilho quase arremete. Mas o Trovão não fracateou. Tomou nova carreira, com tamanho terramote que, num suave descambar do terreno, viu-se o Torém cair muito sôbre o lado direito, segurar na saia do bruto, e quando êste levantou os quartos no galope, o vaqueiro lhe deu um repuxão que o fêz rolar de bater o **mocotó**.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, II, p. 143)

(ii) “Seu Joaquim, vá seguindo, que eu já lhe pego. Antes de você alcançar a vila, estou-lhe nos **mocotós**.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.32)

MORIXABA

Acepções: 1. Murixaba. Mulher com quem se tem um relacionamento extraconjugal mais ou menos estável; amante. 2. prostituta, meretriz:

“Ir à Capital, com partes de doente, para queixar-se à polícia que o Secundino o queria matar e pôr na lama a honra de sua mulher! Intentar divórcio contra ela?... Por adultério?... Que estava sendo ela então para todo o Ceará, para todo o mundo, que a ruim fama corre

mais que o pensamento, senão uma **morixaba**? Era mister uma desafronta capital de semelhante injúria. Questão de ponto de honra.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, III, p. 190)

MUCAMA

Acepções: 1. No Brasil e na África portuguesa, escrava ou criada negra, ger. jovem, que vivia mais próxima dos senhores, ajudava nos serviços caseiros e acompanhava sua senhora em passeios. 2 . Ama de leite dos filhos de seus senhores:

“[...] Elas, no Ceará, não têm pròpriamente a **mucama**, expressão que o Secundino não encontrou; e com o serviço já das afilhadas, já das escravas mais ou menos prediletas, e com a própria singeleza extrema dos costumes, vão-se arranjando bem.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, I, p. 166)

MUXÔXO

Estalo que se dá com a língua e os lábios, à semelhança de um beijo, para mostrar desdém ou pouco caso em relação a pessoa ou coisa.

“A encantadora menina esperava lá consigo que a qualquer instante o Secundino apeasse na porta da Guida, pois, divertido como era, não seria possível que se deixasse ficar nos matos em tempo de festa. Não, não seria. Indagara por êle. A Guida respondera com um **muxôxo**: — Aquilo? Minha filha, aquilo depois que se meteu de fazendeiro... Eu chego já a arrepende-me de ter inventado aquêle arranjo! Aquilo está um preguiçoso, menina...” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, III, p. 154)

N

NOMSER DE TEOREGAS NEM DE INTIFAS

Diz-se de pessoa direta, determinada, sem rodeios:

“—Seá Dona, essas gentes do seu Major Quim, qui nós lá chamava Damião, é tôda naquela toada. Vosmicê vê? aquêlê moço **nom é de teoregas nem de intifas**. (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, I, p. 99)

NE SUTOR ULTRA CREPITAM

Latinismo”Sapateiro, não para além do sapato” (tradução livre). Expressão usada para alertar as pessoas para evitar passar julgamento para além da sua especialização:

“— Mas, professor, dá licença? Eu, pilheriava o rapaz, eu já sou fazendeiro e sei de tudo isso... Queria era um latinzinho... Chega me dava no gôto! — Sai daí! Tu és lá fazendeiro, tu és um **punga! Ne sutor ultra crepitam.**”

NENÚFAR DO PÂNTANO

Designação dada a certas plantas aquáticas ninfeáceas:

“Naquele momento, do coração pútrido da adúltera, nascia, pelo **nenúfar do pântano**, o sublime, que, louvado seja Deus, de todo não desaparece nunca da alma feminina. Ressurgia a antiga protetora dos retirantes.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, II, p. 148)

CUM UMA POLÍTICA NINGUÉM BOTA PANELA NO FOGO

Expressão popular: diz-se de quem não se confia, ou é dado a desconfiar:

“Mais o velho pega, e se hai de compô as coisas cos adversaro, que êle bem que lhe dixê que **cum uma política ninguém bota panela no fogo**, que por adonde entre um sai dois, mais tarde ou mais cedo...” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, V, p.39)

NÃO SER DE MEIAS MEDIDAS

Aquele que toma soluções ou decisões definitivas, e resolvem eficazmente um problema ou uma situação complicada:

“O vaqueiro acompanhou-o e lhe puxou as botas; e, despedindo-se para ir para o campo, lhe fez ver que não se pusesse com cerimônias, que o que quisesse pedisse, que podia estar certo de que estava em sua casa, que a Sinhá Dona Guidinha **não era de meias medidas.**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.36)

O

BATER PÉ PELO ÔCO DÊSTE MUNDO

Andar por lugar distante, afastado, escondido, fim do mundo:

“**Bateu pé pelo ôco dêste mundo**, ca muié e os fio, e cum quem quisesse mais lhe acompanhá.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, V, p.39)

O DIABO NÃO ERA TÃO FEIO COMO O PINTAVAM

Expressão popular usada para dizer que as coisas não são ruins quanto parecem ou como dizem ser:

“Por outro lado, ali onde ele estava quem dava as cartas eram os chimangos, fortemente organizados, para os quais a Guida era trunfo. E no mais o **diabo não era tão feio como o pintavam**. O presente era bom, o futuro que se amolasse.” (PAIVA, 1952, Livro Segundo, III, p. 85)

Etimologia e dados diacrônicos

Variantes: o diabo não é tão feio quanto o pintam e o diabo não é tão mau como o pintam.

ENORMES OITICICAS

Árvores de até 15 m de folhas alternas, flores amarelas em espigas ramosas e frutos drupáceos; oiti-bêbedo, oiti-cagão, oiticica-verdadeira, oiti-da-beira-do-rio:

“Estava-se em fevereiro, e nem um pingo de água. O poço da Catingueira, o mais onça da ribeira de Banabuiú, que em 1825 não pôde esturricar, sumia-se quase na rocha, entre as **enormes oiticas**, de um lado, e do outro o saibro do rio.” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, II, p. 23)

SABER ONDE CARNEIRO MAIA E ANDORINHA DORME

Ditado popular. Significa ser astucioso:

“Essas onças são uns diabos do Cão, principalmente onça de dois pés. Ah! cabra desgraçado! ladrão! Se fôsse eu, te dava mas era um ensino de mestre!... Mas aquilo **sabe onde carnero maia e andorinha dorme**. Cabra onzonero! Vígi como o satanaz tá adulando a pobe da Sea Dona Guida! Come a pobe por um pé. Tu tá bom mesmo é pra guarda-costa, xujo!” (PAIVA, 1952, Livro Segundo, III, p. 85)

CABRA ONZONERO

Aquele que arma intrigas ou faz fuxicos; enzoneiro, intrigante, mexeriqueiro:

“... Essas onças são uns diabos do Cão, principalmente onça de dois pés. Ah! cabra desgraçado! ladrão! Se fôsse eu, te dava mas era um ensino de mestre!... Mas aquilo sabe onde carnero maia e andorinha dorme. **Cabra onzonero!** Vígi como o satanaz tá adulando a pobe da Sea Dona Guida! Come a pobe por um pé.” (PAIVA, 1952, Livro Segundo, III, p. 85)

Etimologia e dados diacrônicos

Comentário: Onzoneiro constitui uma forma metafônica de onzeneiro. Este fenômeno consiste na alteração do timbre de uma vogal por influência de outras próximas.

O TEMPO VINGA O TEMPO

Expressão popular usada no sentido de obtenção de justiça em que as pessoas que fizeram o mal uma hora outra vão sofrer as consequências de seus atos:

“O velho retraiu-se, engolindo a resposta que devia dar. Depois, com respeitosa amargura: — Minha cumade, **o tempo vinga o tempo**. Meu pai foi vaqueiro do pais de Vossa Mercê, e vivêrum sempre de bom acôrdo, in roda de muitos anos. Eu ainda servi cum o pai de Vossa Mercê. Gente de Antônio Moreira da Silva nunca faltou com respeito nem a nêgovéio cativo. (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, I, p. 100)

CÁ POR CASA OUTRO GALO LHE CANTA

A forma canônica é cantar de galo com sentido de: 1. considerar-se vitorioso. 2. dar ordens, ter voz ativa, ambos aplicáveis ao contexto da obra:

“— S’Ontonho, disse ela, caminhando para êle, que estava fechando a porta, acho muito bom que você diga aos estranho, a respeito da falta da nossa ama, o que disse ao Torém... Mas, meu véio, **cá por casa outro galo lhe canta...**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 177)

P

PACHOLAR O VAQUEIRO

Acepções: 1. Contar grandezas, vangloriar-se. 2. Levar vida de pachola; enfeitar-se, divertir-se:

“Não tenha medo disso, amigo. Estes mesmos não cansam já não, mas é o mesmo. Joaquim Moreno não é esta a premera vez que anda de viagem com esta nação de bicho, graças a Deus. — Vá caçoando, vá fazendo pouco em burro, **pacholou o vaqueiro**. (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.32)

PADECIMENTO PASSADO É LOGO ESQUECIDO

Ditado popular que significa ignorar aborrecimento passado para que não interfira na vida atual:

“Ai menino! êle não lhe podia contá todo o sucedido, vexames e agonia, de que não queria se lembrar mais. **Padecimento passado é logo esquecido...**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, V, p.39)

PALADAR CANSADO DOS FERVIDOS DE COMBOIEIRO

Refere-se aquele que ingeriu o mesmo alimento repetidamente:

“O Secundino serviu-se à farta como quem vinha negro por um decomezinho delicado, com o **paladar cansado dos fervidos de comboieiro.**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p. 36)

FALTA DO PAPÉU QUEIMADO

Expressão fraseológica que se refere a um homem que já é casado e não está disponível:

“Foi muito sentida a falta de Guidinha, que não viera por estar doente. Coisas de mulheres, ao que dizia o Miguel. E quanto à ausência do Quim: — Quem é agora que dá pela **falta do papéu queimado, gentes?**” ...” (PAIVA, 1952, Livro Segundo, II, p. 79)

PARAGENS DE MEU DEUS

Significa andar sem rumo:

“Nós era coma nêgo cativo. Pió! cuma cachorro sem dono. Bandoleiros por essas **paragens de meu Deus.**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, V, p.40)

PASSAR A VISTA EM SI

Olhar-se em si mesmo:

“Secundino **passou uma vista em si** e consertou o cabelo ao espelho.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, VII, p. 46)

PASSAR O GÔSTO

Expressão popular referente a mudar de ideia:

“O rapaz mostrava-se um tanto contrariado. Quando tinha de fazer uma coisa queria fazer logo, senão **passava o gôsto.**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, XI, p.59)

MATA DE PAU-BRANCO (E SABIÁ)

Arvore da de casca adstringente, madeira roxo-escuro, folhas elípticas, forrageiras, flores brancas, aromáticas, em racemos corimbiformes, e frutos drupáceos; loiro-branco, louro-branco:

“Um cercado imenso a perder de vista, com uma verdadeira **mata de pau-branco** e sabiá, naturalmente para boiadas.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.35)

SEMIANTE PEGUEIRO

Namoro indecoroso ou contato voluptuoso:

“—[...] Mas, meu véio, cá por casa outro galo lhe canta... Olhe, eu juro por Deus que nos vê, eu meto a mão no fogo cuma ela atraiçoa o Cumpade! E a coisa tá tão inraizada qui só mesmo aquê Deus do Céu pode pôr têrmo a **semiante peguero**. Ali, istá sem bença.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 178)

FAZER O PELO-SINAL

Oração acompanhada de sinais da cruz, que se inicia com estas mesmas palavras:

(i) “— Olhe! non se esqueça de **fazer o Pelo sinal...** Antes de se meter nágua! Vosmicês quando ficam homens não se importam mais com reza!” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, VI, p. 42)

(ii) “Com pouco, lá vai o Naiú pegar o cavalo do Seu Secundino, e Sua Senhoria apareceu do interior com uma cara lavada. Seu Antônio deixou cair a cabeça, **fêz o pelo-sinal**. Seu espírito ficou balançando como o ramo donde voou uma ave.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 163)

PICHOTE

Que ou aquele que se encontra na juventude; jovem:

“[...] Haviam de ver Deus por quem é. E uma vez divorciada, ela que se arranjasse com o **pichote...**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, V, p. 198)

DIZÊ SEM MAIS PREAMBOS

Forma de uso popular de preâmbulo. Palavrado vago que não vai diretamente ao fato:

“- Mas i-s’imbora como? Que dê lo motivo? Eu non hei de agora chegá jun-da Cumade e **dizê sem mais preambos**: Vou m’imbora! Vou m’imbora!...” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 178)

PRÊTO-CARVÃO

Preto escuríssimo, da cor do carvão:

“Um corrupião, com o seu traje vermelho-fogo e **prêto-carvão**, pilheriava o seu assobio sonoro de dentro de um fechado de ingàzeiras, onde um punhado de belos anuns azuis-ferretes produzia uma ebulição de chiados, de garganteios.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, II, p. 104)

POUSADO O CORPO

Deitado:

“**Pousado o corpo**, alegrado o espírito pela descoberta do tio ricaço, respirava agora todo o pitoresco daquêles sertões, na sua muda solenidade” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, I, p. 15)

QUE ANDAVA FAZENDO POR AQUELAS ALTURAS

Refere-se a andar por um lugar distante:

“Alvissaras deviam pedir a êles — explodia a Carolina. E o Seu Secundino mó de que estava mais magro? e como ficaram as gentes de Goianinha? **Que andava fazendo por aquelas alturas?**”. (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, V, p.38)

PÔR-SE COM TRELAS

Controlar-se:

“—E depois então, minha rica branca? A gente também não há de pricurásuas melhora? Só branco é que é fi de Deus? Apoisvosmicê era inté mais a favô dos negô, o qual não é agora. Óie que vosmicê tá ficando posnêgo... — Não olhas tua Senhora que aí vem, não? **Põe-te com trelas...**” (PAIVA, 1952, Livro Segundo, I, p. 73)

PELOS PICOS QUE SE VÊ A ALTURA DOS MONTES

Equivalente ao pProvérbio usado para designar pessoas soberbas, que se acham superiores às demais. Quanto mais alto, maior a queda:

“Diabo que te mate, língua de briba! Mais quem fô neném que s'ingane contigo: **pelos picos se vê a altura do monte**. Êste diabo come a pobe da Seá Dona Guidinha por um pé!” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, I, p. 98)

POR GALANTARIA

Ato ou efeito de galantear; galanteio, galanteria 2. Coisa ou pessoa galante:

“ — Quem é que não se ocupa em nada? — Quem faz tudo são os cunhado dêle. Êle faz às veis algum servicinho, **por galantaria.**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, I, p. 95)

PÔR-LHE ÔLHO CANINO

Manter os olhos fixamente em alguém; encarar:

“A Lalinha mirava-o. Que sermão, que nada! Êle mirava para ela, e para a Guida, e para o pregador, sem excluir uma lambidela visual de moça em moça bonita. Guida sentia zelos pelo sobrinho grelas para outra que não fôsse ela sòmente, e **lhe punha um ôlho canino**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, III, p. 110)

SER CAPAIS DE PRECIPITÁ UM CRISTÃO

Tirar a vida de; assassinar; matar:

“No dia imquiêle amanhece ca veia de nêgo d'Angola atravessada na garganta é **capais de precipitá um cristão...** O home non se ocupa im nada, infalive há de dá pra algúa coisa!” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, I, p. 100)

TER O PRÊTO-DO-OLHO AMARELO

Diz-se ao referir-se, popularmente, à íris, independente da sua cor:

“Tinha o **prêto-do-ôlho amarelo**, com a menina esverdeada, semelhando um tapuru.” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, I, p. 15)

PROSÁPIA

Orgulho, jactância, vaidade, fanfarrice:

“O cargueiro, com **prosápia**: — Não tenha medo disso, amigo. Estes mesmos não cansam já não, mas é o mesmo. Joaquim Moreno não é esta a primeira vez que anda de viagem com esta nação de bicho, graças a Deus.” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, IV, p. 32)

PERNAS PARA QUE TE QUERO

Ditado popular que indica a ação de fugir correndo perante a um perigo:

“Não acabou a frase. Um tropel violento passou-lhe por de junto. Ficou a abugalhar, absorto para um ramo que, trepidando ao luar, balançava ainda. **Pernas para que eu te quero!**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, III, p. 152)

Etimologia e dados diacrônicos

Variantes: Pernas para quem te quero. Deitar os bofes pela boca.

PÔR TÊRMO A SEMIANTE PEGUERO

Fazer acabar; concluir, encerrar:

“Mas, meu véio, cá por casa outro galo lhe canta... Olhe, eu juro por Deus que nos vê, eu meto a mão no fogo cuma ela atraiçoa o Cumpade! E a coisa tá tão inraiza daqui só mesmo aquêle Deus do Céu pode **pôr têrmo a semiante peguero**. Ali, istá sem bença.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 178)

PÔR OS BOFES PELA BÔCA

Estar arquejante, esbaforido, por algum grande esforço físico:

“Chegou em casa **pondo os bofes pela bôca**, e não contou nada, já pela vergonha, já pelo mistério íntimo daquela ida ao rio, assim no meado da noite” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, III, p. 153)

TAXAR DE PUSILÂNIME

Que revela pusilanidade, fraqueza moral; covarde, medroso, fraco:

“Quem veio a saber disso foi o Miguelzinho do Vavaú tempos depois, que o **taxou de pusilânime**, pois o que êle devia ter feito era naquela mesma noite disparado, sim, os dois tiros, mas um na Guida e outro no miserável, que do contrário a moral não podia ficar de pé. Bala, Seu Quinco, é só o que lava a honra! E aí! do dia em que se pensar de outro modo. Mas êle cuidou foi em acabar consigo, quando seu dever seria justamente acabar com os outros. Aquilo não foi mais do que alguns animais que estavam bebendo...” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, III, p. 153)

Q

QUEM NASCEU PARA DERREIS NÃO CHEGA A VINTEM

(Quem nasceu para dez réis não chega a vintém)

Ditado popular (na verdade, fraseologicamente, uma parêmia) que significa não ter solução para alguém ou coisa:

“Desde que deixara em Goianinha, metera-se para o Rio Grande do Norte, adonde possuía os seus bichinhos, na Serra do Martins. Com o auxílio de Deus ia vivendo. Mais porém **quem nasceu pra derréis não chega a vintém.**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, V, p.39)

QUERER BEM A SEU MARIDO

Sentir afeição a alguém; gostar:

“E, mulher, você **quer bem a seu marido?** — Quem? Eu, Dona Guidinha? E a quem hei de querer senão a êle, que recebi no pé do altar?” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, XII, p. 67)

O FUTURO QUE SE AMOLASSE

Talvez, pelo contexto, a expressão é equivalente “Seja o que Deus quiser...”, o que é “reveladora dos sentimentos cristãos do nosso povo, deve ser devidamente tratada para não dar origem a comportamentos absurdos e que nada têm a ver com o seu verdadeiro sentido.”

“E no mais o diabo não era tão feio como o pintavam. O presente era bom, **o futuro que se amolasse.**” (PAIVA, 1952, Livro Segundo, III, p. 85)

QUEM AMA O FEIO, BONITO LHE PARECE

Expressão popular (parêmia) que significa que quem ama não vê defeitos na pessoa amada:

“[...] Um jogar de impressões, certamente pelo abalo mais ou menos fundo que sofria o ser com a assimilação do novo alter ego. Terminou por constituir-se no paciente dessas variantes, um tipo ideado e perfeito. **Quem ama o feio, bonito lhe parece.**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, V, p. 123)

Etimologia e dados diacrônicos

Outras expressões equivalentes do ponto fraseológico: A beleza está nos olhos de quem vê; O amor é cego.

R

RAPAPÉS E MESURAS

Cumprimento respeitoso; Reverência:

“Sinh'Aninha apresentou-se de cabeça, com a sua saia nova e muitos **rapapés e mesuras**: — Senhoras sejam desta casa, minhas donas! Aqui está a serva de vosmecês...” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, II, p. 104)

RECEBER NO PÉ DO ALTAR

Expressão que significa casar-se.

“— Quem? Eu, Dona Guidinha? E a quem hei de querer senão a êle, que **recebi no pé do altar?**” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, XII, p. 67)

RENREM-RENREM

Discussão infundável, incessante:

“Tu tá bom mesmo é pra guarda-costa, xujo! Aquilo sabe inté de tologia e filosofia, e já deu fé qui o casau vive uma hora por outa **renrem-renrem...**” (PAIVA, 1952, Livro Segundo, III, p. 85)

Etimologia e dados diacrônicos

A expressão onomatopaica canônica, isto é, dicionarizada, é rem-rem, com acepção regional de discussão infundável, incessante. O plural em Houaiss (2022) é grafado assim: rem-rens. Quanto à indicação de ano, podemos postular o ano[1891] 1952 de para sua datação

NÃO REPARAR

Não dar atenção:

(i) “— A Senhora tenha a bondade de desculpar-me... titubeou o mancebo, **reparando no rosário de ouro.**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.33)

(ii) “Com pouco a escrava Luísa, atravessando a sala, conduzia em uma bandeja um serviço de café para uma pessoa, desceu para o alpendre e parou diante dêle. — Senhora disse que **não reparasse.**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.35)

(iii) “— O Senhor **não repare estas coisas**, não: é costume velho de Mãe Anginha.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, IX, p.51)

RISCAR AQUI NO TERRÊRO

Aparecer; chegar:

“— Abasta. Se arranhe logo, que ali ó pôr-do-sol êle **risca aqui no terrêro.**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.33)

RUSGA (NO SEU SAMBA, DOS DOIS PARENTES)

Acepções: 1. Polêmica relativa a alguma ação ou dito; barulho, desordem, questão, confusão. 2 pequena briga ou desentendimento entre duas pessoas. 3. Perseguição ou cerco a malfeitores:

(i) “— Não houve **rusga no seu samba**, não, Sinh'Aninha?” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, II, p. 105)

(ii) “Entretanto, como que o diabo mesmo as estava tecendo. Dois dias depois da **rusga dos dois parentes**, aí vem mesmo certinho um motivo irrecusável para despedida do velho vaqueiro dos Reginaldos.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 168)

S

SABIÁ

Espécie comum no Nordeste do Brasil devido as condições climáticas mais semi-úmidas e secas:

“Um cercado imenso a perder de vista, com uma verdadeira **mata de pau-branco e sabiá**, naturalmente para boiadas. Rio perto. Um numeroso lote de bêstas atravessando uma vargem distante.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.35)

SARARÁ

Diz-se da cor arruivada e do cabelo muito crespo de certos mulatos:

“Além de tudo, chegara ao Poço da Moita a notícia de um vaqueiro dos Góis do Riacho do Meio, um **sarará**, dessa raça loira, que a despeito da canícula, persiste nos sertões cearenses, o qual perseguindo um novilhote que ia desgarrando havia peitado noutro

vaqueiro, e caído estirado sem fala. Estava à morte.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, II, p. 147)

SER SARRABUIO MÓ DAS CUNHÃS

Falta de ordem; confusão, mixórdia, bagunça. 2. discussão agressiva; briga, bate-boca:

“— Mas, meu camarada, você raia comigo porque me arrecoio tarde?... Eu tive motivo pra isso... — Qualo foi, meu amigo? Foi algum **sarrabuio mó das cunhãs**? — Foi um assassinato. O Lulu Venanço matou a muié.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 175)

SEM A VONTADE DO HOMEM LA DE RIBA NÃO CAI UM FOLHA DE PÉ DE PAU

Ditado popular de caráter religioso que expressa que a vontade de Deus é soberana até no acontecimento mais banal:

“**Que sem a vontade do Homem lá de riba não cai uma fôlha de pé de pau.** Se fôssem os filhos grandes, êle teria navegado para o Aracati ou para a capital para aventurar a vida em outras paragens.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, V, p.40)

FAZER (ALGUÉM) SE ARRANCHAR

Receber rancho ('casa, abrigo'); albergar (-se), hospedar (-se):

“Entrementes, uma voz fanhosa e compassada, mastigada por gengivas sem dentes, pronunciou lá de dentro das camarinhas: — Seu Antônio? Não deixe o moço ir-s'embora! **Faça ele se arranchar.** — Está ouvindo, seu moço? Eu vou fazer voltar as cargas pratrás.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.34)

SE DEUS NÃO MANDAR O CONTRÁRIO

Ditado popular que significa esperar e cumprir a vontade divina:

“— E quando vai, Senhor Secundino? — tornava a velha novamente. — Nestes quinze dias, Senhora Dona Ângela, **se Deus não mandar o contrário.**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, IX, p.52)

SEM DAR SATISFAÇÃO A NENHUM DOS FILHOS

Razão alegada por alguém para desculpar a si mesmo ou a outrem; explicação, justificativa, desculpa:

“Pagou o que devia lá, e largou-se com todo o rancho pra Mossoró, fêz todo esse negócio **sem dar satisfação a nenhum dos filhos...**” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, V, p. 39)

SEQUIOSO

Acepções possíveis aplicáveis ao contexto: 1. Que possui sede; que tem muita vontade de beber (água); sedento. 2. Sentido figurado: que expressa sofreguidão; que possui excesso de desejo; ávido:

“Vinha **sequioso** o Quinquim, como se passara o dia a comer salgado. Entrou para debaixo de uma catingueira, apeou, desatou a ponta do cabresto prêsa ao loro, amarrou-o a uma volta da árvore. Isto para a sela ficar à sombra, mod’as caseiras, que aquilo nem era sertanejo completo, que se avém com selas quentes” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, II, p. 145)

SER MEIO TOPETUDO

Diz-se de indivíduo valentão, destemido, arrogante, audacioso:

“E a Guida a repisar que era muito serviçal e pacato. O retirante melhor que ela vira. Trabalhador... Mas **meio topetudo.**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, X, p.56)

SER CARA DE PAU

Diz-se de pessoa que é desavergonhada e cínica.

“Os cantadores continuavam na louvação. Carolina vem, e atira no Secundino. — Não pode arrecusá! Não faça desfeita! A outra, que era a Mercês de Seu Antônio, atirou no Silveira. Secundino estava demorando por denguice, que isso lá de **cara de pau** êle a tinha bastante.” (PAIVA, 1952, Livro Segundo, III, p. 91)

ESTAR MUITO DESPACHADO E SAÍDO

Quem é espontâneo, franco, sem cerimônias. Que ou quem apresenta franqueza e desembaraço, é muito despachado no modo de agir e de falar:

“Depois ficaram os dois homens, que atiraram em duas raparigas donzelas, cunhãzinhas do Itambé. Guida tinha o olho gelado para o Secundino **que estava muito despachado e saído.**” (PAIVA, 1952, Livro Segundo, III, p. 93)

SE AMARRA O BURRO ONDE O DONO MANDA

Expressão popular usada para dizer que se deve fazer exatamente como o patrão ou o chefe ordena:

“— É mió ficá assim... Non queima tanto. — Mas eu quero o S como eu fiz! E as setas com as barbas e farpas! — Ah! o S com as cabecinhas, e a frecha co rabo?... Apois está bom. E concluiu, depois de refletir: — O gado é de vosmicê... **Se amarra o burro onde o dono manda.**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, V, p. 121)

Etimologia e dados diacrônicos

Variantes: Amarra-se o burro à vontade do dono; amarra-se o burro onde o patrão manda.

DEPRESSA SE ESCAFEDER

Fugir apressadamente; safar-se:

“A dúvida, assim como depressa entra, **depressa se escafede**, nos ânimos fracos. E o Seu Quim deliberou-se pelo mais fácil e mais

cômodo. Passaram-se duas semanas felizes” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, I, p. 165)

SEGURO MORREU DE VELHO, DESCONFIADO AINDA É VIVO

Ditado popular que aconselha a sempre agir com cuidado; ser cauteloso, prudente, prevenido:

“As jerimataias, entrelaçadas com os mofumbos da beira do rio, formavam adiante dele um belo fechado de fôlhas e de vergôntes, sôbre a limpa areia dos aluviões, bordada de pequeninos seixos. Ainda ouviu o Barbado cantar: **Seguro morreu de velho/ Desconfiado ainda é vivo...** (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, II, p. 146)

SENHOR DE SI

Aquele que tem pleno domínio sobre si, sobre uma coisa, sobre uma situação:

“O gado ganhava o pasto, mais **senhor de si**. Para todos os lados, nas depressões, viam-se aquelas natas de bruma, que ao lento do sol se distendiam, imperceptivelmente; ali um pedaço de rocha, acolá uma árvore, ainda emergiam da superfície delicada e sutil daqueles frios vapores, que iam subindo, subindo. (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, XII, p. 66)

SENHORA DAS SUAS VENTAS

(Ser dono do próprio nariz)

Que tem controle sobre si mesmo:

“A Guida, mãos rôtas, que fazia derramar ancoretas de vinho nas suas festas, **senhora de suas vendas**, essa era extremada no proteger ou no perseguir.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, VII, p.45)

AR SORUMBÁTICO DE CELEBRANTE

Aquele que é sombrio, macambúzio, triste:

“O Silveira recolhia as imagens com um **ar sorumbático de celebrante**, arrumando-as com os castiçais e a colcha num tabuleiro, que levou lá para dentro”. (PAIVA, 1952, Livro Segundo, III, p. 88)

CHEIRO NAUSEANTE E PORCO DE UMA SOVAQUEIRA

Acepções regionalistas: 1. Suor de sovaco. 2. Odor desse suor; sovaquinho:

“Margarida sentiu nas palavras inertes e no gesto parvo do homem todo o **cheiro nauseante e porco de uma sovaqueira**. — Não quer? Ah, não quer! Está bom. Vou com o sobrinho — pensou de lá. E não perdeu uma noite.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, I, p. 168)

T

CASO DE TABAQUEAR

Acepções aplicáveis ao contexto: 1. Aspirar fumaça de (tabaco); fumar, pitar. 2. introduzir na narina pitada de (rapé, tabaco):

“O Torém voltou ofegante e triunfante, e tomou uma forte pitada do seu cornimboque. Era **caso de tabaquear**, para quem fêz tão pouco caso da vida.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, II, p. 143)

TAPURU

Bicheira ('designação comum'):

“Viera ao Ceará à compra de cavalos, e por cá se ficou amarrado aos amôres e aos possuídos da muito conhecida Guidinha do Poço. Tinha o prêto-do-ôlho amarelo, com a menina esverdeada, semelhando um **tapuru**.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.35)

TER BOM GÔSTO

Aquele que tem qualidade estética indicativa de tal apreciação ou julgamento:

“— Pois tenho uma tia de se lhe tirar o chapéu, meu amigo. Olha que o velho **teve bom gôsto!**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.34)

BUCHO A IMPAR

Ter comido ou bebido exageradamente:

“As vacas tinham recolhido ao curral com o **bucho a impar.**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, VIII, p.48)

TOPÊTE CAÍDO SÔBRE A TESTA COMO CRISTA DE PERU

(**cabra de topete caído cuma crista de galo velho**)

Acepções aplicáveis aos contextos: 1. Tufo de cabelos no alto da testa. 2. ato, modo ou dito de arrogante, de atrevido; audácia, ousadia:

(i) “... Tipo acabrunhado, alto, corpulento, de **topête caído sôbre a testa como crista de peru**. Já vinha muito rôto o seu chapéu de couro. A camisa e a ceroula já não tinham mais côr.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, III, p. 28)

(ii) “Olhe o **cabra de topete caído cuma crista de galo velho**, mal entonado em casaco de brim, que só se fêz pra gente branca! Só assim o quenga largava os mulambo... Co dinheiro alheio!” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 182)

CONFESSAR TUDINHO, TINTIM POR TINTIM

Expressão popular que significa: com todos os detalhes; com todas as particularidades:

“**Confessou tudinho, tintim por tintim.** O papaizinho dela, Seu Dr. Montezuma, foi quem o obrigou a diculará tudo, mais o Seu

vigário... Quando o Seu Major levou a punhalada, inda pôde gritar à Gina” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, I, p. 209) ver pelas costas (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 182)

NÃO SE ANDAR AOS TRANCOS E BARRANCOS

De forma atabalhoada, desajeitadamente:

“Ife! Era muito melhor quando estavam na vila! O rio lá era espraído e pelo caminho **não se andava aos trancos e barrancos** como ali na fazenda, e mó de que lá a roupa corava melhor.” (PAIVA, 1952, Livro Segundo, I, p. 73)

TROVEJAR MUITO CACÊTE

Expressão usada para dizer que houve briga, pancadaria:

“— Olhe o Seu José o que andava fazendo! E êle foi prêso? — Inhora, não. A tropa vinha aí atrás... Um vaqueiro da Lagoa levara uma facada no braço... Diz que **trovejou foi muito cacête**... O tocador da rabeça vinha prêso.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, II, p. 105)

U

UMARIZEIRAS

Árvore frondosa nativa do Nordeste do Brasil, de ramos armados de pequenos espinhos, folhas forrageiras, flores amarelas aromáticas e frutos ovoides, com propriedades medicinais e comestíveis quando cozidos; mari, marizeira, umberi:

“O sol desaparecia para o lado do Boqueirão. Por debaixo das **umarizeiras** e das opulentas oiticicas aparecia a água das poças deixadas na baixa pelas chuvas...” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro p. 70)

UMARI

Árvore frondosa família das leguminosas, nativa do Nordeste do Brasil, de ramos armados de pequenos espinhos, folhas forrageiras, flores amarelas aromáticas e frutos ovoides, com propriedades medicinais e comestíveis quando cozidos:

“O **umari**, do meio das vazantes, suspendia cada vez mais a perene copa como que espartilhada. Um paraíso de pássaros a cantar.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, IV, p. 116)

UM HORROR DE LÉGUAS EM TÔRNO

Quer dizer, grande quantidade; horror, montão:

“A notícia da vaquejada, em tal dia, nos Tabuleiros do Padre, espalhou-se por aquêles sítios, um **horror de léguas em tórno**. A Guidinha não convidou ninguém diretamente, o que não deixou de ser reparado; explicava que iam apenas fazer uma comparação mó da gente não se esquecer de todo dos tempos passados. Particularmente interessada na função, adiantava-se ao marido em andar combinando com a vaqueirama pelas fazendas e com os outros fazendeiros, e assim cavalgava por aqui e acolá, alegre e bondosa para tôda aquela gente.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, I, p. 132)

URIVE

Forma popular para ourives; artífice em metais preciosos, como ouro, prata etc:

“Um, o mais velho, qui era zaroio, chamava-se André Virino; o outro, o mais moço, qui fazia carro e trabaiava de **urive** e de carapina, se chamava Zé Tomais. Êste bebia...” (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, VI p. 44)

URUCUBACAS

Expressão regional brasileira que se refere à má sorte no que se faz ou intenta:

“... Vão ver que ela usou de feitiçaria... Ora se não é isso! Vão ver. — O Rev. Visitador ainda acredita em **urucubacas**? — Se creio! O Inimigo do gênero humano não dorme. E mulheres? Mulheres! mulheres! A nossa mãe Eva que não me deixe mentir. (PAIVA, 1952; Livro Primeiro, I, p. 21)

Etimologia e dados diacrônicos

Trata-se de um vocábulo. expressivo, cuja base é urubu, ave de agouro, que pressente os cadáveres (*urubucaca > urucubaca). Também tem uma rica sinonímia: azar, baldão, cábula, cafifa, cafinfa, caguira, caipora, caiporice, caiporismo, camarço, enguiço, galinhaço, inhaca, jetatura, macaca, mofina, pé, pé-frio, peso, pontapé, tanglomanglo, tumbice.

V

VAZANTES

Em linguagem regional, refere-se à agricultura desenvolvida no período da estiagem, após as enchentes, no leito dos rios e à margem dos açudes:

(i) “Para a baixa do rio, a fita de vegetação tornava-se verde-negra. Por tôda parte as frondes caducas iam amadurecendo, e as pertinazes, muito raras, preparavam-se para a vida do verão. O umari, do meio das **vazantes**, suspendia cada vez mais a perene copa como que espartilhada. Um paraíso de pássaros a cantar.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, IV, p. 116)

(ii) “A Guida, querendo saber por fôrça o que isso era, mandou a preta Luísa, que saiu gingando pela areia fora, e sumiu-se entre uns cercados de **vazantes**.”

VIR NEGRO POR UM DECOMERZINHO DELICADO

Aquele que está desejoso; que tem vontade:

“O Secundino serviu-se à farta como quem **vinha negro por um decomerzinho delicado**, com o paladar cansado dos fervidos de comboieiro.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, IV, p.36)

VISAGEM

Em linguagem regional, refere-se à aparição sobrenatural; assombração, fantasma:

(i) “Quem vira a **visagem** fora o assombro dêle. Se lhe permitia a franqueza, fôra a sua cobardia.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, III, p. 153)

(ii) “E no mistério ficou a **visagem**. O Quim explicou no dia seguinte em casa, por terem-no visto chegar e ouvido os tiros, que saíra a tocaiar porcos, e disparara três vêzes a espingarda.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, III, p. 153)

TRAJE VERMELHO-FOGO

Traje com vermelho vivo, da cor do fogo:

“Um corrupeirão, com o seu **traje vermelho-fogo** e prêto-carvão, pilheriava o seu assobio sonoro de dentro de um fechado de ingazeiras, onde um punhado de belos anuns azuis-ferretes produzia uma ebulição de chiados, de garganteios.” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, II, p. 104)

VER O FIO DA MEADA

Expressão popular que significa lembrar do que se estava falando inicialmente. Retomar assunto da conversa:

“Êle me respondeu mais ao menos que nem com tanta sêde ao pote, que de estrumes semelhantes é que assim mesmo ainda se vai nutrindo a vinda do Senhor. — E que respondeu a êsse padre, Seu Conrado? — Nada, vi que era um falso profeta. Disfarcei, com pena dêle, porque fôra meu amigo. **Lá via agora o fio da meada**” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quarto, III, p. 156)

Etimologia e dados diacrônicos

A origem da expressão pode ter surgido durante a Revolução Industrial quando u sava-se máquina com suporte a fio (meada), e a responsabilidade do operário era a de pegar a ponta do fio (o fio da meada) e colocar na posição que a máquina começava a puxar o rolo

e fabricar o tecido. Acontece que os rolos passavam um a um a uma velocidade considerável e às vezes o operário perdia o “fio da meada” por falta de concentração, cansaço ou por ficar fazendo mexericos. Tanto que os dicionários associam a palavra “meada” tanto a “fios” quanto a “mexericos”.

X

OH, XENTES!

Forma popular de gente comumente empregada na locução “ó xentes”!

(i) “**Xentes!** Olhe ali a Seá Dona Guidinha, a fulô desta redondeza!...” (PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, II, p. 107)

(ii) “— Oh, **xentes!** Vossa Senhoria por aqui? Pois a esta hora a Justiça deve estar comendo gente lá pela vila! Apeie, Seu doutor!” (PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, VII, p. 221)

Textos para Análises Estilísticas (DGP)

Texto 1

O hóspede achava-se realmente bem aboletado. Mesa, bacia de rosto com uma toalha, chinelos. O ar é que não tinha por onde arfar senão pelo telhado, visto como as paredes subiam até às telhas, e as duas portas interiores, uma para cada lado, parece que há tempos não se abriam. Como diabo se explicava aquilo de elevarem as paredes divisórias ao tecto, em clima tórrido? pensava o praciono. No mais, com muitos armadores, bem caiadas, com a sua barra de côr sarapintada de verde e encarnado.

Precisou abrir uma das malas para mudar os chinelos, porque os que ali havia, de trança portuguesa, eram quentes, e também para meter-se no seu paletó e calça de brim, mudar camisa, etc. Arredou a mala preta e de pregaria para o meio da casa, meteu a chave e abriu. Não encontrava mais camisa limpa. Era preciso ir à outra mala. Feito o mesmo, foi remexendo. Ainda não havia tocado naquela. Estava tudo direitinho como lhe saíra de casa, o espaço aproveitado com usura, a roupa leve por cima, a pesada em baixo, as meias pra um canto, as gravatas, os botões, os alfinêtes, os frasquinhos de cheiro, de amoníaco, os remédiosinhos previdentes. Plantava êle agora ali a desordem, alterando, machucando. Quanto capricho, quanto amor subia dali! Mãos de mãe, que desprezara por causa do padraсто! De espôsa, bem de que êle não gozara ainda! As que arrumaram aquela roupa, os cuidados ali acumulados uns sobre outros, as saudades, eram não menos caras, de irmã. E patética e suave surgia daquela mala a alma da família, que êle não julgava querer tanto, dentre tudo persistindo a lembrança dos amôres que por lá deixara. Ah, destino! Mas não havia jeito senão ter partido de Goianinha. Vira-se forçado. Apontado como cúmplice no assassinato do padraсто, os tios, irmãos dêste, estavam vendo a hora em que o levavam pelo côs, visto no processo a coisa ir-se complicando. E o Silveira? O Silveira é que sabia bem que êle não fora mandante do assassinato. Verdade seja que se

achava bastante intrigado com o padrasto e tio por causa da Martinha, e que não entristeceria com a morte dêste, de que resultaria até uma boa herança para sua mãe; levar, porém, isso até o desejo do homicídio, não, não era para êle, Secundino. Viajara com o Silveira do Recife para Goianinha no dia em que foi cometido o crime no Mossoró. O Silveira seria uma testemunha excelente a seu favor. Sabia perfeitamente de tôdas as suas passadas, naquêle tempo...

Dispôs-se a mudar de roupa. Entretanto, veio-lhe o apetite para o banho. O rio era perto, via-se pelo verde negro das árvores. Pôs a toalha ao ombro, tomou o chapéu e saiu. Ninguém na frente da casa onde o sol, batendo de lado, enesgava pelo alpendre uma claridade quente e aluarada. O dia doía na vista. O caminho, calcado no limpo do pátio, ia por entre o estrelar aqui e aqui das malacachetas do pedregulho penetrar no bamburral. Ao pé das primeiras árvores do longo bosque adjacente ao percurso do rio, aninhava-se uma casa de palha, com a sua cumieira aguda e o seu terreiro bem varrido. Secundino adiantava-se para lá. Um homem, que chegara à porta, parecia atentar para êle. Com pouca demora, aparecia também uma mulher, do interior, como que a chamado do homem. Depois, mais um rapaz. Notando que reparavam para êle, Secundino vai observando-os, por sua vez.

Mais perto, o homem se lhe encaminha, fazendo sombra nos olhos com a mão, e, no que reconhece o moço, exclama para a mulher:

— É êle! É o Secundino mesmo, Calu!

Secundino pára, e é cercado por tôda a casta do velho camarada Silveira:

— O Silveira?! A Carolina?! Só por Deus, minha gente! Por que não me pediram as alvíssaras?

Alvíssaras deviam pedir a êles — explodia a Carolina. E o Seu Secundino modo de que estava mais magro? e como ficaram as gentes de Goianinha? Que andava fazendo por aquelas alturas? ... Êles tinham batido por ali atirados pela sêca. Seu Majó já sabia da vinda? Quando êle soubesse! ... A Seá Dona Guida era uma fulô. Qui pessoa de bem! Qui coração aberto! Por ali, a bem dizê, ninguém era pobre estando junto dela...

Depois, o Silveira entrou a explicar ao Secundino a sua situação.

A conversa era de vez em quando mais desenvolvida pelos apartes da mulher. Sentaram-se nuns paus, debaixo de uma ingazeira, ao canto da casa. Desde que deixara em Goianinha, metera-se para o Rio Grande do Norte, adonde possuía os seus bichinhos, na Serra do Martins. Com o auxílio de Deus ia vivendo. Mais porém quem nasceu pra derréis não chega a vintém. Se o pai, que Deus tivesse no reino do céu, não tivesse vindido o sítio mode intrigas de partido, ó dispois da eleição do senador Cavalcante, entonce a coisa era outra. Mais o velho pega, e se hai de compô as coisas cos adversaro, que êle bem que lhe dixé que cum uma política ninguém bota panela no fogo, que por adonde entre um sai dois, mais tarde ou mais cedo...

— Mas então o Silveira velho foi por isso que passou-se para Mossoró? Cortava o Secundino.

— E apois não foi? Mode non corrê sangue.

— Liquidou o sítio por pouco mais de um nada...

— Queimou, menino, que foi uma desgraça! Tinha enjeitado cinco contos de réis pela propriedade, e vai senão quando papocou por dois! Pagou o que devia lá, e largou-se com todo o rancho pra Mossoró, fêz todo êsse negoço sem dar satisfação a nenhum dos filhos...

Hoje em dia o sítio ia em bom andamento, e os filhos dos antigos senhorios trabalhando nêle a jornal!

Viera a sêca. No premêro ano três vez se plantou três vez a lagarta comeu tudo; mas, pela graça de Deus, sempre houve uma ramazinha pros bicho. No segundo, nem quage pasto, legume nem pra meizinha. Que havia de fazê? Bateu pé pelo ôco dêste mundo, ca muié e os fio, e cum quem quisesse mais lhe acompanhá. Ai menino! êle não lhe podia contá todo o sucedido, avexames e agonia, de que não queria se lembrar mais. Padecimento passado é logo esquecido... Chegara enfim ao Poço da Moita, adonde encontrou cristão de Deus.

— E quando o inverno seguiu, depois de você estar aqui arranchado, você não teve vontade de voltar? — perguntou o outro. A gente na sua terra sempre está no que é seu.

— Vontade, munta. Quando as chuvas pegárum direito, a impressão dos arretirante era só voltar pra trás.

Os que estavam ainda em marcha, como uns que êle ouvira ali, desejavam ter morrido antes nas suas terras do que se ter atirado assim pelos caminhos, comendo, e quando comiam! o pão que o

diabo amassou. Casas como a de Seá Dona Guidinha topavam lá uma vez na vida. E acrescentava:

— Pela sêca, antes ser-se bicho do campo do que cristão batizado, meu

Sinhôzinho! Arre! o que êstes olhos viram!

O boi e o cavalo tinham quem os pensasse. Homem com homem, retirante com habitante, eram pior do que na história da cigarra que foi bater na porta da formiga. E exclamava, agitando a mão em um ímpeto nervoso:

— Ó menos se subessem lê!

Porém a êsse respeito eram de uma ignorância triste. Não sabiam impor-se, nem falar cas pessoas; aquelas gentes do sertão, uma vez arredadas de seus hábitos, eram como um boi numa sala. Uns tontos!

— Nós era cuma nêgo cativo. Pió! cuma cachorro sem dono. Bandoleiros por essas paragens de meu Deus.

No Crato, no Icó, em várias partes, os senhores da terra enxotavam a pontapés o mísero foragido, e pontos havia onde matar um retirante que se pegava *furtando* nas lavras era como derrubar uma daninha maracanã ou uma raposa ladra. Um grande embaraço, explicava ainda o rio-grandense, fora a filharia (que era a riqueza do pobre) tanto para o sustento como para as caminhadas. Aqui, vacilações, temores, que roubavam o tempo e confundiam o instinto. Antes de tomar para o Banabuiú —contava— quisera descer para o Aracati, e então embarcar para onde houvesse trabalho. Mas se lembrava que no barco, de que se contavam horrores, a menina ia morrer tôda. Não tinham mais fé no inverno; parece que o tempo seria aquilo mesmo para sempre. Mas haveria de ser o que Deus permitisse. Que sem a vontade do Homem lá de riba não cai uma fôlha de pé de pau. Se fôssem os filhos grandes, êle teria navegado para o Aracati ou para a capital para aventurar a vida em outras paragens. Ao menos ia correr terra... Mas Deus Nosso Senhor permitiu - concluía - que viessem dar naquela fazenda do Sr Quinquim Damião; e ficaram todos ali de .morada. Foram ver palha na Varge das Bêstas, distância de três léguas, cortaram madeira ali mesmo, e fizeram o seu ranchinho. Graças a Deus, a sua gente tôda sabia lidar à satisfação do Seu Major e da mulher, que aquilo era mesmo uma Dona, senhora do que é seu.

Por derradeiro, o Secundino falou-lhe no serviço que êle podia prestar-lhe indo depor no processo, e combinaram que tudo se arranjaría da melhor maneira.

(PAIVA [1891] 1952, Livro Primeiro, V, p. 40-43)

Sugestão de estudo

Observar o léxico regional de DGP: palavras próprias da época do escritor; os tipos de farses; os elementos linguísticos responsáveis pelos traços caricaturais dos personagens e das cenas.

Texto 2

A matriz tinha sido bassourada por um caiamento desinfectante por amor das sepulturas que aí se faziam, pois, naquela era, defunto ainda era objeto de estima e de terços.

Chegara a quadra das trezentas do padroeiro, o glorioso Santo Antônio,

Que em Lisboa, França e Itália

Deu a luz mais rutilante...

e Orago adotado pelo Alferes Antônio Manuel, o doador do patrimônio.

Junho recebera de maio um tempo lindíssimo. Era uma festa muito arrojada. A Guida, noitária de arromba, ia passá-la na vila.

Logo pela madrugada, música em alvorada no patamar da igreja. A pastoral orquestra se compunha de um clarinete, uma trompa, um pistom, um baixo, os pratos, o bombo, e foguetes. Nada mais poeticamente sáfaro, expresso para acordar até às pedras daquelas paragens, onde poesia pimpa nos chifres da vaca enramados de festões das moitas, e amor, no bordejo do chibo e no focinho do novilho pai.

Tôdas as noites, uma bandeira, a dos noitários do dia seguinte. E, no dia da festa, eram ligados entre si por arcadas de catolé (idéia do Secundino, de que o poviléu caçoava, dizendo que *foia de pé de pau, só pra sítio de Judas*) os treze mastros em cujo tópo o Santo Antônio multiplicado todo se rebolava no madapolão.

Bailes e mais bailes. Criara-se um *clube*, à imitação do da Capital. Justo contentamento para a Lalinha. Só a sanção social da dança

poderia entregá-la de seu ao braço do *cavalariano* tão èbriamente arrochado pela tirana do Poço da Moita.

Lalinha queria fazer pouco nessa rivalidade, de que já desconfiava, e que era a de uma impedida que tinha já o seu dono com as bênçãos do Padre; e o fazia, mas temia. Para o amor que vem de dentro não se disputa simplesmente a mão, porém a carne tôda e todo o ser.

O espírito do mancebo ela o possuía, isto é, tinha o seu dividendozinho também. Mas espírito o que é? Uma angústia de mais.

O *clube* estava em antigo prédio construído no século passado, pelo referido Antônio Manuel — umas paredes de enorme tijolo a tição, cada porta a seu modo, de aroeiras seculares, inteiriças, como se fôra para uma cadeia ou para um forte. O caiamento sempre muito eivado, porque para rebôco amassaram um pouco dêsse barro salitroso, chamado *salão*. Um paraíso para a Lalinha aquêl palácio que o Secundino, se não fôra o momentâneo acêlero de sensualidades, incluiria no número dos pardieiros.

Guidinha em todos os bailes.

Pelo meio da festa, o Quinquim, gigantesco de gordura, *queimando a quadrilha pra variar*, como chalaçava o sobrinho, que era um marcante espalhafatoso de bons dizeres e muita chufa.

— *Alavantu!* — gritava êste, espremendo a mãozinha da Lalá.

— *Gram chêne simples... duple balancê! Mão direita!*

A Lalinha em não sendo seu par, êle abusava do *chancez de dames* e do *promenade*.

Os matutos não eram bastante useiros nas *figuradas*, que até levavam à boa conta. Diz-se que, na festa do ano anterior, um dêles chegou-se a um cavaleiro com quem uma sua filha estava estropiando uma polca, e lhe disse formalmente:

— Desgrude-se, moço! — e como foi grande o pasmo, foi muita a aprovação do ato moralizador e isolador.

O Secundino babava-se por gozar de uma *habanera* com a Lalinha. Mas o ôlho desvairado da Guidinha do Poço!

Chegou o dia da missa cantada, 13 de junho. A dança, na véspera, êsteve de papôco: ainda pelas cinco horas da manhã o trombone espirrava para a rua os jactos do acompanhamento, como derradeira brasa matutina das fogueiras.

Lalinha — nem como coisa, nem um resquício de fadiga. Estava realmente sedutora a sua fisionomia inflamada de prazer, e ela, tôda garbo e donaire, tôda movimentos espontâneos e riso provocante. Só fêz mudar de roupa, enfiando um vestido de chitinha desbotada, e afrouxar os cabelos; e lá correu com as outras ao banho, nos poços do rio.

Não houvera orvalho: tempo a secar. No céu de junho, nimbos passageiros entremeados de sopros de vento e o azul ainda enxambrado com poeiragem de vapores.

Iam elas pela vereda. Aqui pedrouços, ali moitas de jerimatais e mofumbo, adiante a areia grossa do rio, que rangia sob o calçado. Guidinha com os seus tamancos, o seu olhar pequeno, a sua vitalidade a desafiar os anos, mais jovem que a juventude, uma criatura que na vida não houvera sentido nem uma dor de calos, deixava a Lalá ir ficando atrás. Ia quebrando as fôlhas das moitas.

Rio abaixo, ouvia-se a algazarra dos homens, em outro poço. E a cada grito, a Lalinha entendia reconhecer o Secundino.

O alarido cintilante da passarada por tôdas as moitas, por todo o bosque, era como se cantassem as próprias fôlhas e grelos. Sua alma ia boiando naquela inundação de arrulhos, de trinados, de piados, de chilreios. O que fôra maio para as flores, era junho para o passaredo.

Subia uma ribanceira, lá do outro lado, metida na sombra de uns pés de umari, pelo sulco do caminho, um grupo de homens com o espetáculo de uma diligência policial. A Guida, querendo saber por fôrça o que isso era, mandou a preta Luísa, que saiu gingando pela areia fora, e sumiu-se entre uns cercados de vazantes. A mancha branca do troço de sertanejos, avermelhada pelos chapéus de couro, reapareceu um instante no tombador, e se acabou.

O grito estrídulo, monótono e quente da seriema, como a clamar pelo sêco, pelo árido, pelo sol, que já rompia o cinzeiro do horizonte, lamuriava nos confins das catingas. A vegetação que acompanhava o leito do rio era de um belo verde-escuro.

Chegaram elas ao poço, enorme tanque natural cavocado pela torrente como que no espinhaço de uma montanha subterrânea, que as águas descobriam dia a dia. Volitavam os maçaricos, zunindo com a asa. Um corrução, com o seu traje vermelho-fogo e prêto-carvão, pilheriava o seu assobio sonoro de dentro de um fechado de

ingàzeiras, onde um punhado de belos anuns azuis-ferretes produzia uma ebulição de chiados, de garganteios.

Atirados os vestidos por cima das pedras, as mulheres caíam na água, uma por uma.

As ondas, uma após outra, para um lado faziam tremer os ramos pendentes das moitas, para outro se desmanchavam na praiazinha de areia, levemente esverdeada de musgos.

Tomaram um banho prolongado como usam sempre mulheres em troça, batendo muito na água e fazendo algazarra.

De volta, passaram pela casa da Aninha Balaio, uma casa de taipa coberta de telha, pousada em um calombo, à beira da estrada real, com uma ampla latada para rancho de camboeiros.

Foram invadindo a morada:

— Sinh'Aninha!...

— Sinh'Aninha Balaio!...

— Sinh'Aninha Cêsto! Açafate! Caçoá!

— Sinh'Aninha Panacum!

— Sinh'Aninha Grajau!...

— Ó mulher!

E toca risadaria.

Sinh'Aninha apresentou-se de cabeção, com a sua saia nova e muitos rapapés e medidas:

— Senhoras sejam desta casa, minhas donas! Aqui está a serva de vosmecês...

— Tem caxaça? — disse uma gaiata.

— E mocatoró? — disse outra.

— Cada qual interra seu pai como pode... Desculpem o meu falar! — continuou ela com ar de riso, exalando um indiscreto fartum de aguardente. — Com Deus adiante, o nosso brinquedo acabou-se em paz, graça ao Senhor Santo. Aqui nesta casa non houve baruío, com Deus adiante... Xentes! Olhe ali a Seá Dona Guidinha, a fulô desta redondeza!...

E por aí além, sempre *com Deus adiante*, ria e falava, tôda agachamentos e meneios como se estivera ainda a bater castanholas na roda.

As meninas entraram a puxar por ela, prodigalizando gargalhadas à custa do alegrão da boa vendeira e conhecidíssima rancheira.

— Meu bem, se assente, Guidinha! Eu chamo ela Guidinha... Ora! ora! a Guidinha do Capitão-Mó, que eu conheci pequenina! Ora, mamando! Você ainda se alembra do meu lançol, que você queimou com as outras com traque de São João, menina? Isto é que foi menina encapetada...

— Com Deus adiante — disse a Lalinha, a rir de estar ela a chamar *menina* à Guida — com Deus adiante, nós dé cadeiras...

— Não hai, home! Cadeira não hai, hai môcho. Duas cadeirinha que eu tive os camboieiros quebrárum. Hai môcho...

Trouxe com efeito assentos de pau. A Guida queria ali esperar pela escrava Luísa, para ter logo notícia do que o barulho foi.

A Aninha Balaio daí fêz uma ausência, lá para dentro, como se fôra dormir sem mais cerimônias. Quando apareceu, foi com cinco xícaras de café fumegante, dispostas em uma velha bandeja enferrujada, mas esfregada:

— Não arreparem, minhas donas! — dizia muito espigaitada. A loicinha é véia, mas porém o café é bem torrado... Ninguém torra como esta velha, e a rapadura é boa, do Cariri...

Cobriram-na de aplausos. Ninguém melhor que o sertanejo pobre sabe agradecer a tempo e a propósito.

Com pouca demora apontava de novo, lá ao longe, na ribanceira, mas de frente, o magote de homens seguidos por um a cavalo, empanado de prêto, que era a autoridade.

— Não houve rusga no seu samba, não, Sinh'Aninha?

— Em tão boa hora digo: Inhora, não. Não vê logo! Em casa de Ana Constância da Purificação, com Deus adiante, nunca entrou justiça... Com Deus adiante, em boa hora diga!

— Na verdade, você tem condão.

— Eu acho que é pauta...

— Minhas fia! aqui só tem é a porteção de Deus e Maria Santíssima, e do Senhor Santo Antônio, e abaixo de Deus o respeito desta cabra véia que vosmicês tão vendo... Eu cá não boto água a pinto.

O chão indicava, ainda fresquinho, o ciscado dos sapateadores.

— Foi sambão, heim?

— O nosso brinquedo se acabou cedo ca notícia do barulho que houve da outra banda... Diz que puxaram faca, e foi pau por riba do

tempo. Sabe quem passou por aqui se escondendo e me contou? Foi o Naiú, ali da Seá Dona Guidinha...

— Hem? O Naiú!

— Podera não! Levou úa birra que fêz-lhe um galo na cabeça...

— Aí, negro!

— Vosmicê tem ali um valentão, minha dona. Se não sabia, vá sabendo... É de fôrça!

— O Silveira andava com êle... Teria também se metido no rôlo?

— Eu não sei, o moleque non me quis explicá nada... Ia-se escapolino que ia desesperado!

As meninas continuaram a prostrar com a Aninhas.

Luísa chegou passado um bom pedaço, exagerando muito:

— Foi um barulhão, minha Senhora... Mó do Zé Tomais, qui mexeu ca charrua do Chico Mão-Quitola!

— Olhe o Seu José o que andava fazendo! E êle foi prêso?

— Inhora, não. A tropa vinha aí atrás... Um vaqueiro da Lagoa levava uma facada no braço... Diz que trovejou foi muito cacête... O tocador da rabeca vinha

prêso.

E que houvera com o Silveira?

Achava que fôra pegado também.

— Veja em que dão as vadiações!

— Pior poderia ser. Não morreu ninguém, graças a Deus.

— Lá vêm êles!

Afinal a escolta assomava no cotovêlo do caminho. Vinham três homens com as mãos para trás, amarradas com cordas. Vinham cercados por uns doze cabras de cacête, um sujeito de óculos com cara de defunto, muitos curiosos e uns parentes dos presos.

A um sinal da Guida, a autoridade, que montava um cavalo ruço, fêz parar o grupo em frente à latada. O Silveira, que era um dos melros, tentou dar um passo fora do fecha-fecha, mas os guardas o repeliram:

— Tá bebo, cabra! Você faz-se bêsta. Você aqui não ginga, não, cabra!

— Cabra, não faça ação! ameaçava o outro.

Aqui o prisioneiro ergue a cabeça, empina-se e grita:

— Valha-me, Seá Dona Guidinha do Poço!

Era a voz do pobre Silveira, minha gente!

Com esta invocação fatídica, em uns manifestou-se um sentimento de piedade, em outros de indignação.

Todos conheciam que a intercessão de Seá Dona Guidinha era tiro e queda.

— Estás desarmada, Justiça! - murmurou consigo o subdelegado.

— Esta mulher é terrível. Não vejo na vila que lhe resista.

Uma voz, dentre os policiais, chicanava para o prêso:

— Camarada, pegue-se com Deus que é santo véio!

As meninas olhavam para a turba com um ar de espanto e receio. A Ana Balaio, entretanto, muito solícita, abeirava-se até ao subdelegado, arrastando os tamancos no cascalho duro do solo, e o intimava que a Dona Guidinha estava chamando o Seu Cosme. A autoridade já ia obedecendo ao simples gesto da matrona. Ninguém sabia desatender à prestantíssima herdeira do Capitão-Mor.

— Compadre, que é isso? — disse ela para o subdelegado. Solte ao menos o Silveira, que é meu vaqueiro.

— Tá prêso pra recruta! — respondeu a autoridade.

— Você não me dirá para que o Rei quer mais gente? Como é que se arranca um pobre dos braços de sua mulher e de seus filhos para mandar de presente para o Rio de Janeiro? Só porque num dia de festa saiu do sério?

O subdelegado ficou calado um pedaço, como a refletir. Depois, sem nada mais acrescentar, disse apenas, num gesto rápido e decidido:

— A comadre está servida, louvado Deus.

E o bom matuto foi sair logo ao terreiro e gritar:

— Meus senhores, viva o Senhor Santo Antônio!

— Vivô!

— Vivô!

— Viva quem não deixou nunca de acudir aos pobres nas suas precisões e avexames!

— Vivô!

E voltando-se para o sujeito de óculos, o inspetor de quarteirão, ordenou:

— Cumpade Chico Beleco, solte os home: quem aresponde sou eu.

E foram soltos com a sanção geral. Guida procurou pelo Silveira, mas êste havia desaparecido. Foi envergonhado, coitado!

Ana Balaio, durante tôda a semana, não teria outro assunto senão o ato da *fia do Capitão Mó*.

O sino dava o primeiro toque da missa, com repiques e foguetes. Aninha, sacudindo as saias, exclamava:

— Ai, Zsus! Olha, é missa cantada! Vou já me aprontar...

A Guida ia caminho, entre o seu grupo de moças, ao delicioso sol daquela fresca manhã de junho. Com uma impressão adorante e sensual, as moças caíam os cabelos soltos pela alvura das toalhas abertas sôbre os ombros em forma de romeira. Avistava-se, para dentro da vila, o movimento de cavaleiros que chegavam para a missa da festa, que ninguém perdia. No ar azul, estalava a fumacinha escura dos foguetes.

(PAIVA [1891] 1952, Livro Terceiro, II, p. 96-103)

Sugestão de estudo

Observar os recursos usados para a criação da atmosfera sertaneja ao lado de recursos próprios da prosa regionalista, especialmente os de natureza fraseológica (locuções, provérbios, ditados populares etc).

Texto 3

Ali ao pôr-do-sol, o Néu arriou no terreiro duas cargas de malas, que tinham ido para o Vavaú, uma com umas vendinhas da mãe, a saber: garapa de babão, queijo de cabra, fumo e lingüiças; e a outra, sua, que levava impando de melancias. Atrás, vinha ela, a Mercês, com um filho no quarto, encoberto pelo xale novo, modo do sol, e seguida por mais três meninas:

— Anda depressa, menina! — ralhava para a mais ronceira.

O Seu Antônio, que não retirava o pé da fazenda desde que implicou com o Silveira, os recebeu alegre à porta.

— Pegue esta criança, home! Que eu já venho cansada demais, disse-lhe a mulher, soprando de fadiga.

— Divertiram-se bem? Na verdade parece que não queriam mais vir. Foi bom, hem, minha fia?

— Aproveitando o negocinho, home! explicava a Mercês. Apois nós havera de voltá ainda cas malas cheias? Veja lá cuma vendemos cage tudo.

— E as tuas melancias, Néu? Reputaram bem?

— Inhor, sim. As mais baratas fôrum pur trê gintém. O povo mó que tava ca língua sêca de sêde... Non havia garapa, nem cana, nem melancia qui chegasse po povão.

Depois, olhando insensivelmente para o caminho por onde vieram:

— M'pai? Òi p'acolá... Lá vem gente.

A Mercês assentara numa das cangalhas, para descansar, e tomar um folegozinho antes de ir para dentro. Atentaram todos para o caminho.

— Espere! Por mó de que só vem um home e ûa muié? E quedê lo Seu Majó?

— É o quê, menino? Hão de vi três pessoas para mais.

— M'pai, repare.

Um dos pequenos chorava, queixando-se de uma estrepada no pé. A mãe ralhava: bem dissera que não fôsse. Pra que foi? Só queriam viver amarrados na saia dela! O pai o conduziu para o interior, a fim de lavar-lhe o pèzinho com aguardente, que ia mandar comprar do Silveira.

Tinha razão o Néu. Com pouco riscava, de feito, no alpendre da vivenda, a Guida, com a sua chapelina cheia de fitas, e o Secundino, de russianas, chapéu do Chile e correntão.

O Seu Antônio ficou pensando que o Major ficara atrás. Foi para os amos, com o filho, para servi-los no apear, e no mais.

A Guida gritava para dentro:

— Luísa! Naiú! Qual Naiú, qual nada! Anda tudo no mundo. Não se pode arredar o pé de casa. Naiú? Cadê êsses negros?

— Cumade, deixe os nêgo, qui também são cristão. Tamos aqui nós.

As gentes apearam, entraram, conversaram, e nada de Seu Quim.

O vaqueiro não resistiu mais:

— Adonde ficou o Cumpade Quim, Cumade Guidinha?

— Foi com o Vigário para a vila, compadre.

O campônio balançou com a cabeça, franzindo os beiços com enjôo:

— Está bom, já êles pegam outra vez co diacho da política! E depois de uma pausa:

— O cavalo de Seu Secundino fica selado, ou eu solto?

Ninguém pareceu ouvir. Repetiu a pergunta.

— Solte - disse o moço, — que eu não vou mais hoje à Goiabeira, não. Estou muito afadigado.

O vaqueiro, tirando o cabresto ao animal:

— Quem vai à festa, meu Sinhôzinho... H'alo!

E estalou o cabresto no ar:

— H'alo! Vai pro pasto, ca'lo!

Passaram o povo do Silveira e outros moradores, todos recolhendo da folgança, bem como o Naiú, a Luísa, a Corumba, e demais negrada. Em casa ficara só a Maria Velha, cozinheira, resmungando e comendo.

Guida mandou apressar a ceia, para ir logo descansar os ossos na sua rêde.

Fecharam-se as portas cedo, no cansaço geral de nove dias de vai e vem.

O Seu Antônio, descansadinho de seu, êsse ficou no seu terreiro até mais tarde, sem sono, de tição e cachimbo, acororado sôbre um toro de pau, apreciando a frescata que lhe trazia o vento.

Era o quarto crescente, e a lua, pendida para os serrotes do Papagaio e Batista, no céu varrido pela ventania, atravessava nuvens e nuvens brancas e céleres. O caminho do Vavaú, que vinha enforquilhar perto de casa com o de Cajazeiras, aparecia além, no pau-brancal meio desfolhado, ao luar claro como dia. O vaqueiro não tirava o Major da imaginação. Seus olhos só queriam ver o patrão no seu cavalo gordo, paco-paco, do Vavaú para a vila com o Vigário.

— Home véio bôbo, meu Deus, refletia o campônio, depois chega non querê largá a danada política! Mode que non viu o inzempro das inleições de dezembro. Credo! Triste fado o dêstes homens ricos, qui non vejo precisão de se meterem em semelhantes cipoais.

Os cães ladraram para o caminho do Vavaú, e Seu Antônio notou que por êle vinha um vulto a cavalo. O vulto adiantava-se. Seu Antônio conheceu que era um vaqueiro, e disse de si consigo:

— Home, aquêle mó que é dos que dão um vintém pra não entrá e um boi pra não sai? Aí no duro!

O cavaleiro apresentou-se. Era o Torém.

Parou no terreiro do camarada:

— Boas-noites, S'Ontônio. Mande-me cá um tiquim d'água, por seu favô.

— Deus dê as mesmas. Tu agora é qui vem, home?

O outro olhou para o céu, avaliando as horas:

— Mode que as dez já se foram?

— Estamos nelas, meu amiguinho. Veja a que hora um vaqueiro vem de novena! Aquela Goiabeira vai na mesma regra. O vaqueiro no samba, e o patrão...

O Torém, apeando com preguiça, ao ranger do couro da perneira nova:

— Já passou?

— Tá i dormindo. Dixe que hoje ficava aqui no Poço, prunque vinha muito cansado.

E com vagar, sentando-se ao pé do Antônio, o Torém tirava o cachimbo da perneira. Botou-lhe o fumo. Entrava em nova conversa, com uma fala visivelmente comovida:

— Mas, meu camarada, você raia comigo porque me arrecoio tarde?... Eu tive motivo pra isso...

— Qualo foi, meu amigo? Foi algum sarrabuio mó das cunhãs?

— Foi um assassinato. O Lulu Venanço matou a muié.

— Virge! Mó de quê, home? Que desgraçado! — exclamou, erguendo-se presto, o honrado vaquiano.

— Mó de ciúme. Outros dízim que êle pegou ela em fragrantés.

— Cuma foi isso?! Conta lá tudo...

— Nós tava num sambinha, im casa do Jom Bodoque, ali de-jun daquele marmeleral do canto do sítio do Seu Capitão Miguelzinho...

— Sei bem onde é. Tem até uns marmeleros muito bons pra cêrca de caiçara...

— Você sabe que a bodega do Jom Bodoque tem assim um balcão de taipa, e pô detrás, ãa prateleira de tábua de caxão cúas umas garrafas, loiça e coisas de venda...

— Dizim inté que êle tem ajuntado seu vintém ali naquela bera de estrada, acrescentou o Antônio.

— Entonce, estavam lá arranchado uns comboieros que tinham arrumado o eito, assim pũa banda, ia porção de surrão de mio, que fazia assim mod'um escuro. Aí diz que vírum a mulher do Venâncio non sei cum quem, cúas umas partes de tomá bebida, enquanto o povo no terrêro apreciava um cantadô de fama, qui era um dos comboiero donos do mio. É verdade que eu vi êle vendendo, apois tinha muita confiança co Jom Bodoque e a familia...

— Tá meio veiacó isso, mais vamo lá.

— Vamo lá pra donde? A coisa é esta mesma. Quando viu-se foi os gritos da pobe e aquêlo home correndo po marmelero...

— Veja em que dão os tais intêro dos osso... Dão in intêro de vera! Tome êsse imzembro, Seu Torém! Festa, a gente cumpareceu, fêz ali o seu dançadozinho, e boa romaria quem im sua casa está in paz... Té loguinho!

— Mais entonce, continuou o outro no fio da narração, a pobe ainda chegou a corrê, tôda ensangüentada, ca facada no peito, gritando que Seu Jonzinho lhe acudisse... Mais, porém, pouco aturou...

— Deus lhe fale nalma, pobe infeliz! Se teve crime, Deus lhe perdoe. Mais também, se teve, o Venâncio fêz o que quauqué um faria no seu lugá... E qui é dêle?

— O Venanço? O povo do samba arrancou a bem dizê todo atrás dêle, eu só via gritar: Pega o cabra!...

— E pegárum?

— Qual nada! Parece que a terra se abriu com êle. Mó que aquilo era o Cão, não era criatura humana, não, Sinhô.

O velho vaqueiro entrou a fazer ponderações a respeito da gente de então. No tempo dêle... Ora, no tempo dêle havia outras capacidades e considerações. Não vê que quaisqué se astrevia a mexê ca muié do outo! Ói lá o bacamarte, pah! puh! e adeus, minhas encomendas! Qual crime o que, lavá a honra não era crime. Mais hoje em dia está tudo diz que aperfeiçoado... Tibe! Arrenegava de semelhantes melhorias.

Daí o Torém, quase em cochicho, pela paridade dos ossos:

— Mais, S'Ontonho, me diga ua coisa, que eu guardo o maió sigilo, aqui sôbre os nossos amos. Terá fundamento o que já andam murmurando por aí?

O outro continuava batendo com a cabeça do cachimbo para limpar a cinza.

O luar banhava-lhe os cabelos e a barba, luzindo a pequena calva sôbre o meio-escuro dos olhos. Mirou grave e atento para o interlocutor, e, querendo cortar a conversa, como se tivera feito à consciência uma consulta rápida:

— Meu fio, respondeu, não julgues o bom por bom nem o mau por mau, que antes absolvê um culpado do que condená um

inocente. Eu non meto a mão no fogo por Pêdo nem Paulo; mais, porém, de minha parte non posso jurá nem que sim nem que não, o que está no coração só Deus é quem sabe, pesá de que nada se faz no escuro que não suba ao teiado... Acho mió qui tu não cuide nestas coisa, te importa só co gado alheio pur que tu arrespondes, que o tempo é pouco pas obrigações. Dexe lá o mundo com seu falaço.

O Torém não rebateu a sensatez do amigo, antes concordou:

— Tem razão, S’Ontonho, tem razão. Eu não vou dá contas a Deus pur êles...

— A-q-u-i, aqui, meu Sinhozinho.

— E com essa, vou-me chegando.

O Antônio ergueu-se, para recolher-se também. Apertou a mão ao colega e se despediram. Com Deus amanhecesse. Viu-o desaparecer, finalmente, no luar, ao chouto do cavalo de campo.

— Deus te conserve! Deus te conserve! murmurava em voz baixa, com ar de satisfação, por ver que o seu protegido não desmentia a opinião que dêle havia dado.

Calculou que horas seriam, e entrou.

A mulher estava logo ali, sentada num môcho, como se quisesse falar-lhe coisa importante.

Duas vêzes, com efeito, havia ela tratado ao marido a respeito do apêgo da Guida; não se conformava com a sua opinião. Agora mesmo tinha percebido, de ouvido atento, o final da conversa dêle com o Torém.

— S’Ontonho, disse ela, caminhando para êle, que estava fechando a porta, acho muito bom que você diga aos estranho, a respeito da falta da nossa ama, o que disse ao Torém... Mas, meu véio, cá por casa outro gallo lhe canta... Olhe, eu juro por Deus que nos vê, eu meto a mão no fogo cuma ela atraíço a Cumpade! E a coisa tá tão inraizada qui só mesmo aquêle Deus do Céu pode pôr têrmo a semiante peguero. Ali, istá sem bença.

— E ao depois? Qui temo nós ca alma dos outros? Quem tivé sua alma que faça boa obra, pra não í pro inferno...

— E o que não é de sucedê, S’Ontonho? Será pussive que o Cumpade Quim nunca chegue a precebê? Pois que diacho de home então será êle? E o escândio, S’Ontonho? As nossas fiinhas, uma já se pondo cage moça, pódim lá vivê na virtude com semiante pecado

entrando pelos óios aqui mesmo dijunto? E logo dos amos, S'Ontonho?...

O calmo vaqueiro sentia um apêto nas carnes do rosto.

Fungou a pitada de torrado:

— Fala baixo, Mercê, olha os menino não oiçam... Mas o qui nós havemos de fazê?

— Vamos-s'imbora dêste lugá! E me diga: Você pensa que os Silveras non acabam pur lh'intrigá ca Cumade, non lhe fazem os pontos? E se aquêle cabra tivé um dia a odaça de tocá no nosso filho Néu?

— Mas i-s'embora como? Que dê lo motivo? Eu non hei de agora chegá jun-da Cumade e dizer sem mais preambos: Vou m'embora! Vou m'embora!...

— Meu véio, qualo é a mola do mundo?

— A mola do mundo? Sei lá de molas, home!

— Apois eu sei, é isto!...

Coçou a cabeça do dedo grande da mão direita com a do fura-bôlo.

— Vamo vendendo nosso gadinho, bem caladinho e guardando o dinheiro no fundo do baú... Adonde nós chegá, com dinheiro, tamo bem, e saúde nos dê Deus. Vamo-nos apreatando, que eu lhe juro que non faltará casião de você se despedi...

O velho vaqueiro sentou-se ao pêsso de tamanhas cogitações. Passava e repassava os dedos por aquela barba respeitável, de que um cabelo era penhor bastante para a sua palavra de homem.

— E você non sabe? — continuava a Mercês — no Vavaú não se falou noutra coisa. O povo já tava capinando de rijo no caso, e dizia que o mancebo andava jé com muita galizia... Diz que adonde êle chegava, era tal proque assim, proque assado, proque sobrinho de Dona Guidinha do Poço... não lhe fartava nada. Mas no caso a tenção dêles era outa... Bem que viam nêle a menina dos óios dela! Aquilo era tratado pelos homens ricos à vela de libra, e tava até ficando ca cara trocida mode que de grandor. Diz qui espaiava que non era pra se casá cum matuta do Ceará, que são úas brutas...

A Mercês desembuchou a valer. O marido, meio abalado na sua opinião, passou a noite mal; e bem cedo mandou o Néu tirar o leite das poucas vaquinhas de verão, indo pôr-se de tucaia para verificar

com os próprios olhos se o Secundino havia dormido lá dentro ou se num dos quartos externos, como fazia dantes.

Com pouco, lá vai o Naiú pegar o cavalo do Seu Secundino, e Sua Senhoria apareceu do interior com uma cara lavada. Seu Antônio deixou cair a cabeça, fêz o pelo-sinal. Seu espírito ficou balançando como o ramo donde voou uma ave.

O Quim demorou na vila, para não fazer viagem na primeira segunda-feira de agôsto. Andava sofrendo do fígado, dizia. O seu velho e bom amigo o cirurgião Sampaio havia chegado de longo passeio à Côrte, aonde fôra gozar os seus vinténs e tratar da colocação de um filho bacharel, que já se achava habilitado para juiz de direito, e como de fato o encaixou.

Êsse resultado e mui outras novidades contava o cirurgião ao Quim, que ao mesmo tempo o consultava a respeito dos males que dizia sofrer.

— Você não tem nada nesse fígado! respondeu o prático, maliciosamente. São cismas. Você tem alguma coisa... lá isso tem, mas, a falar verdade, não posso saber o que será...

— Acha bom então eu ir à Capital?

— À Capital ou ao Rio de Janeiro, que aquilo é que é terra! Viajar far-lhe-ia muito bem... Viajar! Que recurso enorme para certos males!

O Quim voltou satisfeito com o abalizado conselho. E o Padre, ao saber disso:

— Vá, homem! Vá ao Ceará, ao Rio mesmo, se precisar, ou ao Recife, que é um lugar importante.

O homem tomou jubiloso o caminho do Poço da Moita. O cirurgião Sampaio lhe dissera que fôsse consultar aos médicos da Capital... Quando a Guida o soubesse concordaria logo, porque a palavra do cirurgião era uma sentença para aquêlo povo. Êle ia, mas sim para conversar longamente com o Padre Brasil, chefe do Partido, a respeito da melhor maneira de realizar o seu desquite... que no sertão não havia gente bastante enfarinhada nessas questões:

— Aquêlo Padre João Franco só tem é prosa! — dizia de si consigo.

Estrada afora, parou em casa da Aninha Balaio. Esta achou que êle andava meio cabano:

— Terão le botado feitiço? Ói lá! Non vá caí nalgúa. Deixe-se de andá pandoiando...

— Feitiço só pega quando Deus é servido, Aninha. Faça-me lá uma xícara de café, ande.

— Agora isso é assim mesmo. O Cão também tem os seus poderes, para castigo dos pobres pecadores. O Major não conheceu a Chicorra? Aquela que estêve com o Capitão Chiquinho? Apois um dia ela entufou em querer que o Manèzinho da Minervina fôsse aquêla dela, mas o minino só fazia negá o estribo, que a cabra mesma era munto da enjoada. Ela fêz quanta urucubaca havia nêste mundo! Um dia pegou nus ossos de minino pagão, que de nada lhe serviram, e desesperou-se e queimou... Mas o caso que queria dizer era êste: Que a cabra um dia fêz café de sapo torrado para o minino, mais porém o minino não foi quem bebeu. Quem bebeu foram as amigas dela, a Anastácia e a Joana Boneca...

— E não ficaram doentes?

— Não ficárum, não, porque não era pra elas.

O Major sorriu. Que ela não lhe fôsse dar também café de sapo torrado...

— Não vê! Esta mesma anda bem com Deus e a Virge Maria, e não tem sua alma pra negócio...

Ao partir, o Major pagou-lhe com uns dobrões o café e a sêca. Deu de rédeas, dizendo a rir que se lhe botassem feitiço, viria ao seu consultório. E largou-se.

O calor lhe batia pela direita, um pouco para a frente. A estrada seguia, procurando desviar-se dos pontos mais acidentados, talhada amplamente entre as duas bordas de mato.

Mão na rédea e mão no cabo do guarda-sol aberto, lá se ia o Quim com ar de vigário, o olho meio pisco pela quentura. O cavalo, caminho de casa, marchava ligeiro e macio que fazia gôsto. Ali pelas nove horas deixava à direita a estrada real, depois de dar bons dias ao Arão, e com um pouquinho galgava o pátio da fazenda.

Seu Antônio foi receber o amo com ar de quem ampara um doente. Muita solicitude.

A Guida estava comendo melancia lá para detrás, e ao ver o marido reapareceu:

— Oh! Pensava que não vinha mais! - disse com uma cara muito singela.

— E por que não?... Consultei o cirurgião Sampaio... Não te disse que ia vê-lo?

— Consultou? E o que disse êle?

— Disse que não pode saber o que eu tenho...

— Ah!...

— E é de opinião que eu viaje, que vá até mesmo à Côrte, se for preciso, porque lá...

— E por que não vai?

— Você que acha?... Eu queria ir sòmente ao Ceará. Creio que...

A mulher encolheu os ombros. De dentro ela estava dizendo que se tivesse ido ontem, hoje já fazia um dia.

E disse:

— Eu acho bom. Mas então, é ir logo... Com a saúde não se brinca...

Depois, tornando-se a pouco e pouco expansiva, combinou prepararem as coisas de modo que o marido partisse naquela semana.

Então o Quim, que se estava fazendo conversador, contou o caso do crime de Lulu Venâncio. Ela já sabia. Matara a mulher com uma facada no peito. E tinha a participar-lhe, sobre êsse tanto, que o Lulu viera se valer dela, que amanhecera escondido no cercado, que ela o fizera montar a cavalo e seguir acompanhado pelo Naiú e o Silveira para o Riacho do Sangue...

— Você fêz isso, Guida?!

— Fiz, sim. E você também não homisiou ao seu sobrinho?

— Não, mas é que nós estávamos de cima. A política...

— A política é pra lá pra fora. Aqui dentro somos nós.

— Está bom! — acordou por derradeiro o Quim. — O que está feito não está por fazer.

E largou-se para a casa do Antônio.

A Guida, vendo-o pelas costas, deu linha aos seus pensamentos íntimos:

— Será que êste homem se julga mesmo doente de verdade? Ou estará ficando doido?... Não haverá ali dissimulação de alguma trama?... Quererá vingar-se?... Naturalmente, fazer que está longe e aparecer de sopetão... Pois está muito enganado! Verá! O boi sabe que cêrca fura.

Bufava. Mas quando a raiva lhe era extrema, concentrava-se para a ação, e não gotejava pingo de palavra. Começou a viver

sempre de prevenção contra qualquer hostilidade, e muito dengos para o Quim.

O Secundino aparecia agora raramente no Poço da Moita, isto é, na vivenda, visto como era morto e vivo no rancho do Silveira, que de sua parte Guida freqüentava também com alguma assiduidade.

O Quim notara que uma vez por outra chegava um brochotezinho do agregado com recado para a Guida, que a Carolina mandava, e a Guida se largava de pano na cabeça. Um dia perguntou ao Seu Antônio *que conluio era aquêle da baixa*. Seu Antônio que respondeu? Respondeu assim:

— Não sei, Inhor, não. Pois eu já não disse à vosmicê que daquela gente de Silveira só quero a distância e o sussego? Falam muito dêles, mais gente minha não se envolve nisso. Eu sou home muito fora de certas coisas.

— Mas o que era que falavam?

Sabia lá! Entrava-lhe por um ouvido, saía-lhe pelo outro. E com intenção: Só sabia, sim, que quem bem me avisa meu amigo é. O cumpadre que deu tanto valor àqueles forasteiros, é que sabia o que êles valiam. Antõe Morera não era gente de dixe que dixe... O cumpadre porque também não dava uma volta por lá?...

— Para quê? Não perdi nada lá...

— Mais tão debaixo do seu facão. O cumpade não deixa de arrespondê pelo que se passa nas suas terra... Mais isto non é de minha conta. O cumpade dê licença, eu ainda hoje tenho d'i no Timbó.

O Antônio saiu remoendo: Por que é que o amo parece que receava ir à baixa? A comadre ia lá tanto... O homem mó de que tinha mêdo de si... Seria possível que ainda estivesse de olhos fechados? Não, não era, modo de que êle estava era manhosando pra fazê alguma... Em que andava êle metido, minha Nossa Senhora! Bem razão tinha a Mercês: passar os bichinhos no cobre, que ali não podia deixar de acontecer algum destroço.

O certo é que, antes que findasse a semana, houve uma rija altercação na vivenda, resultando daí o Quim botar o Secundino de porta fora.

O Nêu testemunhara a cena, e chegou em casa contando:

— M'paj, o negócio tá ficando feio...

Não sabia? Pois êle tinha ido falar com Seo Major pra dizer que a vaca que êle queria que matasse pra matotagem estava amojada, que era melhor matar a *Ponta-baixa*, que estava enxuta e há dois anos não tomava cria...

— A *Ponta-baixa*? antes matar aquela roxa...

A roxa era piauí e estava magra... Mas então o Seo Major estava assim assentado no canapé, e o Secundino recostado na cadeira grande de couro, fumando charuto, que era coisa que aquilo êle não largava. E Seu Major vai e diz assim:

— Pois o senhor está na obrigação de se justificar, modificando os seus hábitos, endireitando o seu procedimento. O senhor bem sabe que a calúnia só quer é um pezinho...

— Hum! fungou o velho, como sentindo uma inhaca. Tratando por senhor? Estavam bem principiando, na verdade.

— E vai o Secundino se alevanta e arresponde: – Não tenho nada que me justificar.

— Hum! Ah, eu lá!

Vai o Major rebateu que tinha, sim. Então o Secundino puxara um papel do bôlso, e dissera:

— O senhor é que me deve dizer o que é isto. Os nossos parentes estão certos de que eu aqui sou um infame por causa das calúnias do senhor, que o senhor mandou dizer-lhes. Esta carta é do tio Pedro Paulo... O senhor sabe o que escreveu a êle...

— Sei, sim, disse o Major, levantando-se e gritando, amarelo. Pedi que o fizessem retirar daqui!...

— Oê! A mina já estava ardendo quando eu nem desconfiava, pelo que me tá parecendo, disse o Antônio.

O Néu continuou:

— O Secundino inchou nas apragatas, e quando vi foi cada quau gritando mais improado, e por derradero o Majó dizer:”Puxe pur aqui, seu cachorro!” O home tava segurando na costa da cadeira, com um se quisesse quebrar a cara do outo. O outo non teve dúvida. Saiu cumo um raio, pulou no cavalo, que estava no terrero e avoou no caminho da Goiabeira. Eu cá dixei assim comigo: Arre, diabo! Conheceu home!

— E onde estava a comadre Guida?

— Acho que estava lá pra dento. Aí fora só tinha êles dois.

O Antônio, vista a marcha dos acontecimentos, foi conferenciar com a mulher, que se gabava sempre de ter o pensamento fino. E resolveram: Vamo-nos embora com Deus e a Virge Maria!

Já o vaqueiro havia contratado a venda dos seus novilhotes, e na primeira feira empurraria o gado errado. As reses não estavam por muito preço, mas paciência.

Entretanto, como que o diabo mesmo as estava tecendo. Dois dias depois da rusga dos dois parentes, aí vem mesmo certinho um motivo irrecusável para despedida do velho vaqueiro dos Reginaldos. Deu-se assim:

Vinha chegando o Silveira, com as suas alpercatas: *chêco-checo*, na sola dos pés, chapéu no olho, cacho na testa, paletó prêto velho por cima da camisa, e esta por fora da ceroula.

O Quim, deitado na rêde, no cupiá, senta-se e o chama e conversam baixo, animados. Era ao pôr-do-sol. O Quim ergue-se e entra para a sala, dizendo com evidente enfado:

— Pois eu não esperava isso do senhor!

O outro vai entrando atrás dêle. É o tempo que o Antônio vem pelo corredor com a Guida, que o mandara chamar para dar-lhe umas ordens.

— Pois não tinha qu'esperá senão isso! disse o Silveira. Eu não posso negá entrada em minha casa a quem nunca me ofendeu até o presente. O senhô pode fazê o que quisê, que a terra é sua...

— Agora, vira-se o Quim com uma raiva contida a meio, a culpa é minha. Bruto! Bruto! acrescentava dando cocorotes em si mesmo. A culpa é minha... porque você foi sempre um cabra muito ruim! explodiu.

O cabra, animado pela presença da ama, como o novillo meneando os chifres para a briga:

— Seu Majó, Vossa Senhoria saiba que êste cá non é cabra *de Dá ca tua quenga*, não! É verdade que eu cheguei aqui como lá diz, como pobe tatu... mais porém tenho visto mundo e as capa do fundo pra adquirir cum que me arremedeie, e a sua muié qui non me dexe minti...

O Antônio ia-se chegando para o pé do amo, como quem não quer e querendo.

— Há muito tempo que eu conheço as suas gentes de Pernambuco, prosseguia o ex-retirante. Os meus moleques non têm

qu'invejá a sua branquidade, e no mais... o aleio busca seu dono. Vosmicê me chamou *cabra ruim*, primita que eu corresponda: Mais ruim é quem me chama...

O fazendeiro ia ficando fulo. Autoritário e cobarde, grita como fizera ao Secundino:

— Por aqui, seu cachorro!

Mas, pelo brando, o cabra, sob o olhar animador da ama, vai caqueando nos cóis:

— Inda mais êste bafo! - rosnou com um sorriso canalha. Vosmicês mode que pênsum qui tatu põe ovo e que no céu tem moita...

E quando se viu foi aquela parnaíba desembainhada, que o cabra tinha na mão. Mas, antes que se mexesse, cai-lhe em cima a musculatura do vaqueiro Antônio, com um urro:

— Cabra, não faça ação!

O Silveira largou a faca e escapuliu, vendo que era trabalho perdido. Quando o Antônio olhou, achou-se sòzinho com a faca na mão, e ali o Quim muito amarelo, sem poder pronunciar uma sílaba. A Guida havia desaparecido. Tinha-se trancado na camarinha. O vaqueiro, então, com um ar de solene desprezo, sacudindo a faca no meio da sala, saiu dizendo para dentro:

— Cumade, eu não fico mais neste lugá. Faça favô de ajustarmos contas amanhã, que eu amanhã não anoiteço mais aqui, pelas horas que são.

(PAIVA [1891] 1952, Livro Quinto, II, p. 155-169)

Sugestão de estudo

Examinar os aspectos variados do léxico - a adjetivação, os empregos figurados. Destacar as repetições (bem como as alterações fonéticas, ou seja, metaplasmos) de fonemas, palavras, estruturas sintáticas. Ressaltar como o regionalismo linguístico é predominante no romance naturalista.

REFERÊNCIAS

- FULGÊNCIO, Lúcia. **Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro**. 506f. 2008. Tese de doutorado em Linguística. Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008. Disponível em http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_FulgencioLM_1.pdf
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Disponível e atualizado em 2022 em <https://houaiss.uol.com.br/>
- LUQUE NADAL, Lucia. **Fundamentos teóricos de los diccionarios lingüístico-culturales**. Granada: Educatori/ Granada Lingvistica, 2010.
- LUQUE NADAL, Lucia. Los culturemas: ¿unidades lingüísticas, ideológicas o culturales? In **Language Design** 11 (2009: 93-120)
- MANNION, James. O Livro Completo da Filosofia. 5.ed. São Paulo: Madras, 2008.
- MARTINS, Vicente de Paula da Silva. **Estratégias de compreensão de expressões idiomáticas por não nativos do português brasileiro**. 411 f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2013.
- MARTINS, Vicente de Paula da Silva. **Sapienciário Cultural: identificação, classificação e constituição de corpus de culturemas nos romances do nordeste brasileiro**. Salvador, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura/UFBA, 2017. (Relatório Final de Estágio Pós-Doutoral no período de 2016-2017)
- MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. **Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna (volume I)**. E-book. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. Disponível em <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10310>

OLIVEIRA, Gilberto Gilvan Souza. A escrita do tempo e o tempo da escrita n'O Quinze de Rachel de Queiroz. Revista Entrelaces, Fortaleza, ano 5, n. 6, p. 9-23, jul./dez. 2015. Disponível em <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/23391>

PAIVA, Manoel de Oliveira. **Dona Guidinha do Poço**. São Paulo, Saraiva, [1891]1952.

ZULUAGA, Alberto. Introducción al estudio de las expresiones fijas. Frankfurt am Maim: Peter D. Lang, 1980.

ANEXO I - Categorias para análise dos referentes culturais adaptado por Vicente de Paula da Silva Martins à análise literária a partir do modelo de Igareda (2011)

CATEGORIAS PARA A ANÁLISE DOS CULTUREMAS EM TEXTOS LITERÁRIOS, SEGUNDO IGAREDA (2011)		
CATEGORIZAÇÃO TEMÁTICA	CATEGORIZAÇÃO POR ÁREAS	SUBCATEGORIAS
1. ECOLOGIA	1. Geografia / topografia	Montanhas, rios, mares.
	2. Meteorologia	Tempo, clima, temperatura, calor, luz.
	3. Biologia	Flora, fauna (domesticada, selvagem), relação com animais (tratamento, nomes).
	4. Ser humano	Descrições físicas, partes / ações do corpo.
2. HISTÓRIA	1. Edifícios históricos	Monumentos, castelos, pontes, ruínas.
	2. Acontecimentos	Revoluções, datas, guerras.
	3. Personalidades	Autores, políticos, reis / rainhas (reais ou fictícios)
	4. Conflitos históricos	Referências sobre rebeliões populares, lutas armadas, manifestações populares, entre outros conflitos que, ao longo do período colonial, imperial e republicano da história brasileira, relacionados à construção do Estado e da sociedade brasileira.
	5. Mitos, lendas, legendas, heróis	Relatos simbólicos, passados de geração em geração dentro de um grupo, que narra e explica a origem de determinado fenômeno, ser vivo, instituição, costume social ou representações de fatos e/ou personagens históricos, amplificados. através do imaginário coletivo e de longas tradições literárias orais ou escritas.
	6. Perspectiva euro-centrista da história universal (ou outro)	Histórias de países latino-americanos, os nativos, os colonizadores e seus descendentes.

	7. História da religião	Referência ao conjunto de práticas e de crenças, de ritos e de mitos
3. ESTRUTURA SOCIAL	1. Trabalho	Comércio, indústria, estrutura de trabalhos, empresas, cargos.
	2. Organização social	Estrutura, estilos interativos, etc.
	3. Política	Órgãos do Estado, organizações, sistema partidário, eleitoral, ideologia e atitudes, sistema político e legal.
	4. Família	Referência a agrupamentos humanos formados por indivíduos com ancestrais em comum e/ou ligados por laços afetivos e que, geralmente, vivem numa mesma casa.
	5. Amizades	Relacionamento social (compadrio, coleguismo, camaradagem etc.)
	6. Modelos sociais e figuras respeitadas	Profissões, ofícios, ocupações, atitudes, comportamentos, personalidades, etc.
	7. Religiões "oficiais" ou preponderantes	Referência aos sistemas diversos de doutrinas, crenças e práticas rituais próprias de um grupo social, estabelecido segundo uma determinada concepção de divindade e da sua relação com o homem.
4. INSTITUIÇÕES CULTURAIS	1. Belas artes	Referência a aspectos relacionados à arquitetura, à pintura, às artes plásticas, à escultura, música, dança.
	2. Arte	Teatro, cinema, literatura,
	3. Cultura religiosa, crenças, tabus etc.	Edifícios religiosos, ritos, festas, orações, expressões, deuses e mitologia; crenças (populares) e pensamentos etc.
	4. Educação	Referência aos métodos próprios para assegurar a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral de um ser humano; pedagogia, didática, ensino.
	5. Meios de comunicação	Televisão, imprensa, internet, artes gráficas

5. UNIVERSO SOCIAL	1. Condições e hábitos sociais	Grupos, relações familiares e papéis, sistema de parentesco (relação de pessoas, quer por vínculo de sangue (consanguinidade), quer pelo casamento (afinidade), tratamento entre pessoas, cortesia, valores morais, valores estéticos, símbolos de status, rituais e protocolos, tarefas domésticas.
	2. Geografia cultural	Populações, estados, municípios, distritos, localidades, estrutura viária, ruas, países, toponímia
	3. Transporte	Veículos, meios de transporte
	4. Edifícios	Arquitetura, tipos de edifícios, partes da casa.
	5. Nomes próprios	Pseudônimos, nomes de batismos, alcunhas.
	6. Linguagem coloquial, variantes diastráticas, idioletos, insultos	Gírias, coloquialismos, empréstimos linguísticos, palavrões, blasfêmias, tabuísmos, nomes com significado adicional.
	7. Expressões	De felicidade, aborrecimento, pesar, surpresa, perdão, amor, agradecimentos, saudações, despedidas.
	8. Costumes	Modo de pensar e agir característico de pessoa ou grupo social.
	9. Organização do tempo	Época propícia para certos fenômenos ou atividades; estação, sazão, quadra.
6. CULTURA MATERIAL	1. Alimentação	Comida, bebida, chás, ervas (rapé).
	2. Indumentária	Roupa, complementos, joias, adornos
	3. Cosmética	Pinturas (maquiagens), cosméticos (produtos de higiene e/ou beleza, usados especialmente por mulheres), perfumes
	4. Tempo livre ou lazer	Deportes, festas, atividades de tempo livre, jogos, celebrações folclóricas.

	5. Objetos materiais	6.5.1 Mobiliário (móveis destinados ao uso e à decoração de uma habitação, um escritório, um hotel, um hospital etc., objetos em geral.
	6. Tecnologia	Motores, computadores, máquinas.
	7. Moedas, medidas	Real
	8. Medicina	Drogas e similares
7. ASPECTOS LINGÜÍSTICOS CULTURAIS E HUMOR	1. Tempos verbais, verbos determinados	Marcadores discursivos, regras de fala e rotinas discursivas, formas de fechar/ interromper o diálogo; modalização do enunciado; intensificação; intensificadores; atenuadores; dêixis, interjeições.
	2. Advérbios, nomes, adjetivos, expressões	Referem-se às categorias gramaticais classes de palavras que compõem o léxico de uma língua e que são possíveis núcleos de sintagmas: nomes, verbos, preposições, advérbios.
	3. Elementos culturais muito concretos	Provérbios, expressões fixas, expressões idiomáticas, modismos, clichês, ditos, arcaísmos, símiles, alusões, associações simbólicas, metáforas generalizadas.
	4. Expressões próprias de determinados países (idiomatismos)	
	5. Jogos de palavras, refrões, frases feitas	
	6. Humor	

Fonte: Igareda (2011) com adaptação de Martins (2017)

ANEXO II - Quadro sintético de categorias para análise dos referentes culturais adaptado por Vicente de Paula da Silva Martins à análise literária a partir de Igareda (2011).

Categorização por âmbitos	Categorização por culturemas
1.Ecosistema	1.Topoculturemas
	2. Meteoroculturemas
	3. Bioculturemas
	4. Humaniculturemas
2. História, mitos e legados	1.Edificulturemas
	2. Taticulturemas
	3. Personiculturemas
	4. Mitoculturemas
	5. Euroculturemas
	6. Religiculturemas
3. Organização social	1.Ocupaculturemas
	2. Organiculturemas
	3. Políticulturemas
	4. Familiculturemas
	5. Amiculturemas
	6. Socioculturemas
	7. Crediculturemas
4. Instituições culturais	1.Criaculturemas
	2. Articulturemas
	3. Tabuculturemas
	4. Educulturemas
	5. Comuniculturemas
5. Universo social	1.Habiculturemas
	2. Geoculturemas
	3. Portaculturemas
	4. Edificulturemas
	5. Antropoculturemas
	6. Gargaculturemas
	7. Formaculturemas
	8. Costumiculturemas
6. Cultura material	1.Alculturemas
	2. Indumentoculturemas
	3. Cosmoculturemas
	4. Liciculturemas
	5. Mobiculturemas
	6. Tecnoculturemas
	7. Moedoculturemas
	8. Mediculturemas
7. Identidade Linguocultural	1.Verboculturemas

	2. Gramaticulturemas
	3. Reiculturemas
	4. Idioculturemas
	5. Idiomaticulturemas
	6. Humoculturemas

Fonte: Igareda (2011) com adaptação de Martins (2017)

Sobre o autor e a autora

Vicente de Paula da Silva Martins

Natural de Iguatu (CE). Graduado em Letras (1987) e pós-graduação em Literatura Brasileira pela *Universidade Estadual do Ceará* (UECE, 1989, Fortaleza), com mestrado em educação brasileira (1994) e doutorado em linguística pela *Universidade Federal do Ceará* (UFC, 2013, Fortaleza). Possui dois estágios de pós-doutorados em Linguística: UFBA (2017) e UFC (2020). Cursa seu terceiro estágio pós-doutoral, também, em linguística, pela *Universidad Santiago de Compostela* (Espanha). Desde 1994, é professor de Linguística da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA, Sobral). Autor de vários livros na área de educação e linguística, todos publicados pela *Pedro & João Editores* (São Carlos, SP)

Gislaine Costa Cerqueira

Natural de Fortaleza, mas residente há mais de uma década de Frecheirinha, uma pequena cidade no interior do Ceará. Desde muito cedo, apaixonou-se pelas palavras e fez dos livros refúgio em muitos momentos. Cursou Letras – Português, na Universidade Estadual Vale do Acaraú, formando-se em 2018. Buscando fazer parte da vida acadêmica, foi monitora, bolsista de Iniciação Científica, sob a orientação do professor Vicente de Paula da Silva Martins e, nesta oportunidade, estudou “Dona Guidinha do Poço”, de Manuel de Oliveira Paiva, a partir de um processo minucioso de análise lexical, na tentativa de contemplar a riqueza linguística da obra. Atualmente, ainda motivada pelo amor pelas palavras, atua como revisora de textos acadêmicos e com o ensino de produção textual.

“Romance fadado ao esquecimento, seja pela difícil publicação, 60 anos após a morte de seu autor, seja pelo limbo em que hoje se encontra, Dona Guidinha do Poço, de Oliveira Paiva, surpreende, no entanto, pela inovação de tratamento dos principais elementos constituintes da narrativa: o tempo e o narrador, resultando em uma moderna e hábil mistura de ficto e facto – sem dúvida “bizarra” à época, mas que merece a releitura, hoje.”

(Pina Coco, Ipotesi, 2001)



ISBN 978-65-265-0255-6



9 786526 502556 >